Universidade Federal do Rio de Janeiro
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
Escola de Comunicação
Jornalismo

A percepção do tempo através do jornalismo contemporâneo - A valorização do presente e a demanda de memória no jornal O Globo

BRUNO LEAL PASTOR DE CARVALHO

Rio de Janeiro
Dezembro de 2006

BRUNO LEAL PASTOR DE CARVALHO

A percepção do tempo através do jornalismo contemporâneo - A valorização do presente e a demanda de memória no jornal O Globo

Monografia apresentada e defendida como pré-requisito para obtenção do grau de bacharel em Comunicação Social, habilitação em Jornalismo

Orientadora: Prof.Dra.Ilana Strozenberg

Rio de Janeiro
Dezembro de 2006

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Profª.Dra.Ilana Strozenberg

Profª.Ana Paula Goulart

Prof.Mohammed ElHajji

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar a percepção do tempo das sociedades ocidentais contemporâneas através de uma escrita jornalística baseada na valorização de um presente cada vez mais efêmero e instável. Alinhado aos avanços tecnológicos na área da comunicação e ao quadro político-ideológico do pós Guerra Fria, o jornalismo se tornou não apenas expressão de um novo regime de temporalidade, mas também um "sujeito" participativo na construção deste regime. Esta nova forma do homem se relacionar com tempo provoca uma série de mudanças no seio da sociedade, dentre as quais a emergência de uma forte demanda por memória, encorajada pelo próprio jornalismo. O estudo tem como fonte o jornal *O Globo*, dando ênfase ao período que vai de 2005 a 2006.

AGRADECIMENTOS

Primeiro à minha família, que sempre apostou em minha dedicação e acreditou quando eu dizia “sei o que estou fazendo”, mesmo que eu mesmo não fizesse idéia do que falava. Agradeço a meus amigos de Pio XII, que ao longo de quase dez anos me ensinam o significado da palavra amizade. A meus amigos de ECO: Fábio, Thiago, Vini, Bia, Raquel, Ju, Aline, Ana Laura, Renata, Maressa, Babi, Camila, Gabi, Carol, Fran, ou seja, toda a galera que lotou a escadinha. Agradeço a meus professores ecoínos por aturarem minhas perguntas, as convenientes e inconvenientes. A meus professores e colegas da UERJ. Agradeço a professora Ana Paula e ao professor Mohammed ElHaji por aceitarem participar de minha banca. Um muito obrigado especial a minha orientadora Ilana Strozenberg, que sempre me escutou e ajudou com suas valiosas intervenções. Agradeço a todos por me aturarem a falar em tempo, memória e em dezenas de problemas. Um obrigado também ao pessoal do trabalho: Aninha, Rafael, Ciça, Mari e Livinha. Agradeço, enfim, a Talita por ensinar-me o valor do amor e por fazer-me repensar minha vida e meus valores. Sem o convívio com todos vocês eu nunca estaria apto a falar destes temas. Foi ótimo. Eu faria tudo de novo. Obrigado!

A todos aqueles que em tempos de tormenta tiveram a paciência de esperar e a coragem para acreditar uma vez mais.

SUMÁRIO

Lista de Imagens..... 08

Introdução..... 10

Capítulo 1 – O tempo como questão..... 15

1.1 Dimensionando o tempo no imaginário dos homens..... 16
1.2 A construção moderna do tempo..... 23
1.3 A pedagogia do tempo moderno..... 28

Capítulo 2 – Comunicação e temporalidade no mundo contemporâneo: dois eixos de uma mesma transformação..... 38

2.1 O tempo em tempos de Globalização..... 39
2.2 1989: A crise dos grandes projetos ideológicos..... 41
2.3 Anos 90: a explosão das novas tecnologias de comunicação..... 45

Capítulo 3 – O tempo através do jornalismo brasileiro 48

3.1 Jornalismo Contemporâneo: o presente via pessimismo..... 49
3.2 Excesso e superabundância: catalisadores do presentismo..... 66

Capítulo 4 – A demanda de memória no jornalismo..... 70

4.1 A sedução pela memória..... 71
4.2 O jornalismo como lugar de memória..... 76
4.2. Medo do esquecimento..... 83
4.2.2 Busca de referências num mundo em mudança constante..... 92
4.2.3 Mudança na função jornalística..... 95
4.3 Conseqüências do jornalismo como lugar de memória..... 97

Conclusão..... 102

Bibliografia..... 109

Anexo I

Anexo II

LISTA DE IMAGENS

1 Cartaz do filme “De volta para o Futuro”.....17
2 Cena do filme “De volta para o Futuro”.....17
3 Cartaz do filme “A Máquina do Tempo”.....17
4 Quadro de Goya.....20
5 Estátua representando Saturno.....20
6 Imagem em mármore de Saturno.....20
7 Pintura de Kronos.....20
8 Pintura medieval de Kronos.....21
9 Templo de Saturno (Itália).....21
10 Estátua de Chronos.....21
11 Pista de atletismo.....31
12 Ferrugem em ação.....31
13 Alimentos em decomposição.....31
14 Carros velozes.....40
15 Bolsa de valores de Nova Iorque.....40
16 Multidão na rua.....40
17 Teclado de computador.....40
18 Jornal exemplo de “pessimismo” 51
19 Jornal exemplo de “pessimismo” 51
20 Jornal exemplo de “pessimismo” 52
21 Jornal exemplo de “pessimismo” 52
22 Jornal exemplo de “pessimismo” 52
23 Jornal exemplo de “pessimismo” 53
24 Jornal exemplo de “pessimismo” 54
25 Jornal exemplo de “pessimismo” 54
26 Jornal exemplo de “pessimismo” 55
27 Jornal exemplo de “pessimismo” 55
28 Jornal exemplo de “pessimismo” 56
29 Jornal exemplo de “pessimismo” 56
30 Jornal exemplo de “pessimismo” 57
31 Jornal exemplo de “pessimismo” 57
32 Jornal exemplo de “pessimismo” 57
33 Jornal exemplo de “pessimismo” 58
34 Jornal exemplo de “pessimismo” 59

35 Jornal exemplo de “pessimismo” 59
36 Jornal exemplo de “pessimismo” 60
37 Jornal exemplo de “pessimismo” 60
38 Print Screen de tela da Band News.....69
39 Tabela do acervo do IPHAN.....74
40 Jornal exemplo de historicicação.....80
41 Jornal exemplo de historicicação.....80
42 Jornal exemplo de historicicação.....80
43 Jornal exemplo de historicicação.....80
44 Jornal exemplo de historicicação.....80
45 Jornal exemplo de historicicação.....81
46 Jornal exemplo de historicicação.....81
47 Jornal exemplo de historicicação.....81
48 Jornal exemplo de historicicação.....82
49 Jornal exemplo de historicicação.....82
50 Jornal exemplo de historicicação.....83
51 Jornal exemplo de historicicação.....83
52 Jornal exemplo de historicicação.....83
53 Jornal exemplo de historicicação.....84
54 Jornal exemplo de historicicação.....84
55 Jornal exemplo de historicicação.....84
56 Jornal exemplo de historicicação.....85
57 Jornal exemplo de historicicação.....85
58 Jornal exemplo de historicicação.....85
59 Jornal exemplo de historicicação.....85
60 Jornal exemplo de historicicação.....86
61 Jornal exemplo de historicicação.....86
62 Jornal exemplo de historicicação.....86
63 Jornal exemplo de historicicação.....86
64 Jornal exemplo de historicicação.....91

INTRODUÇÃO

Dizia um antigo provérbio árabe que “os homens se parecem mais com sua época do que com seus pais”. Se o dito for verdadeiro – e, no mínimo, possui alguma razão – faz sentido nos preocuparmos com a imagem de “nosso” tempo, pois, em última instância, pode ser a nossa própria. Desta forma, cabe colocar algumas perguntas: Qual e como é nosso tempo? Seria ele lento ou rápido? Dramático ou insensível? Colorido ou uma chapa em preto e branco? Um tempo para se esquecer ou para celebrar-se eternamente?

Se tais indagações são difíceis de responder, mais complicada ainda parece a tarefa de saber onde procurar tais respostas. Talvez pelo simples fato de ser o tempo um dado diferente onde quer que se procure. E se cada homem, de cada época e lugar, possui um tempo próprio é porque um conjunto de experiências, relações e fatores legítimos assim conspirou. Logo, para se entender um determinado tempo ou época – e por extensão um pouco mais de nossa própria face – faz-se necessário dar alguma atenção às várias instituições pelas quais nos reconhecemos como contemporâneos de nós mesmos.

O presente trabalho tem o objetivo, justamente, de investigar uma das instituições que acabam por moldar nossa forma de perceber e sentir o tempo, mas que, em certo sentido, também são expressões de nossos próprios espíritos.

Nos capítulos e linhas que se seguem será analisado o discurso jornalístico contemporâneo, em especial o do jornal *O Globo* nos últimos dois anos. A partir daí espera-se esclarecer os porquês de certos comportamentos, hábitos, demandas, escritas e éticas de nossa sociedade. O leitor irá perceber que a preocupação de tal estudo se presta muito mais a discutir a presença do tempo jornalístico na vida dos homens do que desvendar perguntas diretas como a clássica “o que é o tempo?”. Em outras palavras, mais do que se indagar “como percebemos o tempo, hoje?” será colocada a importante questão de “quais as implicações de perceber o tempo desta forma e não de outra?”.

Partindo do pressuposto que a comunicação e, em especial o jornalismo, representa um centro irradiador de parte de nossas inquietações e discursos, há que admiti-lo como um ótimo “lugar” na procura por respostas. Ou como diria um bom pesquisador, um lugar para se fazer novas e desconcertantes perguntas.

No capítulo I tento colocar o tempo como uma questão nunca sacramentada, desnaturalizando algo que é de natureza humana e produto do social. Retomando

antigas sociedades, como a grega e a maia, procuro mostrá-lo como um conceito que varia no espaço e no decorrer das gerações, uma construção que parte tanto do indivíduo como da sociedade. Nesta parte do trabalho chego até a modernidade, gênese de nossa atual percepção temporal.

Já no capítulo subseqüente, tento mostrar como o fim do mundo bipolar e o avanço das tecnologias da comunicação representam dois eixos importantes para se pensar uma nova forma de sentir e viver o tempo, quando as características modernas são levadas às últimas conseqüências. O homem contemporâneo relaciona-se de outra maneira com o tempo, valorizando muito mais o presente do que as demais temporalidades.

O capítulo III tem o objetivo de mostrar como o jornalismo é uma das instituições responsáveis pela valorização deste novo regime de temporalidade, seja através de seu imediatismo ou por meio de seu discurso apocalíptico. Este presente mostra-se diferente dos outros na medida em que é efêmero e eterno, frágil e onipresente, isso tudo simultaneamente. E essa percepção do tempo transborda para além das fronteiras jornalísticas. Nossas percepções cotidianas também passam a aceitar o presente como uma força que está em todos os lugares. Vive-se um tempo em que as relações, as projeções e as orientações passam pela marca de um presentismo constrangedor, que se por um lado é aquilo que temos de mais palpável, por outro, é a instância que nos torna frágeis e vulneráveis. Neste capítulo, tomei o jornal *O Globo* como objeto de minha pesquisa, selecionando manchetes publicadas entre os meses de setembro e novembro de 2005. Entendo que este recorte me permite ter a amostragem representativa de um fenômeno que se verifica de forma ainda mais abrangente, sendo possível encontrá-lo, inclusive, em outros jornais e até mesmo em outras mídias.

No último capítulo, o quarto desta monografia, trabalho o jornalismo como um lugar de memória, que opera lembranças e esquecimentos por meio de dois movimentos: o de *historicização* e o de *presentificação*. Mais do que uma mera busca por referências num mundo em completo desmanche, a busca memorialista de nossa época é também uma maneira de sentir o tempo e responder aos seus anseios.

As linhas gerais desta problemática estão ancoradas nos paradoxos e ambivalências que ao longo de quatro anos minha formação acadêmica dupla proporcionou. Cursar simultaneamente as faculdades de Comunicação Social e História é uma experiência interessante. Se por um lado, como historiador, o passado é minha

matéria-prima, o objeto sob o qual, por excelência, me debruço, por outro, como jornalista, sou obrigado a estar imerso em um mar de atualidade, preocupado mais com o minuto que se desenha do que com aquele anterior, já alcançado pela obsolescência. No entanto, ambas possuem inúmeros pontos de contato, como o espírito investigativo e a crítica social. Além disso, encarar o desafio de dois cursos concomitantes só se explica pelo grande deleite que sinto ao estudá-los. As duas graduações me permitem encarnar, talvez, o mais belo de todos os ofícios em extinção: ser um contador de histórias.

Estar entre duas realidades tão próximas e tão distantes ao mesmo tempo, abriu-me os olhos e aguçou minha percepção para questões que dificilmente não estaria atento se cursasse apenas uma das graduações. Problematizar a questão do tempo e da memória em uma realidade imediatizada pelos meios de comunicação é uma destas questões interdisciplinares que descobri e que escolhi para me aprofundar.

No entanto, estudar o tempo somente com a finalidade de conhecer nossos traços aparentes ou mais profundos poderia soar apenas como um exercício de vaidade, além de não ser o suficiente para justificar tamanho empreendimento. O tempo como objeto de análise é valido pois se trata também de uma grande matriz social, impondo ordens e estruturas, que muito além de formatar maneiras de pensar e perceber aplica-se no cotidiano prático dos homens.

Em uma sociedade cada vez mais mediada pela voz da tecnologia e da ciência, imersa no mar agitado e às vezes traiçoeiro da informação, o tempo parece ecoar como um rugido desesperado, a medida exata de um *Zeitgeist*, ou seja, *o espírito de um tempo*. O tempo do próprio tempo. Identificar e localizar a origem desses ecos torna-se, então, missão fundamental para aqueles que se dedicam à exploração das ciências humanas. E se, nos dias de hoje, formamos nossas opiniões, construímos nossos conceitos e estipulamos percepções cada vez mais ancoradas nos discursos jornalísticos (que se multiplicam em grande velocidade, seja em suporte ou conteúdo), cabe ao comunicólogo investigar aquilo que faz de seu campo uma área dominante nas questões atuais de nossa época.

Ainda assim, se colocar o tempo como uma questão relevante no mundo de hoje pode parecer um debate esgotado, é porque se esqueceu de seu caráter cambiante e inovador. Deveria ser uma preocupação constante dos homens se lembrarem que o tempo é uma negociação da qual tomamos parte e sem a qual nada fazemos. Uma negociação objetiva e subjetiva, que opera no plano do consciente e do inconsciente.

Enfim, uma operação que coloca novos problemas e questões a cada vez que se renova este pacto.

Atento a esta condição, tal trabalho também se arrisca a investigar um desses novos problemas, levantados pela nova percepção do tempo através do jornalismo: a memória, tema correlato ao principal e que não raro parece querer roubar o papel de protagonista em um roteiro cujo tempo é a estrela maior. Talvez isso aconteça porque tempo e memória são dois lados de uma mesma moeda. Ramificações de uma única terminação nervosa e que hoje encontram no meio midiático ambiente propício para manifestar-se em sua plenitude.

De uma maneira geral, isso tudo só é plausível porque lidamos a todo o momento com pessoas, lembranças, relações e dores. Experimentamos a perda e o prazer. Planejamos, frustramo-nos e gozamos. Em todas estas ações subjaz uma negociação interna e externa, direta ou indireta, consciente ou não, aceita ou nem tanto como o tempo, que insistimos em chamar de “nosso”. Este conceito, esta coisa da ordem do invisível, sem cheiro, cor ou forma é o objetivo que regula e se intromete nos negócios da alma e do coração. Atravessa nossos desejos, projetando-os para um espaço que não se prende ao nosso tal mundo físico, aquele que está diante de nossos olhos. Mas nem por isso estes mesmos olhos deixam de derrubar algumas poucas lágrimas no rápido e eterno passar da existência. E antes fosse apenas o tempo que passasse.

Capítulo I – O tempo como questão

No inconsciente, cada um de nós está convicto de sua imortalidade.
(Freud, em "De Guerra e Morte").

1.1 Dimensionando o tempo no imaginário dos homens

Era o ano de 1985. Estreava nos cinemas o filme "De Volta para o Futuro", uma superprodução de Hollywood. A película contava a história do Dr.Emmet "Doc" Brown (Christopher Lloyd), um cientista que transforma um Delorean em uma máquina do tempo. Depois de um acidente, o fiel escudeiro do Dr.Brown, Marty McFly (Michael J.Fox), acaba voltando para o ano de 1955, onde se depara com seus jovens pais e envolve-se em confusões que poderiam alterar, segundo o cientista, o "continnum espaço-tempo".

O filme lotou as salas de cinema. Foi indicado a quatro Globos de Ouro e concorreu a quatro estatuetas do Oscar, levando a de Melhores Efeitos Sonoros. No total, arrecadou mais de U$$ 350 milhões, garantindo-lhe mais duas continuações. Qual seria o segredo de tanto sucesso? Afinal, o filme tem, mais de 20 anos depois de lançado, uma legião de fãs que não pára de crescer.

Sem dúvida que a direção de Robert Zemeckis e a produção de Steven Spielberg, assim como as atuações de Fox e Lloyd, emprestam ao filme a mágica característica do cinema. Mas seria um equívoco desconsiderar um dos protagonistas do filme: o tempo.

Reviver, relembrar e viajar no tempo, alterando e ser alterado por eventos e fatos que fogem ao controle. Este tema sempre foi e continua sendo um mistério que ocupa lugar privilegiado no imaginário humano. E o cinema é apenas uma forma de apresentar a questão. É extensa a lista de filmes que abordam tópicos sobre o tempo, seja qual for o prisma. Além da trilogia de “De volta para o futuro”, existem outros clássicos como “O Exterminador do Futuro”, “A Máquina do Tempo”, “A Casa do lago”, “Efeito Borboleta”, “Em algum lugar do passado”, “Amnésia”, “Hiroshima, Mon Amour”, “2001, Uma odisséia no espaço”, “O Sacrifício”, “Stalker” e outros igualmente importantes.

Mas a curiosidade pelo assunto não se restringe ao cinema. Ultrapassa as salas escuras e já foi incansavelmente cantada em palcos, ensaiada em tablados, descrita em livros e comemorada sob as mais distintas formas de expressão cultural e artística. Em todas as sociedades, de todas as épocas, o tempo sempre foi encarado com apurado interesse e a relevância que pressupõem os grandes mistérios da humanidade.

Figura 1 – Tempo e ciência relacionados

Imagem 2 - Relógios: simbologia presente

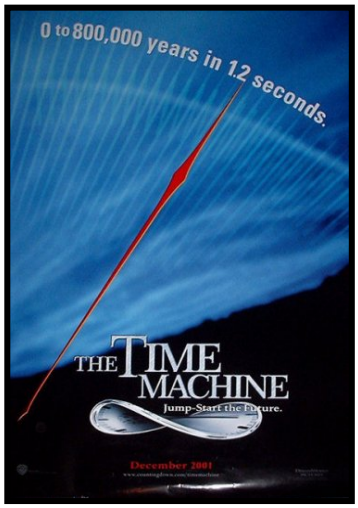


Imagem 3 - Adaptação de H.G. Wells

Atualmente, o tempo é recorrente em nossas falas. É objeto fácil de elogios, críticas e reclamações cotidianas. Falta para o homem de negócios e sobra para o infeliz desempregado. Passa rápido para um maratonista, mas é um longo tormento para um presidiário que cumpre pena. É uma tortura sem fim quando sofremos, mas uma bênção de curta duração quando nos divertimos. Em todas as ocasiões sempre parecemos muito bem saber do que falamos. Mas se nos perguntam o que é o tempo, a resposta nunca sai fácil. Ou, pelo menos, assume diferentes formas, pesos, cores, tons e palavras. Sempre uma resposta insuficiente, inacabada, uniforme e limitadora. Daí questionar: se ele está presente em todas as ações de nossa vida, porque é tão difícil explicá-lo? O tempo é uma natureza, um dado que transcende ao homem, ou uma deliberação humana que nos ajuda a organizar o espaço e a memória? Para responder estas e outras indagações apresentaram-se grandes pensadores, todos interessados em entender como sentir e falar de algo que é de uma ordem invisível, intocável e, aparentemente, indivisível. Muitos deram contribuições inestimáveis. E aí não se encontram apenas homens da Ciência, mas literatos, filósofos, historiadores e até mesmo poetas. Um esforço interdisciplinar para esclarecer questão tão instigante.

Tamanho interesse sobre o tempo não é nada recente. A sedução vem de longa data. Buscando-a longe, mas tendo cuidado para não cair na solenidade constrangedora das origens, a Antiguidade Clássica pode começar como ponto de referência para uma breve História social do tempo.

Os gregos antigos reservavam três palavras para se referir ao tempo: **Aiôn**, cujo significado passa pela noção de *inesgotável*, *para sempre ou eterna presença*; **Kairós**, que remete ao *momento oportuno, momento breve e decisivo, ponto crucial ou bifurcação* - em outras palavras, uma forma qualitativa de tempo, ao contrário do sentido quantitativo de Aiôn – e, finalmente, **Chronos**, que significa *duração, sucessão, aquilo que passa*, sendo também a representação que mais se aproxima daquilo que é o nosso conceito moderno de tempo. [1]

Importante lembrar que essas concepções não são exatamente originais, possuindo raízes em outras culturas como, por exemplo, a persa e a iraniana. E é justamente através desta confluência que surgem novas representações para o tempo. Às vezes essas simbioses nos ajudam a compreender a evolução dos conceitos que chegam até nós, mas também podem confundir-nos ainda mais.

Caso típico de equívoco relacionado à simbologia do tempo, mas que ganhou legitimidade, se refere à confusão feita entre as palavras Chronos e Kronos. Isso se deve fundamentalmente a dois fatores: 1- Em grego as palavras são um caso de homônimo heterográfico, ou seja, são iguais na pronúncia e diferentes na escrita; 2- A alegoria de Kronos (o Saturno romano).

Na mitologia, Saturno foi o segundo filho de Urano com a antiga Vesta. Depois de ter tirado seu pai do trono, obteve de seu irmão primogênito, Titã, o direito de reinar em seu lugar, mas não sem uma condição: que ele, Saturno, devorasse seus próprios descendentes, impedindo-os de sucedê-lo ao trono. E assim fez com todos os filhos que teve com Rea. Esta somente conseguiu salvar alguns, dentre os quais estava Júpiter, que mais tarde expulsou o pai do céu[2].

Para os romanos, Saturno era um dos deuses mais temidos, também conhecido como Kronos (Κρόνος, em grego). O problema está que a fábula – um deus que devora seus filhos – se confunde com o sentido, pronúncia e grafia de Chronos (Χρόνος, em grego), que quer dizer tempo, ou seja, aquele que não sacia dos anos e consome todos os que estão por vir. Com o passar dos séculos chegou até nós uma imagem mista dessas duas figuras. Não demorou muito para que Chronos fosse confundido como um Deus

[1] DOCTORS, Marcio (Org). *Tempo dos Tempos*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2003, p. 66.
[2] PUGLIESI, Márcio. *Mitologia Greco-Romana – Arquétipos dos Deuses e Heróis.* São Paulo, Madras, 2003. p.17

grego e Kronos como tradução de tempo. Fato é que os gregos nunca tiveram um Deus para representar o tempo.

A confusão fica mais clara na figura renascentista e do Barroco para se representar o pai Tempo. O historiador da arte, Erwin Panofsky, lembra que esta figura "tem geralmente asas e está quase sempre despido. A foice e a gadanha, os seus atributos mais freqüentes, são por vezes acompanhadas – ou substituídas – por uma ampulheta, uma serpente ou dragão mordendo a cauda, ou o zodíaco; e, nalguns casos, ainda a muleta." Panofsky lembra, entretanto, que em nenhuma parte da Antiguidade Clássica ou tardia o tempo era caracterizado por símbolos de decadência ou destruição, mas por outros atributos, como a fertilidade, a oportunidade e até mesmo a juventude. Então, porque a imagem moderna no tempo teria reservado ao tempo aspectos sombrios e que provocam temores? A reposta o mesmo Panofsky dá, reafirmando a confusão anteriormente colocada e que explica a imagem de tempo que hoje nos vem à mente:

> A reposta reside no fato de a expressão grega para tempo, *Chronos*, ser muito parecida como o nome Kronos (o saturno romano), o mais velho e o mais temido dos deuses. Como patrono da agricultura trazia geralmente uma foice. Como o mais velho membro do Panteão grego e romano, era profissionalmente velho e, mais tarde, quando as grandes divindades clássicas foram identificadas com os planetas, Saturno foi associado ao longínquo e mais lento de todos. À Saturno foi dedicado o sábado (S*aturni dies*).[3]

Do mais, podemos dizer que muito do conceito ou imagem que temos do tempo é, na verdade, a reunião de vários mitos e lendas que foram se fundindo ao longo dos anos. Longe de torná-las um dado errado, a aglutinação de histórias sobre o tempo pode até ser encarada como uma característica rica desta trama.

[3] PANOFSKY, Erwin. *Estudos de Iconologia- Temas Humanísticos na Arte do Renascimento*. Lisboa, Estampa, 1995. p.35

Abaixo seguem algumas representações do mito do tempo:

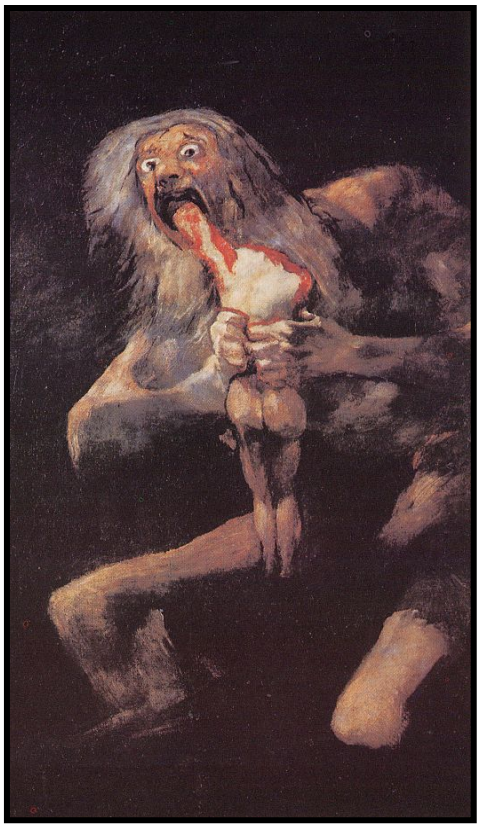


Imagem 4 - Famosa tela de Goya, em que Kronos devora seu filho

Imagem 5 - Saturno ou Kronos carregando o mundo – Autor: Luis Miguel Bugallo Sánchez

Imagem 6 - Saturno de Agostino di Duccio- Com foice da Mitologia 1454

Imagem 7 - Mais uma em que Kronos devora seu filho

Imagem 8 -Antiga imagem do tempo

Imagem 9 - Templo de Saturno, na Itália

Imagem 10 - A mesma mensagem

De uma maneira geral, a Antiguidade, tanto ocidental como oriental, dedicou boa parte de sua atenção para as questões relacionadas ao tempo. Mas ao contrário do que acontece na Idade Contemporânea, quando o tempo encarna um sentido linear, a concepção temporal dos antigos estava relacionada à circularidade e, principalmente, à natureza. Não raro, os primeiros instrumentos de medição do tempo utilizavam elementos naturais em seu funcionamento. Os gregos tinham a *clepsidra*, que usava a água para medir os intervalos de tempo. Os egípcios o relógio de sol. Mais tarde outros elementos foram também coroados, como a areia da ampulheta. É claro que são formas arcaicas de se medir o tempo, cuja frágil precisão induz a inúmeras espécies de erro. No entanto, tais instrumentos representaram, na época de sua criação, grande avanço

tecnológico. Até então os homens dependiam de variáveis ainda menos seguras para organizar seus afazeres, como as estações do ano e a quantidade de luz de um dia.

Lugares e épocas diferentes, mas uma mesma busca em comum. À exemplo dos próprios egípcios, os maias tinham pleno conhecimento do movimento dos astros para a elaboração de sistemas de medidas do tempo. Seu calendário é conhecido como o mais exato até os dias de hoje. Possui um erro de apenas dois dias em 10 mil anos. Apenas para termos de comparação, o calendário gregoriano - introduzido em março de 1582 pelo Papa Gregório XIII e atualmente em vigor para a maior parte do mundo – possui um erro de três dias em 10 mil anos.[4] Curioso ainda, notar que grande parte dos calendários está relacionada à religião (festividades e rituais que precisam de regularidade para haver celebração, ou seja, datas fixas). O nosso próprio não foge à regra, uma vez que é marcado pela crucificação de Cristo, evento único e que empresta ao tempo sua característica linear.

Já ao longo da Idade Média, observou-se o surgimento de um embate entre duas maneiras de se pensar o assunto. De um lado estavam cientistas, eruditos e senhores, todos apostando na concepção cíclica do tempo, ligada aos astros e aos ciclos da natureza. De outro, uma classe mercantil emergente munida de argumentos para afirmar que o tempo era uma sucessão de eventos, linear e progressiva. Seus interesses relacionavam-se a diversas transformações econômicas e geográficas da sociedade, fazendo do tempo linear uma necessidade da vida diária. [5]

A querela, entretanto, não se restringe apenas à aspectos econômicos. Santo Agostinho, cuja filosofia sedimentou o pensamento da Igreja Cristã do Ocidente, problematizara, em pleno século IV, o tempo como uma contradição. Em suas famosas *Confissões*, Agostinho demonstra incompreensão diante da tradicional divisão do tempo em presente, passado e futuro. O velho teólogo não compreende como se pode falar, medir e conhecer algo que nunca vai existir (futuro), algo que nunca consegue existir plenamente (presente) e sobre algo que já não existe porque nunca existiu de fato (passado).

[4] WHITROW, G.J. *O que é o tempo? – Uma visão clássica sobre a natureza do tempo*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2005, p.16.
[5] LE GOFF, Jacques**.** *Na Idade Média: o tempo da igreja e o tempo do mercador*. Lisboa. Editorial Estampa, 1980.

> De que modo existem aqueles dois tempos - o passado e o futuro -, se o passado já não existe e o futuro ainda não veio? Quanto ao presente, se fosse sempre presente, e não passasse para o pretérito, já não seria tempo, mas eternidade. Mas se o presente, para ser tempo, tem necessariamente de passar para o pretérito, como podemos afirmar que ele existe, se a causa da sua existência é a mesma pela qual deixará de existir? Para que digamos que o tempo verdadeiramente existe, porque tende a não ser?
>
> (...) Não medimos o que não existe. Ora, as coisas pretéritas ou futuras não existem. Como medimos nós o tempo presente, se não tem espaço? Mede-se quando passa. Porém, quando já tiver passado, não se mede, porque já não será possível medi-lo.
>
> Mas de onde se origina ele? Por onde e para onde passa, quando se mede? De onde se origina ele senão do futuro? Por onde caminha, senão pelo presente? Para onde se dirige, senão para o passado? Portanto, nasce naquilo que ainda não existe, atravessando aquilo que carece de dimensão, para ir para aquilo que já não existe.
>
> Porém, que medimos nós senão o tempo em algum espaço? Não diríamos tempos simples, duplos, triplos e iguais ou com outras denominações análogas, se os não considerássemos como espaços de tempos. Em que espaço medimos o tempo que está para passar? Será no futuro, de onde parte? Mas nós não podemos medir o que ainda não existe! Será no presente, por onde parte? Mas nós não medimos o que não tem nenhuma extensão! Será no passado, para onde parte? Mas, para nós, não é mensurável o que já não existe![6]

1.2 A construção moderna do tempo

Uma parte significativa do vocabulário político, econômico, social ou cultural de nossa época foi formulado ou re-significado a partir da modernidade. É verdade que desde então muita coisa foi atualizada. Mas em essência, muitos conceitos ainda guardam um pouco de sua indumentária moderna. O tempo é um destes conceitos.

O historiador norte-americano Marshall Berman lembra que ser moderno é "fazer parte de um universo no qual, como disse Marx, 'tudo o que é sólido desmancha no ar'".[7] Desta forma, podemos entender por modernidade uma experiência para além de um punhado de datas. Segundo Berman, ao contrário do que o senso comum dos manuais didáticos estabelecem, a modernidade não foi um período homogêneo compreendido entre 1493 (queda de Constantinopla) e 1789 (Revolução Francesa), mas uma experiência iniciada séculos antes e que se dilata até nossos dias. Ainda que didaticamente, Berman divide esta experiência em três fases:

[6] AGOSTINHO, Santo. *Confissões.* Rio de Janeiro, Vozes, 2003. p.112
[7] BERMAN, Marshall**.** *Tudo que é sólido desmancha no ar - a aventura da Modernidade*. São Paulo, Companhia Das Letras, 2003.

> Na primeira fase, do século XVI até o fim do século XVIII, as pessoas estão apenas começando a experimentar a vida moderna; mal fazem idéia do que as atingiu. (...) Nossa segunda fase começa com a grande onda revolucionária de 1790. (...) Esse público partilha o sentimento de viver em uma era revolucionária, uma era que desencadeia explosivas convulsões em todos os níveis de vida pessoal, social e política. Ao mesmo tempo, o público moderno do século XIX ainda se lembra do que é viver, material e espiritualmente, em um mundo que não chega a ser moderno por inteiro. (...) No século XX, nossa terceira e última fase, o processo de modernização se expande a ponto de abarcar virtualmente o mundo todo. (...) à medida que se expande, o público moderno se multiplica em uma multidão de fragmentos, que falam linguagens incomensuravelmente confidenciais.[8]

A modernidade marca o momento em que o homem se descobre sujeito da sua própria história, agente de sua vida e da natureza. O mundo é muito mais que um preâmbulo para o paraíso ou para o inferno. A explicação dos ritmos da vida e dos acontecimentos deslocava-se, então, do terreno do divino e do destino para o das responsabilidades das ações humanas. O homem ganha consciência histórica.

A inauguração de um cenário repleto de descobertas e novas sensações também assusta. Tudo é diferente. A tudo falta familiaridade. O homem testemunha grandes mudanças em tudo a seu redor. O tempo é encarado sob uma nova perspectiva. Passa a ser uma entidade mais valorizada, mais presente na vida diária. Assusta e tira o sossego dos homens. É a nova medida do mundo, a forma como se percebem em relação a seus antepassados, descendentes e contemporâneos. É ele que povoa o imaginário dos poetas e homens das ciências. Da vontade de domá-lo nasce o medo de ser destruído por sua passagem. William Shakespeare, um dos maiores poetas de língua inglesa, escreveu no século XVI, em *Rapto de Lucrecia*, sua visão do tempo, compartilhada por grande parte de sua geração:

> Agourento Tempo, companheiro da Noite tenebrosa,
> Veloz e ardiloso mensageiro, portador de terrível inquietude,
> Devorador da juventude, falso escravo de falsos deleites,
> Sentinela vil do infortúnio, montaria do pecado, armadilha da virtude,
> Tu embalas a todos e a todos assassinas,
> Ó, ouve-me então, Tempo infamante e volúvel!
> Culpado és da minha morte, depois do meu crime.[9]

[8] BERMAN,2003, p.17
[9] SHAKESPEARE, William. apud WHITROW,2005, p.26.

Na seqüência, o século XVII foi palco de grandes transformações. Formam-se os Estados Modernos, as cidades se expandem e o Novo Mundo é alvo intenso de cobiça. Novas manifestações culturais surgem, a imprensa difunde a palavra escrita e a ciência desafia os desejos dos homens, como apontaram as descobertas astronômicas da época. Aliás, é a ciência moderna e a tecnologia moderna que inauguram a lógica do século XVII.

Dentre as várias descobertas técnico-científicas deste período, o relógio mecânico é uma das mais perturbadoras. Na metade do século, o Holandês Christian Huygens inventa o relógio de pêndulo. Pela primeira vez conseguia-se "medir" o tempo em intervalos regulares, de maneira contínua. A sociedade encontrara, finalmente, um contador confiável, que poderia informar as horas com a exatidão que suas tarefas e modos de vida exigiam. Sobre a descoberta, o ex-presidente da Sociedade Internacional para o Estudo do Tempo e ex-professor da Universidade de Londres, G.J.Whitrow, falecido em 2000, alerta:

> Na verdade, a invenção do relógio mecânico teve um papel central na formulação de um conceito mecanicista da natureza que dominou a filosofia natural de Descartes a Kelvin. Influência ainda maior foi atribuída ao relógio mecânico por Lewis Mumford, ao dizer que ele "dissociava o tempo dos acontecimentos humanos e ajudava a desenvolver a crença de um mundo independente da ciência".[10]

A observação de Whitrow é extremamente importante para a compreensão da visão moderna de mundo. Ao introduzir o tempo dentro de uma lógica mecânica, toda a natureza e, consequentemente o homem e sua sociedade, passaram a ser entendidos como uma ação também mecânica do universo, ditada por leis naturais sobre as quais não se possui nenhum controle. Se existe um padrão matemático que subjaz à natureza, o mesmo poderia se dizer para o *ethos* humano. O que o homem havia ganhado com a ciência da era moderna – consciência de seu poder – era também retirado pela mesma. Apenas um dos paradoxos da modernidade.

A crença em um tempo marcado pelo signo do linear, dividido em antes e depois, em presente, passado e futuro, continuou avançando. No século XVIII os

[10] WHITROW, 2005, p.28

Iluministas, assim como os filósofos da História, forjaram a idéia de progresso. Os fins passaram a justificar os meios. A História passou a ser identificada com um horizonte teleológico e com a noção de processo. O tempo passava por cima de todos, como uma mera sucessão encadeada de fatos, os quais só poderiam ser explicados a partir da relação entre eles. Perde-se a dimensão do acaso e do imprevisível.

Dentre outros impactos, o Iluminismo consolidou uma percepção moderna de tempo, rompendo com a leitura medieval e cristã que até então autorizava a lógica do mundo e da vida social. O homem e seu progresso *são* a expressão do próprio tempo. Se antes os homens construíam sua vida baseando-se no dia do juízo, como proclama a temporalidade divina, agora, ele descobrira que pode fazer muito mais antes que isso aconteça. Mais do que nunca, a racionalidade e o individualismo iluministas apostavam num modelo humano que pudesse forjar seu próprio destino, numa luta intensa contra o tempo. Essa nova percepção excitava por ser novidade, mas também amedrontava por se tratar de uma experiência vital completamente diferente e desconhecida. Tal sentimento propiciou, inclusive, o aparecimento de vários mitos nostálgicos que falavam de um paraíso perdido[11].

O século XIX viu a idéia de tempo linear consolidar-se. Uma das grandes correntes de pensamento a colaborar para isso foi a dos evolucionistas. Tudo era uma questão de etapas. Não raro, os antropólogos desta corrente aplicavam a idéia de linearidade à praticamente tudo. Em termos de cultura, tal aplicação foi bastante danosa. As sociedades eram categorizadas de forma extremamente etnocêntrica. Eram superiores ou inferiores. Altas ou baixas. Desenvolvidas ou atrasadas. Uma tribo indígena, por exemplo, não era analisada a partir de seus próprios sistemas de valores, mas a partir do universo europeu dos próprios investigadores, que a viam como o retrato de sua origem. Em outras palavras, eram vistas como infantis e/ou embrionárias. Para que pudessem avançar nos "degraus da história", a ajuda do homem branco europeu era providencial, que através de sua missão civilizatória varreria para longe as características bárbaras daqueles povos. Em nome disso muito sangue foi derramado.

[11] Em nenhum momento se deve acreditar que o mundo pré-moderno foi homogêneo e estático, desprovido de rupturas, inovações e mudanças na ordem da percepção. A Idade Média é repleta de transformações. Longe de ser estática, o período medieval é uma conjunção de forças dinâmicas e que constituem uma visão de mundo bastante constitutiva da experiência humana. No entanto, o período moderno que rasga o modo de vida feudal, convivendo com ele em muitos sentidos, introduz novos ritmos, conceitos e sensações, que possuem uma dinâmica que, em muitos sentidos, é inegavelmente mais veloz e eloqüente com o que até então se via.

Mas aos olhos do colonizador era apenas um sacrifício em nome do progresso, em nome do futuro.

Por algumas décadas, o tempo foi encarado desta forma sem grandes perturbações. Mas em 1905, Albert Einstein abalaria os postulados da Física e da comunidade científica internacional em geral ao apresentar duas teorias – a da relatividade restrita e geral – em três artigos que transformariam o tempo um uma grandeza relativa. Tal conhecimento foi revolucionário, pois relativizava não só o conceito de tempo, mas também tudo o que estava ancorado nele, como a cultura. Um dos físicos mais renomados do século XX e XXI, Stephen Hawking, lembra a importância de Einstein para a Ciência, a humanidade e suas crenças:

> No final do século XIX, os cientistas acreditavam estar próximos de uma descrição completa do universo. Eles imaginavam que o espaço fosse preenchido por um meio contínuo denominado "éter". Raios luminosos e sinais de rádio eram ondas nesse éter, assim como o som são ondas de pressão de ar. (...) Einstein mostrou que se uma pessoa não conseguia detectar se estava ou não se movendo no espaço, a noção de éter era supérflua. Em vez disso, ele partiu do postulado de que as leis da ciência deveriam parecer as mesmas para todos os observadores em movimentos livres. (...) A velocidade da luz independe do movimento deles, sendo a mesma em todas as direções. Isso exigia o abandono da idéia de que existe uma quantidade universal chamada tempo que todos os relógios mediriam. Ao contrário, cada um teria seu tempo pessoal. Os tempos de duas pessoas coincidiriam se elas estivessem em repouso uma em relação à outra, mas não se estivessem em movimento. Isso foi confirmado por vários experimentos, incluindo um no qual os dois relógios de alta precisão viajaram de avião em direções opostas ao redor do mundo e retornaram mostrando horas ligeiramente diferentes. Isso poderia levar a crer que, se alguém quisesse viver mais tempo, deveria ficar voando para leste, para que a velocidade do avião se somasse à rotação da Terra.[12]

Einstein mostrara que o tempo, como tudo no universo, era relativo. De uma forma mais indireta, sua teoria afirmava que não havia padrões morais e éticos absolutos. Diante desta nova evidência caberia ao homem saber como utilizar o conhecimento, se em prol da humanidade ou contra ela. O desfecho desta história é bem conhecido: a relação entre massa e energia da teoria da relatividade foi usada para fins bélicos. Levou ao projeto Manhattam[13] e, consequentemente, às bombas que

[12] HAWKING, Stephen. *O Universo numa casca de noz* .São Paulo, Mandarim, 2001. p.4.

[13] No início dos anos de 1940, após a demonstração de força dada pelos países do Eixo na guerra, o presidente dos EUA, Franklin Roosevelt, decide construir uma bomba nuclear, tendo como base de seu plano uma unidade do exército. Em agosto de 1942 nasce o chamado Projeto Manhattam, cuja função era coordenar o trabalho de todos os físicos, químicos, engenheiros, técnicos e operários necessários para a execução de seu desejo.

explodiram em Hiroshima e Nagasaki em 1945. Mas não sem uma carta profética de Einstein ao presidente estadunidense Theodor Roosevelt, em 1939:

> Nos últimos quatro meses, fez-se provável – através do trabalho de Joliot, na França, bem como de Fermi e Szilard, nos Estados Unidos – que venha ser possível provocar uma reação nuclear em cadeia em uma grande massa de urânio, o que geraria uma imensa quantidade de energia e novos elementos semelhantes ao rádio. Agora parece quase certo que se possa conseguir isso no futuro imediato. Esse novo fenômeno levaria também à construção de bombas, e é concebível – embora muito menos certo – que um novo tipo de bomba poderosíssima possa então ser construído.[14]

1.3 A pedagogia do tempo moderno

Se atualmente muitas idéias sobre o tempo se encontram difundidas e arraigadas no senso comum é porque desde muito cedo fomos colocados em contato com elas. Na escola, as lições nos falam sobre um tempo muito bem resolvido. Através da matemática aprendemos que os calendários dividem o tempo em anos, meses e dias. Que os relógios marcam as horas, os minutos e os segundos. Da História vem a noção de causa e conseqüência. Da física o entendimento do antes e do depois. Enfim, por intermédio da gramática, aprendemos a conjugar o tempo em sua forma tripartida: presente, passado e futuro. São idéias que logo nos parecem óbvias. Inquestionáveis. E através desta *pedagogia do tempo* levamos a vida sem muitos problemas.

Mas se quase sempre esta forma de vivenciar o tempo é o suficiente para organizar e explicar o funcionamento do mundo, em alguns momentos parece existir lacunas simplesmente inexplicáveis. Por exemplo, quando tomamos conhecimento da física de Einstein. Só então descobrimos que a divisão temporal que praticamos banaliza e nega uma grande riqueza de significados. Desta inadequação vem o alerta do sociólogo Norbert Elias: “o tempo não se deixa guardar comodamente e nenhuma dessas gavetas conceituais”.[15]

[14] HAWKING, 2001, p.13.
[15] ELIAS, Norbert. *Sobre o Tempo.* Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1998. p.11

Como então abordar tema tão insubordinável? Pois, fosse o tempo algo inerente à natureza e ele seria facilmente experimentado por um de nossos cinco sentidos. Mas não é assim que funciona. Nenhum de nossos três sentidos físicos (visão, audição e tato) ou químicos (paladar e olfato) consegue dar conta de senti-lo. Não há bases fisiológicas ou psicológicas claras que expliquem sua apreensão e cognição. Nada garante satisfatoriamente como temos consciência de seu *devir*.

> O tempo não é uma simples sensação, pois depende dos processos de organização mental que unem o pensamento à ação. (...) Nossa percepção consciente do tempo não é algo automático, mas uma atividade complexa que só se desenvolve mediante um processo de aprendizado.[16]

Para muitos especialistas, a capacidade de construção de uma idéia de tempo é tipicamente humana. E somente com a prática permanente, essa idéia poderia desenvolver-se a ponto de parecer um dado biológico[17]. Ainda assim, mesmo sabendo que o tempo é um aprendizado desenvolvido ao longo de gerações, como explicar sua consciência? Robert Hooke, no século XVII, já se fazia a mesma pergunta:

> Eu gostaria de saber qual o sentido que nos dá informação sobre o Tempo; pois todas as informações que recebemos dos sentidos são momentâneas, mantêm-se apenas durante as impressões causadas pelo objeto. Portanto, falta ainda um sentido para apreender o Tempo; nós temos uma Noção, mas nenhum de nossos sentidos, nem todos juntos, nos dão a idéia do Tempo, porém nós o conhecemos como uma Quantidade...[18]

O tempo é uma elaboração dos homens, que se mistura às várias percepções e sentidos. Não existe nenhuma fórmula para enquadrá-lo. Sua natureza é cambiante e varia de acordo com a forma de como o experimentamos. Basta lembrar de experiências e momentos que juramos passarem mais rápidos ou mais lentos que outros quando, na

[16] WHITROW, 2005, p.46

[17] Mesmo assim, a ciência continua avançando em suas pesquisas. Recentemente, um estudo realizado por Nicholas Mulcahy e Josep Call, cientistas do Instituto Max Planck de Antropologia Evolutiva, e publicado na revista "Science" mostrou que alguns primatas, como os orangotangos, têm capacidade similar à dos homens de antecipar e planejar suas ações. Os animais poderiam, por exemplo, escolher uma ferramenta e guarda-la para um uso posterior. Mesmo com esta capacidade de pensar no futuro, os cientistas ainda aguardam novos estudos para entender mais dos limites símios no que se refere à consciência do tempo.

[18] HOOKE, Robert. apud WHITROW,2005, p.35-36

verdade, possuem a mesma duração. O que acontece é que não existe relógio ou calendário que meça com justiça e rigor a medida do tempo. Nem sempre o tempo da existência humana pode ser traduzido em números pela matemática. Seu curso também depende da intensidade com a qual se vive. Nem sempre sua duração pode ser expressa em números, mas sim pelas alegrias e tristezas, decepções e surpresas, pelo sentir, sofrer ou gozar. Como bem afirmou Vieira, “nem todos os anos que passam se vivem: uma coisa é contar os anos, outras são vivê-los”.

Quando ignoradas estas lições, o homem pode ser vítima de vários equívocos ao tratar da questão do tempo. Um deles é ignorar sua relação com o espaço e com a matéria. É comum confundir estes dois aspectos dimensionais, tomando um pelo outro sem problematizar a troca de significados entre ambos.

Para o bem ou para o mal, a percepção humana do tempo está geralmente associada à matéria e ao espaço. Um dá sentido ao outro. É através do tempo que muitas vezes organizamos nosso sentido espacial. Não à toa, geógrafos e cartógrafos se reuniram para traçar nossos famosos meridianos e paralelos. Estabeleceram 24 faixas longitudinais. Em cada uma dessas faixas uma hora diferente. Para os maias, não era coincidência que suas pirâmides tivessem escadarias com exatos 365 degraus, um para cada dia do ano. Não é o tempo que passa, mas os homens. As rugas de um rosto não são o tempo que passou, mas o envelhecimento do corpo. A ferrugem e o apodrecimento não indicam os anos de abandono, mas ações químicas e físicas da matéria. A poeira sobre os móveis só mostra o acúmulo de sujeira. Não é o tempo em si materializado. Fotografar não é reter o tempo, mas apenas o movimento. O que dizer de um maratonista que pode percorrer um mesmo espaço em tempos tão diferentes? E isso não se deve apenas à velocidade, mas à persistência do homem em quebrar suas próprias limitações. Tempo e espaço formam uma equação social, desafiando qualquer lógica que se intitule inabalável. Ou como colocou Herman Minkowsky, celebrado matemático, “ninguém jamais percebeu um lugar a não ser em um tempo, ou um tempo a não ser em um lugar”.

Imagem 11

Figura 12

Figura 13

Espaço e matéria são apenas mediações para aquilo que conhecemos como tempo

Evidente que existem diversas outras formas de perceber e lidar com o tempo. Uma das mais importantes e recorrentes é a memória, que assume a função de uma espécie de órgão sensitivo. Mas esta relação será devidamente abordada mais adiante. Por enquanto, cabe seguir debatendo outros aspectos constitutivos de nossa problemática.

Hoje, o tempo é reconhecidamente uma construção histórico-social. Mas tal reconhecimento ainda se encontra muito restrito aos círculos acadêmicos, pois no cotidiano das pessoas ele continua sendo entendido como um dado que independe dos homens. Fora da academia, a imagem que se tem dele é a de uma seqüência inexorável de milésimos, segundos, minutos, horas, dias e assim por diante. O homem, em geral, crê no tempo como algo que regula sua vida, que o ajuda a organizar suas tarefas. É algo que existe fora dele. Existe como presente, passado e futuro. É linear e segue uma lógica orientada sempre para o futuro. Não se repete. É irrevogável e irreversível, assim como os anos que não voltam jamais. De certa forma, esta explicação do tempo está correta. No entanto, ela é apenas uma forma de entendê-lo. Apenas uma forma de representação que, ainda assim, possui inúmeras ambigüidades e ambivalências.

Esta consagrada forma de ver o tempo é bastante aceita na maior parte do mundo ocidental e em parte do oriental desde o século XIX. Seu aspecto de “natureza” se deve muito ao monopólio que as ciências naturais e exatas exercem sobre seu estudo, algo relativamente recente. Estudar o tempo é uma empresa que não pode ignorar a interdisciplinaridade que demanda o tema. No entanto, no último século, a física, a matemática e a biologia parecem ter se apropriado dos discursos normativos sobre ele.

A descoberta do relógio mecânico, do relógio biológico e da noção de progresso aprisionou o tempo em uma sucessão linear de eventos como se obedecesse a uma

lógica maior – natureza – e que rege a vida social. Sem problematizar esta imagem, o tempo tornou-se algo autoritário, o senhor da vida e adversário dos homens. É para estas ciências um dado objetivo. Tal noção pode ser testemunhada nas expressões do cotidiano: “o tempo voa”, “o tempo passa”, “o tempo não pára”, “no decorrer do tempo” e outras tantas. O tempo surge como algo contínuo, constante. Sugere que ele é um objeto físico que pode ser transportado e medido em sua suposta extensão.

Sobre a dimensão transitória do tempo, o sociólogo alemão Norbert Elias[19] afirma que quando falamos “o tempo passa”, estamos nos referindo às transformações continuas de nossa vida social e individual. Isso decorre do ato de estabelecermos relações entre acontecimentos isolados e de os situarmos dentro de uma seqüência continua. Mas, então, fica a pergunta: se o tempo é percebido através da seqüência de eventos, seria correto dizer que em uma circunstância sem eventos o tempo deixaria de existir? Certamente não.

É claro que esta forma de lidar com o tempo é fruto de uma demanda social. E parte da gênese de nossa tradicional concepção temporal está ancorada no desenvolvimento industrial do mundo. Tais transformações exigiam métodos rigorosos na medição do tempo, despertando no homem uma necessidade em quantificar este dado e qualificá-lo economicamente e de forma divisível. Mas antes mesmo disso, a formação dos Estados Modernos já demandava do homem uma nova forma de se relacionar com o tempo. A sociedade moderna fundava-se em um ritmo diferente. A máquina burocrática precisa uniformizar suas redes comercias e instituições jurídicas. As relações entre Estados e o recolhimento de impostos precisavam de uma agenda regular, assim como as demais atividades humanas. Para que tais tarefas fossem bem sucedidas tornou-se necessário medir o tempo de forma ordenada e o mais exata possível. Neste sentido, o calendário e o relógio funcionam como instrumentos reguladores da vida social, marcadamente políticos e econômicos. Introduziu-se, assim, uma nova cultura, baseada na causalidade e no planejamento.

A popularização de instrumentos de suposta medição do tempo foi rápida e fundadora de diversos novos hábitos e tradições presentes até hoje. De fato, os relógios não medem o tempo. São apenas processos físicos que a sociedade padronizou, decompondo um fluxo descontínuo de movimento em períodos seqüenciados e

[19] ELIAS, 1998, p.15

regulados. Eles são construídos tendo como objeto uma duração em comparação a outra. Logo, só podemos dizer se um intervalo de tempo é curto ou longo em relação ao outro. Dependendo do referencial, tudo pode mudar. O tempo do relógio é uma representação do que em si é imaterial e inviável de medição. O erro é constatar que representação simbólica se confunde com o próprio elemento a ser representado. Isso implica em uma naturalização da simbologia, fazendo desaparecer a paternidade humana da criação.

Já o calendário, assim como o relógio, também é um mecanismo representativo e simbólico que busca orientar o homem em seu universo. Talvez o calendário tenha ainda uma marca mais forte em nossa forma de perceber o tempo e as coisas ao nosso redor. Ao longo de várias gerações a sucessão irreversível dos dias, meses e anos acabou por representar, simbolicamente, a seqüência irreversível dos acontecimentos, naturais ou sociais. Tais concepções foram fundamentais para se forjar teorias evolucionistas prejudiciais ao entendimento das diferenças entre os homens.

> Os instrumentos de medição do tempo, seja qual for a sua natureza, sempre transmitem mensagens. Os relógios, sem sombra de dúvida, são mecanismos físicos construídos pelos homens. Mas são dispostos de maneira a se integrarem, por exemplo, através do deslocamento de ponteiros num mostrador em nosso mundo de símbolos.
>
> A disposição dos ponteiros tem por função indicar aos seres humanos a posição que eles e outros ocupam atualmente no vasto fluxo do devir, ou então, de quanto tempo precisariam para ir de um lugar a outro. Os símbolos artificiais inscritos em ponteiros de configurações mutáveis, assim como nas datas sempre novas indicadas pelos calendários, *são* o tempo. *São* treze horas e dez minutos, agora. O tempo é isso. É necessária, aqui, certa prudência no uso que fazemos da linguagem. Podemos legitimamente afirmar que o relógio indica o tempo, mas ele o faz através de uma produção contínua de símbolos que só têm significação num mundo em cinco dimensões, num mundo habitado por homens, isto é, por seres que aprenderam a associar às figuras perceptíveis imagens mnêmicas específicas, e portanto, um sentido bem determinado. A particularidade do tempo está no fato de que se utilizam símbolos – hoje em dia, símbolos essencialmente numéricos – como meios de orientação no seio do fluxo incessante do devir, e isso em todos os níveis de integração, tanto física quanto biológica, social e individual. (...) Por intermédio do relógio, é uma espécie de mensagem que um grupo humano dirige a cada um de seus membros individuais. O mecanismo do relógio é organizado para que ele transmita mensagens e, com isso, permita regular os comportamentos do grupo. (...) Ao olhar o relógio,sei que são tantas ou quantas horas, não apenas para mim, mas para o conjunto da sociedade a que pertenço.[20]

[20] ELIAS, 1998, p.16.

Elias diz isso tudo para lembrar que o tempo como conhecemos atualmente é uma intricada construção social, um pacto cultural que compartilhamos coletivamente. Seu funcionamento é apreendido e aprendido em grupo, no qual se concorda com uma série de prerrogativas e se aceita inúmeras relações simbólicas inerentes à sua estrutura de funcionamento. No fundo, Elias entende o tempo como mais uma parte de um *processo civilizador*.

Obviamente, a concepção do tempo de uma sociedade influencia diretamente em sua relação com o espaço e nomeação das coisas. Qual a diferença entre um indivíduo com uma desenvolvida depuração do tempo e outro, em que esta é mais rudimentar? À que tipo de pressões estes estão submetidos? A forma de sentir o tempo produz sociedades com comportamentos e éticas distintas.

Mesmo em nossa época, quando a lógica linear e mecanicista do tempo parece ser hegemônica, é possível encontrar sociedades que ainda vêem o tempo de forma diferente e plural. Se a tecnologia parece determinar o sentido e o ritmo das coisas, basta sair um pouco mais de nossa familiar geografia para descobrir que numa mesma sociedade existem concepções distintas e, não raro, antagônicas do tempo. O historiador e jornalista Ryszard Kapuscinski conheceu mais de 20 países africanos ao longo de toda sua vida. Em seu livro "Ébano, Minha vida na África", Kapuscinski nos relata uma cena cotidiana bastante simples e que ilustra o como o tempo pode ser apreendido de formas diferentes:

> Entramos no ônibus e ocupamos nossos lugares. Nesse momento, pode ocorrer um conflito de culturas, um choque, um atrito. Isso acontece quando o passageiro é um forasteiro que não conhece a África. Ele começará a ficar impaciente, a olhar em volta, a agitar-se no assento e a perguntar: "Quando o 6onibus vai partir?". "Como assim: 'quando'"?, se espantará o motorista. "Quando o ônibus estiver totalmente lotado..." [21].

O autor dá seqüência ao episódio explicando de forma bastante lúcida a diferença temporal entre alguém como ele – um europeu – e aquele com que está tendo contato – um africano:

[21] KAPUSCINSKI, Rysard. *Ébano, Minha vida na África* .São Paulo, Companhia Das Letras, 2002. p.22.

> O europeu e o africano têm uma noção totalmente distinta do tempo; eles o vêem de forma diferente, tratam-no de modo diverso. Na concepção européia, o tempo independe do homem. Ele existe de fato, fora de nós, e tem características mensuráveis e lineares. De acordo com Newton, o tempo é absoluto: "Absoluto, verdadeiro, o tempo matemático sugue seu curso por si próprio e graças à sua natureza constante e independentemente de qualquer fator externo". Um europeu sente-se escravo do tempo, depende dele, está sob seu domínio. Para existir e funcionar, tem de seguir suas leis férreas e imutáveis, suas regras claramente definidas, seus princípios rígidos. Deve cumprir prazos, datas, dias e horas. Move-se segundo o regime do tempo, não pode existir sem ele. O tempo o oprime com seu rigor, suas demandas e suas normas. O eterno conflito entre o tempo e o homem europeu sempre termina com a derrota deste – o tempo aniquila o homem.
>
> Os habitantes da África têm uma noção totalmente diferente do tempo. Para eles, o tempo é algo mais solto, aberto, elástico, subjetivo. É o homem que influencia a formação do tempo, seu desenrolar e seu ritmo (obviamente, aquele que agir de acordo com os preceitos dos antepassados e dos deuses). O tempo chega a ser algo que o homem pode criar, pois a existência dele se revela por acontecimentos, e o fato de algo acontecer ou não depende do homem. Se dois exércitos inimigos não começarem a lutar, não haverá batalha (o que significa que o tempo não mostrará sua face, que ele não teria sido criado).
>
> O tempo surge em função das nossas atividades e desaparece quando renunciamos a ele, ou mesmo quando nem o requeremos. É matéria que, dependendo de nossa vontade, sempre pode se tornar viva, mas que entrará num estado de hibernação, e até mesmo de não-existênca, se não lhe fornecermos energia. O tempo é um ente inerte, passivo e, sobretudo, dependente do homem. Uma concepção diametralmente oposta ã do homem europeu.
>
> Tomemos um exemplo prático: se formos a um vilarejo onde deverá ser realizada uma reunião à tarde e, ao chegarmos, constatarmos que não há vivalma, não terá sentido a pergunta "Quando vai começar a reunião?". A resposta já é sabida de antemão: "Quando as pessoas se reunirem". Do mesmo modo, um africano, ao entrar num ônibus, não pergunta quando o ônibus vai partir; ele apenas senta no primeiro lugar vago e, de imediato, mergulha num estado em que passa a maior parte da vida: o de espera inerte" [22].

Não há apenas um tempo. Há vários tempos. Eles co-existem em um mesmo plano de realidade e são, invariavelmente, construções sócio-culturais. Até mesmo o "t" da física passa por uma construção social, já que para associar uma letra do alfabeto ao conceito de tempo foi necessário o uso da linguagem e de uma convenção para que seu entendimento fosse autorizado, legitimado e reconhecido por uma comunidade que se pretende universal, como a ciência.

Ainda assim, mesmo com toda essa pluralidade de tempos, o homem não consegue nunca escapar da permanência, da repetição e da inevitabilidade de um único tempo, que parece o soberano: o da morte. Pois é contra ele que, em última instância,

[22]KAPUSCINSKI, loc Cit.

lutamos. Quando se fala nos sentidos e nas construções dos vários tempos, existe sempre uma parte da subjetivação que tem como referência a morte, o último adeus. E embora sejamos convictos – mesmo que apenas em nosso íntimo – de que somos imortais, como disse Freud, esta é sempre nossa última batalha. Não importa a religião ou crença de cada um. A morte, quando não um fim em si, representa uma grande ruptura, um contato inédito com o desconhecido. Mesmo aqueles que crêem no conforto de uma vida em outro plano hão de reconhecer algum desconforto, pelo menos em algum momento, diante do último sopro de vida. Nem sempre a morte ou a perda (de alguém, de alguma coisa, época, sentimento...) são realidades bem resolvidas para os indivíduos. Quem nunca chorou diante uma despedida ou pela ausência de uma? Quem nunca sofreu após um último beijo? E a dor de uma saudade? Existe indivíduo forte o suficiente para negar este sentimento? Qual o nome daquele que nunca sentiu a força de uma ausência? Isso é ser humano. Os corpos e os acontecimentos vão, mas os seus tempos continuam dentro de nós, seja sob a forma de lembrança ou do esquecimento. Mais do que isso, os temores diante do tema da morte e da perda são apenas uma amostra de como o tempo está diretamente ligada à questão da memória, esta mesma um grande exemplo de regime de tempo. Talvez o mais pleno de significados.

A concepção moderna tempo é uma arquitetura de várias camadas sobrepostas. Seu material é heterogêneo. Parte de sua compreensão é entendida no visível, através de nossa biologia, presente em nossos agendamentos, compromissos, ordenamento das memórias e outros campos em que o calendário, o relógio e até mesmo a natureza se encarrega de organizar ou situar. Mas outra parte existe no plano do invisível, do não-dito e do indireto. Esta é aquela que regula o campo do sentimento, que dá sentido aos acontecimentos, que legitima a experiência e aborda e regula os comportamentos e pulsões, seja no âmbito coletivo ou individual.

A manifestação destas estruturas temporais varia em intensidade e natureza. Está dialogando com o espaço e inúmeros discursos. Pode provocar tensão ou alívio, medo ou tranqüilidade, alívio ou expectativa, ansiedade e inquietude. Às vezes isso tudo de uma só vez. O tempo predominante na modernidade é uma estrutura em torno da qual percebemos nossa própria existência. Se esse tempo nos pressiona, nos parecendo pouco ou exagerado, tais percepções são a imagem de nossa própria vida. Cada passo que damos, para frente ou para trás, possui a medida do tempo que vivemos. É a partir desta instituição intangível e imaterial que fazemos muitas de nossas escolhas, direcionamos

ações, planejamos vidas e fazemos julgamentos. Elias disse que: “ao examinarmos os problemas relativos ao tempo, aprendemos sobre os homens e sobre nós mesmos, muitas coisas que antes não discerníamos com clareza” [23]. E nós, homens e mulheres, do século XXI nos perguntamos cada vez mais: “Que tempo é esse, o nosso?”.

[23] ELIAS,1998, p.7

Capítulo II – Comunicação e temporalidade no mundo contemporâneo: dois eixos de uma mesma transformação

É preciso amar as pessoas como se não houvesse amanhã, porque se você parar pra pensar, na verdade, não há.
(Legião Urbana em "Pais e Filhos")

2.1 O tempo em tempos de Globalização

Todo estudo ou pesquisa é, invariavelmente, ligado a inúmeras questões de sua época, mesmo que de forma não declarada. Não há como apagar este "lugar" a partir do qual falamos.

Este trabalho não foge à regra e também parte de inquietações bem atuais. O próprio impulso do leitor em iniciar mais um capítulo que aborda a questão do tempo já demonstra o interesse que este tema também exerce sobre ele. E o leitor não tem motivos para se sentir só. Um número cada vez maior de pessoas parece se interessar pelo assunto.

O homem dos anos 2000 possui infinitas razões para justificar esse flerte. Sob o signo da "sociedade da informação", vivemos um mundo de plena velocidade, em que tudo é atualizado rapidamente. Tudo muda e todos marcham apressadamente para terminar suas tarefas e acompanhar o ritmo alucinado das mudanças. O homem parece ter dotado as coisas e a si mesmo de uma emergência indefinida, que proclama a obsolescência do conhecimento e a efemeridade dos objetos. O tempo passa rápido ou somos nós que passamos mais depressa?

Meios de transporte que realizam trajetos antes inimagináveis. Fluxos econômicos que não cessam nunca e gerenciam a vida humana através de transações globais. Aparelhos de comunicação que interligam bilhões de pessoas em tempo real. Crescimento vertiginoso de cidades e de populações. Anos de estudo e investimento em cursos, pós-graduações, especializações e tudo o mais para aprimorar o currículo. Produzir mais do que todos, de forma mais eficiente e barata. Não há como parar diante do ritmo que a vida contemporânea parece ter assumido. Nossa percepção do tempo está centrada no presente, no "reino do efêmero" e marcada pelo fetiche da velocidade. Tudo está acelerado. Se antes o tempo já era o adversário, agora ele assumiu contornos de uma ditadura que controla todos os aspectos da vida humana. Quem nunca reclamou da falta de tempo ou achou que tem muito mais coisas a fazer do que horas disponíveis? Quem nunca soltou frases do tipo "como esse ano passou rápido" ou "nossa, o tempo está voando". Certamente estes tipos de observações são mais freqüentes do que aquelas que falam de uma lentidão do tempo.

A experiência temporal da modernidade extrapolou todos os limites em nossa contemporaneidade, radicalizando experiências e situações. O mundo globalizado

popularizou a pressa na forma de pensar, imaginar, locomover, sentir e se relacionar dos indivíduos.

Como esta sensibilidade foi possível? Quais suas principais características e questões? Até que ponto nossa vida assume esta sensibilidade? São exatamente estas inquietações que despertam interesse pela questão do tempo em nossos dias.

Imagem 14

Imagem 15

Velocidade nos transportes e na economia: o mundo não pára porque “tempo é dinheiro”

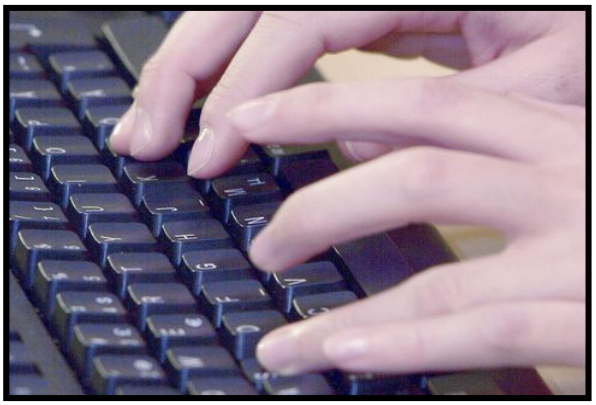


Imagem 17

Nas ruas ou na internet: locais de encontro das multidões

Pode-se dizer que duas grandes transformações recentes foram fundamentais para que essa nova sensibilidade do tempo fosse possível:

- *A crise das grandes ideologias que polarizam o mundo desde o século XIX.*
- *O surgimento de novas tecnologias de comunicação, especialmente a partir dos anos de 1990.*

Somente com base nestes dois eixos pode se compreender a natureza social desta nova forma de se sentir o tempo, no que difere das anteriores e quais suas implicações em nossa realidade.

2.2 1989: A Crise dos grandes projetos ideológicos

Qualquer regime temporal é também um reflexo de como os homens fazem política e vice-versa. O tempo da política e a política do tempo. O período que vai do final da Segunda Guerra mundial à derrubada do muro de Berlim, e que se convencionou chamar de Guerra Fria, é um caso exemplar desta relação entre o sentir e o agir. Durante mais de 30 anos o mundo acreditou estar polarizado entre duas grandes ideologias políticas, contraditórias, antagônicas, rivais e cuja incompatibilidade de metas deixava claro que a sobrevivência de uma não seria viável sem a eliminação sistemática da outra.

Por três décadas acreditou-se que a escolha de desses caminhos resolveria os principais problemas da humanidade. Comunismo e Capitalismo: não bastava optar, era preciso acreditar. Crer que em um desses grandes sistemas de entendimento da realidade era o mais correto, o mais apto a lidar com as grandes questões sociais e econômicas.

Durante estes anos simplificou-se a realidade através de dois grandes projetos pretensiosos. Existia a crença que um desses discursos continha a fórmula do futuro ideal. O capitalismo erradicaria a pobreza e as demais mazelas sociais através da redistribuição da riqueza, fosse essa uma operação do mercado ou do Estado. Já o comunismo apostava na eliminação do Estado e das classes para promover condições igualitárias de vida para todos.

Por mais que houvesse sempre o perigo eminente e paranóico de uma nova grande guerra, a referência de um amanhã sem mazelas e dores projetava no espírito dos homens uma forte sensação da segurança. Sabia-se do que se falava e onde se pisava. Reconheciam-se os aliados e os inimigos. O caminho do bem e do mal. De ambos os lados a crença no futuro era inabalável. O risco da guerra era o preço para se proteger um amanhã idealizado.

A simplificação da realidade fica mais evidente a partir do momento que se reconhecem aqueles dois projetos como bem similares, especialmente do ponto de vista

temporal. Ideológica e politicamente, comunismo e capitalismo guardam diferenças cruciais. Cada sistema trabalha de forma muito peculiar noções modernas fundamentais, como liberdade, igualdade e poder. Economicamente também são bastante distintos, cada qual com uma postura bem particular de classe, mercado, capital e intervenção. Cultura, educação, habitação e outras dinâmicas da vida social também são próprias dos dois sistemas. Porém, em termos de relação com o tempo, comunismo e capitalismo usam os mesmos códigos de entendimento, o mesmo tipo de teleologia. Encontram sempre no futuro a sua razão de ser no presente. Desta perspectiva, a Guerra Fria unifica o mundo em torno de um auto-entendimento histórico-filosófico utópico. O mundo marcha em prol do progresso. A bipolarização aparece apenas como um acessório que busca forjar uma grande diferenciação entre um projeto e outro, mas no fundo o que existe é uma unidade política partida.

> Cada lado, tão comprometido com o progresso quanto o outro, vive do pretenso retrocesso do outro. Cada lado cria obstáculos ao caminho do outro; paradoxalmente, nisto reside sua certeza. Distinguem-se um do outro para criar a ilusão de uma evidência que não existe, a não ser pelo medo e o terror. A unidade utópica do mundo reproduz sua própria dicotomia.[24]

A compreensão dessa marcha em direção a um futuro cheio de expectativas só pode, entretanto, ser compreendido depois de uma volta ao século XVIII[25], quando a sociedade burguesa exorcizou suas últimas dependências junto ao mundo absolutista. Neste sentido, 1789 é um ano emblemático e de grande valor. Até aquele ano o regime de temporalidade moderno[26] tinha como maior referência o passado. Era ele o princípio de legitimidade e inteligibilidade do mundo. Explicava o presente e dava lições para o futuro.

Mas os acontecimentos de1789 mudaram tudo. Diante das crises, perseguições, motins, violência intempestiva e incontáveis convulsões sociais que varriam a França, o passado teve problemas em explicar o presente. Perderam-se as orientações políticas básicas, instaurando uma crise sem precedentes na Europa. Quanto a tais fatos, Tocqueville sublinhou muito bem, em *De la démocratie em Amérique*: "Quando o passado não mais lança luz sobre o futuro, o espírito caminha nas trevas". Como então

[24] KOSELLECK, Reinhart. *Crítica e Crise.* Rio de Janeiro, Contraponto e EdUERJ1999. p.10
[25] Koselleck vê o século XVIII também como uma antecâmara da guerra fria.
[26] HARTOG, François. *Time, History and the Writing of History: the Order of Time*. Disponível na internet. http://www.fflch.usp.br/dh/heros/excerpta/hartog/hartog.html. 2 de outubro de 2006

reparar esta falha da *historia magistra*? Como recolocar nos eixos o princípio de entendimento? Como afastar as trevas que desesperavam os homens?

A resposta vem com a crítica Iluminista, que assume a missão de garantir que a paz será re-estabelecida e que os homens não flutuam num mar do acaso, sujeitos a imprevisibilidade de seus próprios atos e escolhas. A intelectualidade burguesa, fortalecida após sucessivas crises do Estado Absolutista, forja uma Filosofia da História cuja maior contribuição foi transformar a História em um processo. Desta forma, os eventos deixavam de lado seu caráter assustador, já que a ciência histórica os explica dentro da lógica processual, como se tudo já estivesse dado desde o princípio. Ou seja, a explicação do presente não vinha mais do passado, mas sim do futuro. Delegava-se para o amanhã o que não se podia fazer hoje. A Filosofia da História ainda colocara a própria burguesia como sucessora "inevitável" na superação do Estado Moderno.[27]

Um futuro que demanda as transformações do presente, que justifica rupturas e revoluções. No entanto, tal idéia obteve êxito em prejuízo dos fatos presentes. Perdia-se a verdadeira razão da crise. O Iluminismo ignorou a crítica ao absolutismo. Sua "luz" acalmou os ânimos, mas produziu novas zonas de sombra.

> O processo crítico do Iluminismo conjurou a crise na medida em que o sentido político dessa crise permaneceu encoberto. A crise se agravava na mesma medida em que a filosofia da história obscurecia. A crise não era concebida politicamente, mas, ao contrário, permanecia oculta pelas imagens histórico-filosóficas do futuro, diante das quais os eventos cotidianos esmoreciam. (...) No século XVIII, a intelectualidade burguesa transformou a história em processo, sem tornar-se consciente desta transformação. (...) Os juízes burgueses estavam sempre do lado do progresso. (...) A crítica da arte e a crítica da literatura foram as primeiras articular, na república das letras, a oposição entre antigos e modernos e a elaborar uma concepção de tempo que separava o futuro e passado. Um dos principais alvos da crítica, a religião cristã, trouxe em suas múltiplas divisões a herança de uma história sagrada que foi retomada, das mais diversas formas, por uma visão de mundo voltada para o futuro. É o conhecido processo de secularização, no qual a escatologia foi transportada para uma história progressista. (...) Ela [filosofia da história] precisou procurar um apoio que a remeteu para o amanhã, em cujo nome pôde negligenciar o hoje com a consciência tranqüila. Para fazer valer seus direitos, a crítica do século XVIII teve que se tornar utópica. Finalmente, o último objeto da crítica, O estado absolutista, contribuiu, à sua maneira, para estabelecer a visão utópica que a burguesia tinha da história.[28]

[27] KOSELLECK, 1999, p.12
[28] Ibid, p.13-15

Se a burguesia concebia a História de forma progressista, o comunismo científico a concebia da mesma forma. Marx enumerou as "leis da história" e apostou na "luta de classes" como o "motor da história". Esta dialética inerente aos grupos humanos se manifestaria até chegada do comunismo, quando superado as etapas do capitalismo e do socialismo, as classes e o Estado seriam abolidos e a igualdade conquistada. Mais uma vez remete-se para o amanhã a promessa de um mundo melhor. A Revolução viria apenas acionar os mecanismos.

A Guerra Fria levou às últimas conseqüências estes dois projetos e crenças. Mas algo deu errado. Didaticamente pode-se dizer que os problemas deste regime de temporalidade começaram no final dos anos de 1960, quando ventos revolucionários perderam intensidade, e solidificou-se a partir de 1989, quando junto do muro de Berlim muitas outras verdades sólidas também viraram escombros. Ao final dos anos 80, ambas as matrizes ideológicas foram profundamente revistas de seu ponto de vista teleológico. As promessas de um mundo melhor não se concretizaram, deixando para trás sonhos em flagelo e uma grande dívida humana.

Assim como 1789, 1989 foi uma data igualmente significativa para a percepção temporal do homem. Datas para mexer com o imaginário de qualquer superticioso. Um novo regime de temporalidade moderno se erguia, mais uma vez tendo como ponto de partida o dilaceramento do anterior. A queda do muro de Berlim abalou as estruturas de um mundo acostumado a um determinado entendimento histórico-filosófico que valorizava o futuro. A partir de agora o que restava era a dúvida e a incerteza. O comunismo falhara em quase tudo: corrupção, perseguição, Estado autoritário e controlador, burocracia exacerbada, limitação às liberdade individuais e muitos outros problemas. Do outro lado, o capitalismo. Se ele pôde ter sido considerado um vitorioso como sistema político-econômico, o mesmo não pode falar de suas promessas. A desigualdade de renda continua, a miséria se alastra como epidemia, as economias são cada vez mais ditatoriais, a liberdade só vale para o consumo e a distribuição de riquezas já não é mais expectativa de quase ninguém. As terríveis experiências do século XX fizeram com que a crença no progresso fosse completamente revisada. O amanhã tornou-se cinza. Se o passado já não explicava o presente, o futuro também falhara nessa missão.[29] Quem em 1988 diria que no ano seguinte o poderoso muro

[29] Atualmente a imagem de um passado mestre, que explica o presente e dá sentido ao mesmo ainda existe. Principalmente no senso comum. No entanto, este mesmo passado aparenta estar cada vez mais

alemão seria derrubado a golpes de picareta? Quando aconteceu, não faltou quem profetizasse o fim da história.

> As experiências deste século dificilmente nos dispõem a manifestar complacência para com o presente, menos ainda para com o futuro. Uma visão pessimista, até mesmo apocalíptica, afeta mais naturalmente uma geração que aprendeu dolorosamente que as mais impressionantes descobertas científicas podem ser usadas da maneira mais grotesca; que uma política social generosa pode criar tantos problemas quanto os que soluciona; que até mesmo os mais benignos governos sucumbem ao peso morto da burocracia, enquanto os menos benignos mostram-se criativos na invenção de novos e horrendos modos de tirania; que as paixões religiosas se exacerbam num mundo crescentemente secular, as paixões nacionais, no mundo fatalmente interdependente; que os países mais avançados e poderosos podem tornar-se reféns de um bando de terroristas primitivos; que nossos mais amados princípios – liberdade,igualdade e fraternidade, justiça, mesmo paz – foram pervertidos e degradados de maneiras nem sonhadas por nossos antepassados. A cada passo somos confrontados por promessas quebradas, esperanças fenecidas, dilemas irreconciliáveis, boas intenções que se desviaram, escolhas entre males, num mundo à beira do desastre – tudo isto que já virou clichê, mas é verdadeira demais e parece desmentir a idéia de progresso.[30]

Com o profundo abalo dos grandes projetos de futuro, a relação do homem com o tempo alterou-se mais uma vez, desde 1789. Antes da Revolução Francesa a História se escrevia do ponto de vista do passado. Depois dela e ao longo século XX foi escrita tendo como referência o futuro. E agora? Como escrevê-la? Para o indivíduo dos anos de 1990 e 2000, o passado como "experiência" e o futuro como "horizonte de expectativa"[31] hesitaram como categorias de sentido, restando-lhe, o presente como a referência mais palpável.

2.3 Anos 90: A explosão das novas tecnologias de comunicação

Não foi apenas o fim da Guerra Fria que incutiu no homem a sensação de que o presente é o tempo dominante. A mídia e, em especial, o jornalismo, possui papel central na transformação da relação/percepção do homem com as temporalidades. Nesta arena, passado, presente e futuro foram re-significados.

---

subordinado ao presente, que escolhe por qual passado quer ser explicado. Isso não é novidade, mas torna-se mais evidente hoje em dia. Por enquanto, as duas visões coexistem.

[30] HIMMELFARB, Gertude apud CARDOSO, Ciro F. *Um Historiador fala de teoria e metodologia – Ensaios.* Santa Cataria, EDUSC, 2006. p. 22

[31] Idem.

Coincidência ou não, foi a partir do final dos anos 80 e início dos 90 que os meios de comunicação tiveram inédito avanço em escala global.

Desde o final dos anos 80, os lares do mundo receberam curiosos e deslumbrados uma nova tecnologia que viria roubar a cena que desde os anos 50 era da televisão: o computador pessoal. Até então estas máquinas ocupavam um andar inteiro de um prédio, requeriam centenas de válvulas, consumiam grandes quantidades de energia, custavam cifras milionárias e demoravam uma eternidade para fazer uma seqüência de cálculo. Há pouco mais de 20 anos os computadores pessoais tornaram-se acessíveis a qualquer família de classe média. Passam a ser pequenos, de fácil uso, consumindo pouca energia e ágeis em diversas funções simultâneas.

Em pouco tempo o mercado de ciência e tecnologia concentrou seus esforços no aprimoramento de softwares e hardwares. No início dos anos 90, uma outra novidade viria confirmar a presença permanente dos computadores na vida dos indivíduos: a internet. Os computadores foram interligados em uma única rede, constituindo um espaço virtual de informação, do conhecimento, do relacionamento, da interatividade e espetáculo. Os fluxos de informação não seguem um único caminho, mas caminhos diversos e não lineares. Tanto se compartilha como se produz. A internet surgiu como um continente a ser descoberto. Não há nada de permanente e irrevogável, mas muitas transições, mudanças e renovação de conteúdo e forma.

A área da telefonia móvel, a construção de satélites e de sondas espaciais, o salto nas transmissões digitais, o barateamento e disseminação de fibras ópticas foram algumas das áreas tecnológicas que floresceram nas últimas duas décadas. A grande revolução dos anos 90 e 2000 foi a revolução midiática, dos meios de comunicação entre os homens. Todas as áreas da vida social e individual foram tocadas pelas novidades, por uma nova forma de lidar com a linguagem e a informação. Do controle remoto que liga a TV ao saque de dinheiro no caixa automático.

O processo de digitalização do mundo afetou todas as mídias, antigas ou novas, que tiveram de acompanhar o novo ritmo alucinado de informações. Computadores, fax, e-mails, celulares, pagers, satélites, jornais, revistas e TVs. E cada vez menores. Uma enxurrada de informações inundou a vida dos homens. A notícia está em todo lugar.

Muitos foram os impactos diretos e indiretos desta nova revolução cultural-tecnológica. Alterou-se a percepção do espaço geográfico. O que antes era inacessível e

desconhecido, agora se tornava mais familiar e de fronteiras maleáveis. O volume de informação mudou completamente. As culturas foram colocadas em contato, em diálogo e em posição de trocas. A própria comunicação seguiu um caminho de maior mediação e onipresença.

E este turbilhão de novas sensações alterou a relação do homem com o tempo, agora curiosamente taxado de "real". Um portal de informação registra notícias minuto a minuto, da Patagônia a Polônia. Do Ceará a Pequim. A sensação é de um espaço humano é muito mais dinâmico que o de outrora. Em todos os lugares parece haver fatos que devem ser informados e registrados.[32]

Seja pelo fim da Guerra Fria ou pelo imediatismo dos meios de comunicação, o resultado de todas estas transformações foi o estabelecimento de um presentismo em todas as esferas da vida. Dos relacionamentos amorosos aos laços de amizade. Das perspectivas políticas aos investimentos econômicos. Das instalações artísticas ao ambiente de trabalho. Nossas relações foram atravessadas pela pressa e pela urgência do momento.

Hora oportuno para uma retrospectiva deste trabalho monográfico. Em um primeiro passo problematizamos o conceito de tempo. No segundo, discutimos como o fim da Guerra Fria e os avanços dos meios de comunicação fundaram um novo regime de temporalidade, no qual o presente é consagrado como grande mediador das relações humanas.

De agora em diante, focaremos nossos esforços no jornalismo impresso, em especial o brasileiro, pelo jornal *O Globo*, de modo a entender como ele é tanto expressão como agente fundador deste novo regime de temporalidade. Nos próximos dois capítulos, tentaremos entender como o jornalismo produz e expressa o presentismo do mundo contemporâneo e quais as implicações desse fenômeno em nossa sociedade.

[32] Não gratuitamente, as maiores empresas do mundo são aquelas que se dedicam ao gerenciamento da informação, como é o caso da Microsoft. Sites de busca como o Yahoo! são outra marca indelével desta nova forma de se buscar e pesquisar conhecimento. O Google, um dos mais populares, transformou-se em uma espécie de Deus virtual do conhecimento, tamanho é seu poder de mapear e oferecer informações ao usuário da internet. E seu nome diz muito. *Google* [32]é uma expressão matemática criada em 1938 pelo matemático Edward Kasner e que serve para representar um número muito grande, mais precisamente a centésima potência do número 10, isto é, a unidade seguida de 100 zeros. Em linguagem matemática, 10^{100}. Seu nome foi tomado para nomear o site de busca devido a sua grande magnitude, que reflete o espaço quase infinito da web e do buscador.

Capítulo III – O tempo no jornalismo contemporâneo

Declare this an emergency
come on and spread a sense of urgency
and pull us through
and pull us through

And this is the end
this is the end
of the world

And it's time we saw a miracle
come on, it's time for something biblical
to pull us through
and pull us through

And this is the end
this is the end
of the world

Proclaim enternal victory
come on and change the cause of history
and pull us through
and pull us through

And this is the end
this is the end
of the world

(Muse - Apocalypse Please)

3.1 Jornalismo Contemporâneo: o presentismo via pessimismo

O jornalismo é reconhecidamente um dos grandes veículos de toda a informação que circula no mundo de hoje. Facilidades na esfera da apuração, da impressão, distribuição e logística possibilitaram a afirmação de muitas publicações e o surgimento de inúmeras outras, especializadas ou não. Se vivemos uma "Era da Informação", o jornalismo é um aspecto constitutivo desta realidade. Num cálculo feito por Ramonet, fica patente o poderio informacional do jornalismo no mundo atual:

> Um único exemplar da edição dominical do New York Times contém mais informações do que a adquirida ao longo da vida por um indivíduo culto no século XVIII. A cada dia, igualmente, cerca de 20 milhões de palavras de informação técnica são impressas sobre diversos suportes (revistas, livros, disquetes, CD-ROM). Mesmo alguém que leia mil palavras por minuto durante oito horas por dia precisaria de um mês e meio para ler as informações difundidas em um único dia de leitura. Um novo sábio morreria asfixiado sob o peso das informações disponíveis.[33]

Essa proeza, entretanto, só foi possível graças ao avanço tecnológico dos meios de comunicação nos últimos 20 anos. O jornalismo impresso absorveu, à sua forma, as mudanças introduzidas por essa nova tecnologia e mudou significativamente sua capacidade de narrar os acontecimentos sociais. Seu alcance foi ampliado e cobre a muito mais áreas do que antes. Seu discurso e linguagem estão presentes, direta ou indiretamente, em todos os meios sociais. Através da informação que difunde instauram-se debates na esfera pública, balizam-se críticas e compartilham-se sensações. O jornalismo adentrou no ritmo veloz da Globalização.

Se desde o fim da guerra fria, o homem já se sentia pisando em cascas de ovos, a experiência da comunicação instantânea e de um "agora" incessante só veio reafirmar esta sensação. As incertezas, medos e angustias encontraram na comunicação em tempo real o elemento que faltava para confirmar a máxima moderna de que "tudo que é sólido desmancha no ar". No imaginário coletivo, o jornalismo é quase uma força onipresente. Á todo momento chegam notícias de "última hora" que, atualizadas minuto a minuto, dão a idéia de ubiqüidade típica do jornalismo. Dentre outras coisas, esse formato de

[33] RAMONET, I. *La Tyrannie de La Comunnicacion*, Paris, Galilée, 1999. p.84

jornalismo permite a partilha e reforça o sentimento de instabilidade e insegurança de nosso presente. A fragilidade e desconfiança parecem ampliadas através do jornalismo.

Prova disso é o grande leque de manchetes em tons apocalípticos. Não se trata de mero sensacionalismo, mas de uma cultura do medo que se alastra com facilidade. O leitor abre o jornal e não vê claramente quem é o autor dos crimes ou das ameaças. Ele lê *chamadas* que utilizam palavras como “medo”, “crise”, “risco”, “pânico”, “terror”, “perigo”, “ameaça” e outras cuja mensagem é sempre a mesma: *o futuro está ameaçado ou até mesmo inviável. Como acreditar nele diante deste quadro?*

A fala escatológica é uma forma muito antiga de propagar a paranóia e o medo. É usada como prerrogativa para se justificar o uso de medidas autoritárias, assim como para revestir de autoridade discursos de ordem. Isso se tornou ainda mais evidente após os trágicos acontecimentos do 11 de Setembro de 2001. Entretanto, seria uma leviandade explicar esta fala somente por meio deste prisma. Ela também faz parte de um modo singular do homem na sua relação com as temporalidades que o cerca.

Após as devidas ponderações, seguem adiante recortes de jornais ilustrando o modo como o jornalismo vêm disseminando um vocabulário pessimista e que impede a projeção de um futuro sustentável. Através destas manchetes compartilha-se, antes de tudo, um pessimismo em relação ao amanhã, instaurando um presentismo em diversas escalas. Um *carpe diem* levado às últimas conseqüências.

Os recortes usados foram publicados entre os meses de **setembro** e **dezembro** de **2005**, no jornal **O Globo**. Entende-se que o material desta amostragem é válido para representar o comportamento do jornalismo existente desde os anos 1990 e, principalmente, 2000. Com relação ao jornal escolhido entende-se que este veículo é representativo de uma tendência nacional, haja vista três aspectos: 1) É um dos jornais de maior circulação no país; 2) Está entre os mais lidos; e 3) Possui forte impacto na formação da opinião pública. Além disso, seu formato está alinhado aos padrões internacional de jornalismo em voga no mundo ocidental, em especial o estadunidense.

A idéia principal é mostrar como a linguagem jornalística colabora para a difusão de um futuro pessimista e, consequentemente, afirma o presente como um espaço a ser valorizado e vivido intensamente.

20 • O MUNDO O GLOBO Segunda-feira, 3 de outubro de 200

Medo das urnas, desafio à democracia angolana

População do interior associa eleição, prevista para 2006, à matança que se seguiu depois do pleito de 1992

Fellipe Awi

Enviado especial

• LUANDA: Os traumas de uma geração de angolanos formada na guerra ainda estão tão vivos que geram desconfiança até na perspectiva de todo um país, finalmente, escolher seu futuro. Organizações não-governamentais que trabalham em Angola estão detectando certa resistência de parte da população às eleições legislativas e presidenciais previstas para 2006. Nas províncias, especialmente entre os menos instruídos, a associação entre voto e massacre é natural, uma vez que o segundo foi conseqüência do primeiro no único pleito da história do país, em 1992.

Naquele ano, a União Nacional para Independência Total de Angola (Unita) não aceitou a vitória, por pequena margem de votos, do Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA). Antes do segundo turno, a guerra recomeçou ainda mais intensa, com massacres quase diários em províncias como Huambo e Bié.

— Este período ainda está

Fotos de Denny Gutierre

CRIANÇAS ANGOLANAS numa favela de Luanda: a comissão eleitoral prevê um programa de educação cívica para instruir eleitores

JOVEM NUM dos muitos lixões da capital

Imagem 18 – O Globo 03/10/2005

22 • RIO O GLOBO Quinta-feira, 24 de novembro de 200

Atirador leva medo a rua de Laranjeiras

Com espingarda de chumbinho, criminoso já feriu cinco pessoas, além de atingir veículos e placas de trânsito

Fábio Vasconcellos

• Caminhar pelas calçadas da Rua Coelho Netto, em Laranjeiras, virou uma atividade de risco nos últimos dois meses. Com uma espingarda de ar comprimido, uma pessoa decidiu praticar tiro ao alvo, mirando em pedestres, motociclistas, veículos e placas de trânsito. Pelo menos cinco pessoas já foram vítimas do atirador. O último caso ocorreu no domingo à noite, quando um universitário foi atingido na mão esquerda. O rapaz correu e mais dois disparos foram feitos. Um chumbinho atingiu um tapume do lado esquerdo da rua.

O estudante, que pediu para não ser identificado, contou que caminhava pela calçada do lado direito com a namorada por volta de 20h, quando ouviu o primeiro disparo, na altura do prédio número 70. Como não pôde ver quem atirava, o estudante fugiu para a calçada do lado oposto. Ele suspeita que os disparos tenham partido do Edifício Chevalier Rose, que fica quase em frente aos tapumes:

— O som dos tiros parecia

Gabriel de Paiva

O UNIVERSITÁRIO atingido mostra o ferimento: "O atirador mirou a minha namorada, mas acertou a minha mão, que estava no ombro dela"

Relembre outros casos

• Outros atiradores já fizeram vítimas na cidade. Em setembro de 2003, a Polícia Militar deteve um adolescente no Leblon, que também fazia tiro ao alvo em pedestres. Com uma espingarda de ar comprimido, o jovem, de 17 anos, feriu quatro pessoas da janela do seu apartamento na Rua Dias Ferreira.

Todos os feridos eram funcionários do Supermercado Zona Sul, que fica em frente ao edifício do rapaz. Ele foi autuado na 14ª DP (Leblon) pelo equivalente, no Estatuto da Criança e do Adolescente, ao crime de lesão corporal. A investigação descobriu que os disparos eram feitos sempre à noite. O menor alegou que não tinha a intenção de machucar ninguém, ape-

Imagem 19 – O Globo 24/11/2005

O medo viaja na linha Passeio-Irajá

• A molecada da favela de Maguinhos embarca e ameaça incendiar o ônibus. O efeito é paralisante. Os passageiros do 350 (Passeio-Irajá) não pregam o olho. Sentam-se perto da janela. O fantasma do ataque ao ônibus, ocorrido há duas semanas, ronda as viagens, principalmente à noite.

— As pessoas estão mais assustadas do que nunca, querem sentar perto da janela ou da porta. A realidade dentro do ônibus mudou muito — diz a estudante Rosilaine Rodrigues, de 19 anos, depois de mais um dia de faculdade de manhã e trabalho numa empresa até a noite.

Durante a viagem, muitas vezes, percebe-se nos pontos de ônibus parentes dos passageiros esperando por eles.

— Enquanto eu não chego, meu marido não dorme — diz Luciana dos Santos, de 32 anos, mãe de dois filhos.

Imagem 20 – O Globo 11/12/05

LOBO Sábado, 3 de setembro de 2005

Medo de tiroteio faz desfile de alunos ser cancelado

Confronto aconteceu durante ação da PM na Penha

• Programado para ontem de manhã no Largo da Penha, o desfile cívico dos alunos de 21 escolas e três creches da rede municipal acabou não acontecendo. Uma operação da Polícia Militar, que fez um cerco a morros da região, assustou representantes da 11ª Administração Regional e da Coordenadoria Regional de Educação (CRE). O palanque já estava armado e todo o esquema preparado. Mas os primeiros tiros disparados levaram os organizadores a cancelar o evento.

Além de o desfile ter sido suspenso, seis escolas e uma creche do município e dois colégios estaduais não funcionaram, também por questões de segurança. No total, seis mil alunos ficaram sem aulas.

A operação, de acordo com o comandante do 16º BPM (Olaria), tenente-coronel José Luís Nepomuceno, foi realizada com a finalidade de coibir o tráfico de drogas e reduzir a incidência de roubos na região.

Os policiais concentraram a operação na Vila Cruzeiro e no Morro da Chatuba. Ao chegarem às favelas, às 6h, os PMs foram atacados a tiros. Foi usado um carro blindado e policiais do 22º BPM (Maré) e do Batalhão de Operações Especiais (Bope) deram apoio à incursão. Durante a blitz, um menor foi preso com um revólver e foram apreendidos um fuzil e uma pequena quantidade de cocaína. Cinco pessoas foram detidas para averiguação. ■

Wania Corredo

Imagem 21 – O Globo 03/09/2005

CISNES SUPOSTAMENTE infectados são queimados na Romênia

Medo contamina Europa

Consumo de aves entra em queda

Imagem 22 – O Globo 20/10/2005

ANULADO CONCURSO DO CEFET REALIZADO ONTEM • PÁGINA 15

O GLOBO

80 anos

IRINEU MARINHO (1876-1925) RIO DE JANEIRO, QUARTA-FEIRA, 16 DE NOVEMBRO DE 2005 • ANO LXXXI • Nº 26.309 • www.oglobo.com.br ROBERTO MARINHO (1904-2003)

Iraquianos têm novo escândalo de tortura

• Militares dos EUA encontraram 173 prisioneiros iraquianos trancafiados no porão de um prédio do governo de Bagdá, muitos deles subnutridos e com marcas de tortura. A descoberta, que trouxe de volta à memória o escândalo de abusos na prisão de Abu Ghraib, ano passado, põs em xeque o governo iraquiano. O Senado americano, de maioria republicana, aprovou ontem uma resolução exigindo que Bush esclareça sua estratégia no Iraque. **Página 23**

Ano eleitoral pode crescer a economia

• Depois do leve desaquecimento da economia registrado este ano, especialistas, empresários e governo apostam na retomada do crescimento a curto prazo. Entre os motivos, inflação sob controle, maior poder aquisitivo da população, perspectiva de queda dos juros e o fato de 2006 ser ano eleitoral. **Página 17**

Fla tem de vencer hoje para respirar

• Ramírez é o maior trunfo do Flamengo para vencer o Fortaleza hoje, na Ilha, em mais um capítulo da luta para ficar na Série A. Joel Santana considera o jogo um dos mais importantes da história do clube, que ontem festejou 110 anos. Em Florianópolis, o Vasco terá Romário contra o Figueirense. **Página 30**

Justiça tira Rede TV! do ar em São Paulo

• Por descumprir decisão judicial referente ao programa "Tarde quente", de João Kleber, a Rede TV! ficou fora do ar até às 22h20m de ontem, em São Paulo. A emissora não mudou o horário do programa para a noite como determinara a Justiça. **Página 9**

A primeira página em debate hoje nos Encontros O GLOBO

Página 16

2ª EDIÇÃO

R$ 2,00

Palocci tenta reduzir crise antecipando ida ao Senado

Ministro depõe hoje à tarde e, se não convencer, deve deixar o cargo

• O ministro da Fazenda, Antonio Palocci, antecipou para hoje à tarde seu depoimento na Comissão de Assuntos Econômicos (CAE), inicialmente marcado para o dia 22. A decisão, tomada em conjunto com o Palácio do Planalto, deve ser a última tentativa para superar a crise deflagrada pelas denúncias de irregularidades envolvendo o ministro e ex-assessores. Caso o resultado do depoimento não seja satisfatório, Palocci não deve permanecer no cargo. Em conversas com assessores, o presidente Lula concluiu que era preciso tomar uma atitude imediata para impedir que a economia seja contaminada pelas suspeitas envolvendo o ministro. Palocci, que estava em Ribeirão Preto e ontem voltou para Brasília, concordou que não era possível esperar até o dia 22. Líderes da oposição disseram que Palocci precisa responder às denúncias com convicção. **Página 3**

CHICO

DE REPENTE, SAINDO DAQUELA CABINE TELEFÔNICA...

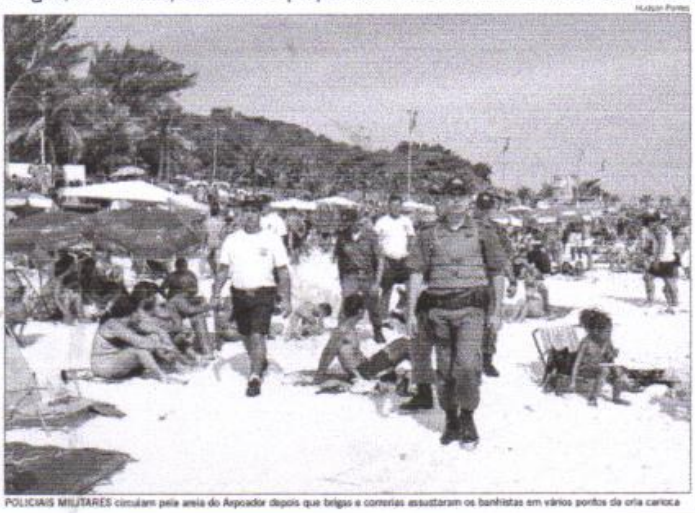
— Está bem: atirem!

Relator diz que CPI acaba sem provas

• O presidente da CPI do Mensalão, Amir Lando, fará hoje uma última tentativa para estender por 30 dias o trabalho da comissão, mas até ontem apenas 15 deputados haviam assinado o requerimento para sua prorrogação. O prazo termina hoje à meia-noite e são necessárias 171 assinaturas. O relator da CPI, deputado Ibrahim Abi-Ackel, disse que não obteve provas de que houve pagamento mensal a parlamentares. A CPI dos Bingos ouve hoje o presidente do Sebrae, Paulo Okamoto. **Página 8**

Medo de arrastão tumultua praias

Brigas, confusões, correrias e pequenos furtos marcam o feriado ensolarado na orla do Rio



POLICIAIS MILITARES circulam pela areia do Arpoador depois que brigas e correrias assustaram os banhistas em vários pontos da orla carioca

• Apesar da presença da PM, o medo de arrastão voltou ontem a assustar banhistas no primeiro feriado de sol forte no Rio neste final de ano. Brigas provocaram correria de banhistas, em momentos diferentes, desde o Arpoador até o Leblon. Alguns foram furtados. O relações-públicas da PM, tenente-coronel Aristeu, disse que houve apenas "um grande contingente de pessoas saindo da praia ao mesmo tempo, o que pode ter dado sensação de tumulto". **Página 10**

Trânsito lento em toda a cidade

• Por causa do grande número de carros que seguiam para a orla ontem, houve congarramentos no Túnel Rebouças, na Lagoa, na Linha Amarela (onde a retenção chegou a nove quilômetros) e em outros acessos às praias. **Página 10**

Controle da internet em discussão

Países querem fim do monopólio dos EUA sobre domínios

• O controle americano sobre os endereços da internet é o principal tema da cúpula mundial da Sociedade de informação, que começa hoje na Tunísia. Brasil, Índia, China e os 25 membros da União Européia querem acabar com o monopólio. Os Estados Unidos, que vêm insistindo em manter tudo como está, acenaram com a possibilidade de aceitar a criação de um fórum internacional para discutir a governança da internet, desde que ele não tenha poder de decisão, conta a enviada especial à Tunísia, **MONICA YANAKIEW**. Mais de 20 mil representantes de governos, empresas tecnológicas e organizações não-governamentais se reunirão sob forte esquema de segurança para evitar atentados. **Página 20**

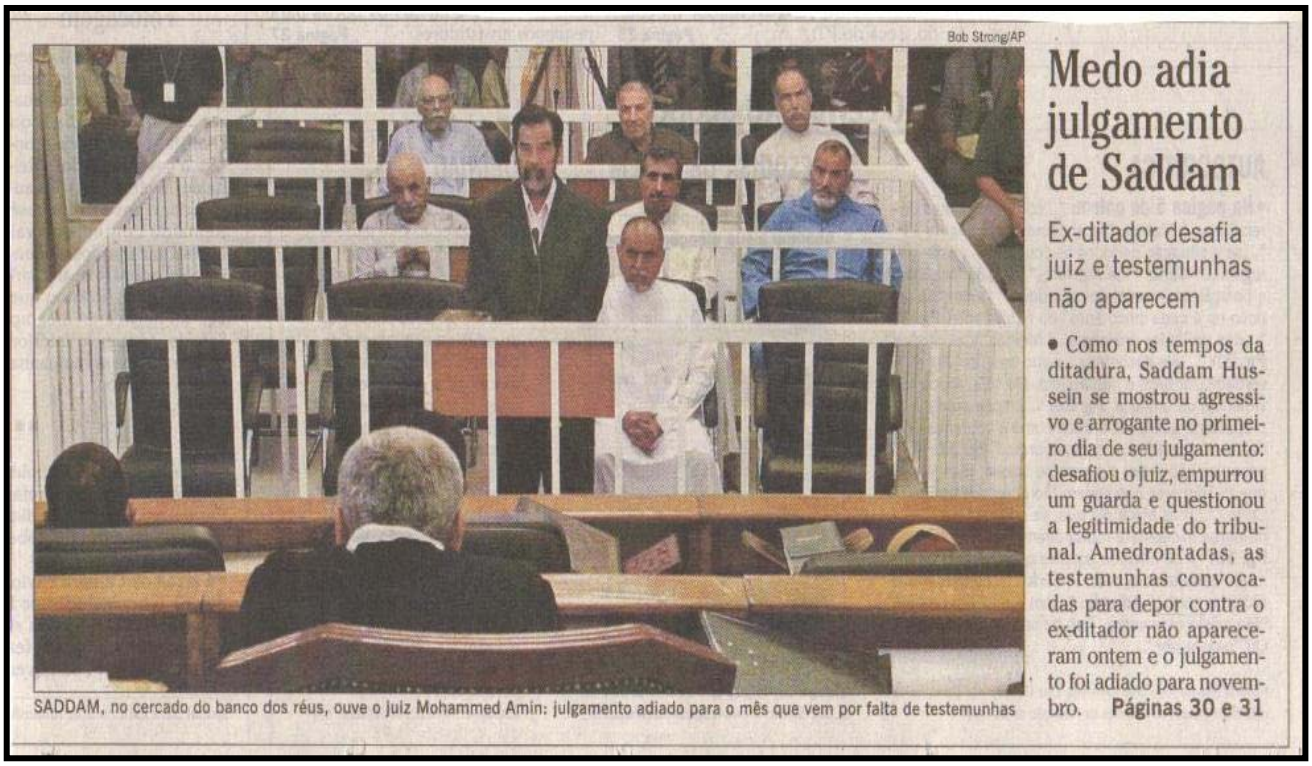
CARRO*etc*

• Mesmo antes de iniciar sua produção em série, a marca Obvio! (leia-se óbvio), com fábrica em Xerém, planeja até vender 50 mil carros por ano para os Estados Unidos.

SEGUNDO CADERNO

• A americana Florence Foster Jenkins, considerada a pior cantora lírica do mundo, tem sua vida retratada em peça teatral em Nova York.

Imagem 23 – O Globo 16/11/2005



Bob Strong/AP

Medo adia julgamento de Saddam

Ex-ditador desafia juiz e testemunhas não aparecem

• Como nos tempos da ditadura, Saddam Hussein se mostrou agressivo e arrogante no primeiro dia de seu julgamento: desafiou o juiz, empurrou um guarda e questionou a legitimidade do tribunal. Amedrontadas, as testemunhas convocadas para depor contra o ex-ditador não apareceram ontem e o julgamento foi adiado para novembro. **Páginas 30 e 31**

SADDAM, no cercado do banco dos réus, ouve o juiz Mohammed Amin: julgamento adiado para o mês que vem por falta de testemunhas

Imagem 24 – O Globo 20/10/2005

Medo da gripe aviária se espalha pelo Brasil

Enquanto especialistas descartam que galo tenha morrido da doença em São Paulo, surge nova suspeita em Minas

Tatiana Farah

Especial para O GLOBO

• SÃO PAULO. O Ministério da Agricultura descarta, a princípio, que o galo encontrado morto numa pequena propriedade rural de Marília (interior de São Paulo) estivesse com a gripe aviária. O galo foi levado para o Laboratório Nacional Agropecuário (Lanagro), em Campinas, para necropsia e todas as aves da chácara onde o galo morreu foram isoladas e submetidas a exame de sangue. Os resultados dos exames devem sair hoje e a necropsia será apresentada em 20 dias.

— Se fosse gripe aviária, todas essas aves já estariam mortas — explicou o superintendente do

Alexandre Meneghini/AP

CORPO A CORPO

LUIZ JACINTHO DA SILVA

Risco de contágio é pequeno

• Por enquanto, é difícil contrair a gripe aviária causada pelo vírus H5N1. Para adoecer, é preciso ter tido contato com uma ave doente ou manusear uma que tenha acabado de morre. As afirmações são do médico Luiz Jacintho da Silva, professor titular da cadeira de Doenças Transmissíveis da Faculdade de Ciências Médicas da Unicamp e ex-superintendente da Sucen (Su

tencial é o vírus evoluir e avançar na forma de contágio, em que seres humanos possam ser transmissores.

• *Como as pessoas contraem a doença?*

SILVA: Por inalação. Então, é preciso conviver com o animal doente. Seja na granja, no criadouro ou no abatedouro. Ou ainda manipular a ave morta. Mas a sobrevida do vírus é curta, de apenas poucas horas

Imagem 25 – O Globo 04/11/2005

Medo ameaça compras de Natal em Ipanema

Preocupados com assaltos, lojistas da Aníbal de Mendonça ameaçam não manter estabelecimentos abertos até mais tarde

Patrícia Faria

• Preocupados com o número crescente de assaltos, lojistas da Aníbal de Mendonça, uma das ruas de comércio mais sofisticado de Ipanema, ameaçam não manter as portas abertas até mais tarde este ano, nos dias que antecedem o Natal. O número de seguranças, que usam radiocomunicadores e fones de ouvido, foi dobrado nos últimos dias.

— Está muito perigoso circular aqui, principalmente à noite. Não estava nos planos dos comerciantes gastar tanto com segurança privada. Se a violência continuar, vamos acabar tendo um prejuízo muito grande — contou uma vendedora, que preferiu não se identificar.

Há cerca de 15 dias, um homem armado rendeu as vendedoras e os clientes que estavam na loja Lee Loo, nas proximidades da Rua Visconde de Pirajá, trancando todos no banheiro. Desde então, um segurança fica na porta, desde a abertura até o fechamento da loja.

— Está demais. Todos os comerciantes foram obrigados a aumentar a verba de segurança para manter as lojas funcionando. Na semana passada, acolhemos um senhor que tinha sido ameaçado por um rapaz de bicicleta — contou Marisa Orem Fragoso, funcionária da loja Fit, na esquina da Aníbal com Barão da Torre.

Moradores da região também estão preocupados com o número de mendigos e de menores cheirando cola, que aumenta nesta época do ano.

—Temos um comércio importante. Não podemos conviver com essa situação de insegurança — disse a moradora Hilda Sarraceno Costa.

Esta semana, num engarrafamento, um motoqueiro chegou a quebrar o vidro de um carro para tentar assaltar a motorista. Há duas semanas, após tentar arrombar de madrugada a loja Cavendish, um dos bandidos flagrados pelas câmeras de segurança da galeria Top Center chegou a ligar para a loja fazendo ameaças.

O comandante do 23º BPM (Leblon), tenente-coronel Norberto Mendes, reconheceu o problema e disse que o policiamento da área será reforçado a partir de hoje. ■

Custódio Coimb

UM TAPETE VERMELHO é estendido para os clientes na Aníbal

Imagem 26 – O Globo 03/12/2005

Bando espalha pânico por ruas do Méier

Bandido é morto e outro preso depois de roubarem 3 carros e assaltarem dez pessoas

• Um bandido morreu e outro foi preso, ontem de manhã, após trocarem tiros com policiais do 3º BPM (Méier), durante perseguição pelas ruas do bairro, na Zona Norte. André Luiz Brites de Assis Monteiro, de 26 anos, foi baleado e morreu no Hospital Salgado Filho. Maurício da Silva Gonçalves tentou escapar do cerco policial, invadiu uma casa, mas foi capturado.

Os dois faziam parte de um grupo de quatro assaltantes que, desde a noite de sábado, espalhava pânico pelas ruas do bairro. Três carros foram roubados e cerca de dez pessoas assaltadas. Uma das vítimas foi o supervisor de vendas Marcelus Régis, de 31 anos, que teve o Fiat Stilo LOO-5522 roubado. Ele falava no celular com a noiva na hora do assalto.

— Minha noiva ouviu tudo e ficou desesperada. Só se acalmou quando eu liguei da delegacia — contou Marcelus.

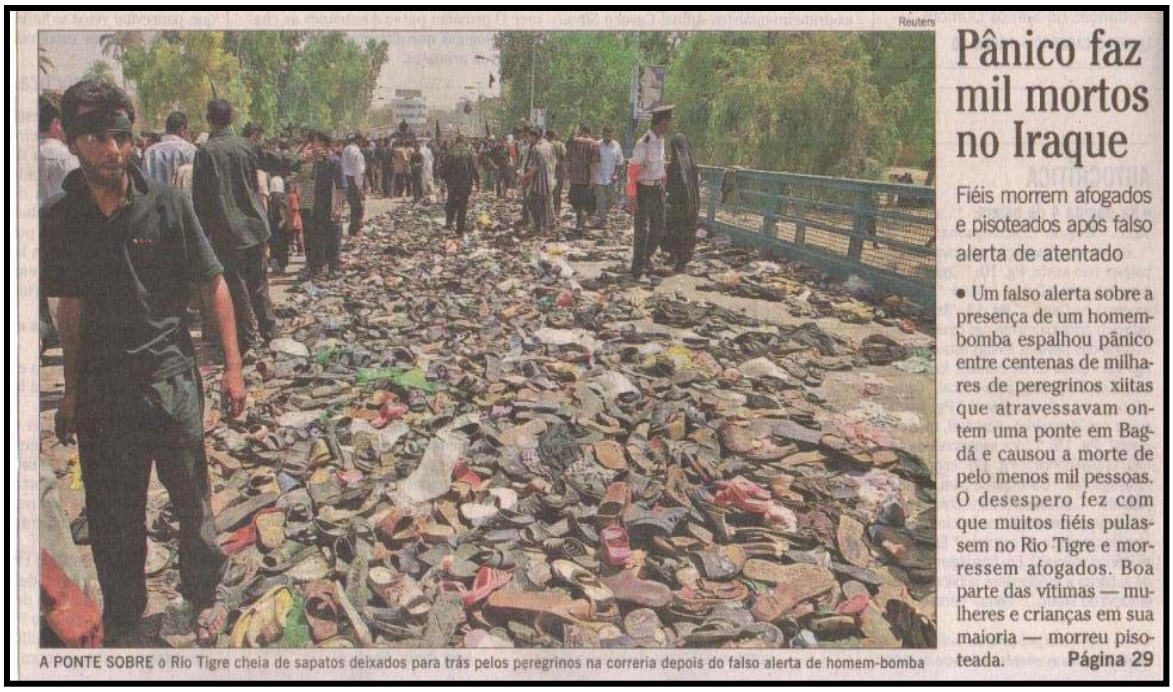
O grupo voltou a agir por volta das 5h45m de ontem, quando assaltaram três mulheres num ponto de ônibus na Rua Getúlio. Em seguida, os bandidos assaltaram a Padaria Nova Olinda, na Rua Adriano, de onde levaram R$ 150 e uma balança eletrônica.

O dono da padaria, Antônio da Silva Alves, de 54 anos, escondeu-se no banheiro e ficou muito assustado:

— Essa foi a quadragésima vez em que a loja é assaltada desde que abriu, há 23 anos.

Logo depois do assalto à padaria, um carro da polícia, após troca de tiros, prendeu um dos assaltantes e baleou outro, que morreu no hospital. Os outros dois, que estavam no Palio branco, conseguiram fugir. ■

Imagem 27 – O Globo 12/09/2005



Reuters

Pânico faz mil mortos no Iraque

Fiéis morrem afogados e pisoteados após falso alerta de atentado

• Um falso alerta sobre a presença de um homem-bomba espalhou pânico entre centenas de milhares de peregrinos xiitas que atravessavam ontem uma ponte em Bagdá e causou a morte de pelo menos mil pessoas. O desespero fez com que muitos fiéis pulassem no Rio Tigre e morressem afogados. Boa parte das vítimas — mulheres e crianças em sua maioria — morreu pisoteada. Página 29

A PONTE SOBRE o Rio Tigre cheia de sapatos deixados para trás pelos peregrinos na correria depois do falso alerta de homem-bomba

Imagem 28 – O Globo 01/09/2005

EM À TONA DETALHES ARQUITETÔNICOS ORIGINAIS • MORAR BEM

O GLOBO 80 anos

RIO DE JANEIRO, DOMINGO, 9 DE OUTUBRO DE 2005 • ANO LXXXI • Nº 26.361 • www.oglobo.com.br

ROBERTO MARINHO (1904-2003)

Tráfico de armas migra e leva pânico ao interior

Bandidos usam fuzis e metralhadoras para saquear pequenas cidades

Imagem 29 – O Globo 09/10/2005

Sábado, 15 de outubro de 2005 O GLOBO

O MUNDO

Cris Bouroncle/AFP

SOLDADOS AMERICANOS carregam caixas com cédulas eleitorais para os postos de votação em Mossul

Iraque vota sua Constituição à sombra do terror

Ataque de rebeldes provoca apagão em Bagdá horas antes de votação

Imagem 30 – O Globo 15/10/2005

Terror mata 25 e fere 100 na ilha de Bali

• Pelo menos 25 pessoas morreram e 100 ficaram feridas em explosões ocorridas ontem em Bali. O governo atribuiu os ataques a terroristas ligados à al-Qaeda. Entre as vítimas, turistas estrangeiros. **Página 40**

Imagem 31 - O Globo 02/10/2005

Terror ameaça atacar os EUA e a Austrália

• No aniversário de quatro anos do 11 de Setembro, um americano que se diz vinculado à rede al-Qaeda afirmou na TV que Los Angeles e Melbourne, na Austrália, serão alvos de ataques. Cerimônias em Nova York, na capital americana e em outras cidades marcaram a data. **Página 19**

Imagem 32 – O Globo 12/09/2005

Crianças em risco

Pesquisa inédita mostra que a maioria das crianças brasileiras tem colesterol alto. E laboratórios lançam novas drogas para tratar a doença em adultos

Editoria de A

Por Antônio Marinho

AS DOENÇAS CARDIOVASCULARES são a principal causa de morte natural. E um dos principais fatores de risco é o excesso de colesterol no sangue, problema que começa cada vez mais cedo. Pesquisa feita a partir de exames de 24.989 crianças que moram no Rio, de zero a 12 anos, revelou que 53% das meninas e 47% dos meninos apresentam taxas de colesterol alteradas ou acima do normal (200mg/dl). Segundo médicos, a prevenção com mudanças de hábitos de vida e boa alimentação ainda é a melhor saída. Como isso é difícil, laboratórios investem em novos medicamentos para adultos. Os mais modernos reduzem o colesterol total e sua fração ruim (LDL), além de aumentarem o colesterol bom (HDL).

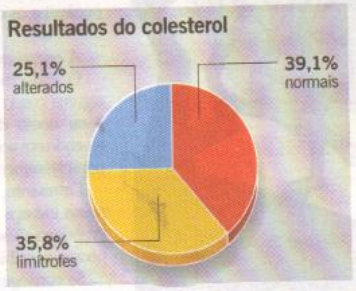
Na pesquisa com crianças, feita com apoio da Diagnósticos da América Medicina Diagnóstica (Dasa), foram consideradas normais taxas de colesterol até 169mg/dl. De 170mg/dl a 199mg/dl, os médicos classificaram como limítrofes. Segundo a pediatra Patrícia Dahan, uma das coordenadoras do estudo, provavelmente o excesso de colesterol na infância está relacionado a hábitos de vida, principalmente à dieta inadequada.

— Apenas 39,1% das amostras tinham taxas normais. De acordo com o estudo, os maiores de 5 anos apresentam maior probabilidade de hipercolesterolemia (excesso de colesterol). É preciso acompanhar com mais atenção as crianças, especialmente no que diz respeito às orientações sobre alimentação — diz a médica.

Pediatras estão preocupados. Tanto que a solicitação de dosagem de colesterol em crianças triplicou em 2004 em relação a 2003. A maioria dos pedidos (90%) foi para crianças acima de 5 anos. Outros estudos indicam que 50% dos pacientes entre 1 e 10 anos e cerca de

OS PRINCIPAIS RESULTADOS DO ESTUDO

No estudo estatístico do colesterol total em crianças, os pediatras analisaram 24.989 exames de meninos e meninas até 12 anos, realizados nos últimos dois anos no Rio de Janeiro. Os resultados das amostras de colesterol total foram considerados normais até 169mg/dl, de 170mg/dl a 199mg/dl, limítrofes e alterados acima de 200mg/dl.



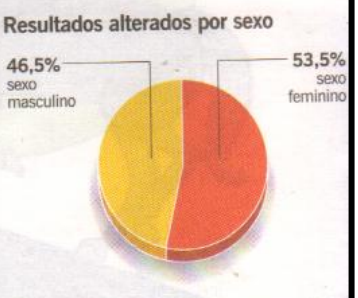


Imagem 33 – O Globo 04/09/2005

Domingo, 6 de novembro de 2005 33

O GLOBO

ECONOMIA

RIQUEZA FINITA

Os riscos do petróleo

Peso de 'royalties' dobra na arrecadação estadual e especialistas temem dependência

Editoria de Arte

Luciana Rodrigues

Com uma economia que cresce ao ritmo da produção e refino de petróleo, o Rio tem contado cada vez mais com essa *commodity* também nas suas finanças estaduais. Dados do Sistema de Informações Gerenciais (SIG) do governo do Estado mostram que, em 2000, a indenização pela extração de petróleo (que inclui *royalties* e participações especiais) respondia por 5,2% da arrecadação estadual. Este ano, até o dia 1º de novembro, essa parcela mais do que dobrou e alcançou 12,5%. Enquanto isso, a arrecadação de ICMS, que era de 50,7% do total em 2000 e chegou a 53,5% em 2002,

— Não existe dinheiro carimbado, as contas do governo são como vasos comunicantes. O estado tem investido em infra-estrutura e criado incentivos para atrair empresas.

Victer lista como exemplos das ações do governo a insistência para que a Petrobras instalasse uma refinaria no Rio (prevista para entrar em operação em 2010), os projetos para construir uma estrada de acesso ao novo Pólo Gás-Químico, uma ponte que liga São Pedro da Aldeia e Cabo Frio e as isenções fiscais para a instalação de cinco termelétricas no esta-

"Não existe dinheiro carimbado, as contas do governo são como vasos comunicantes. O estado tem investido"

Agência Nacional do Petróleo (ANP), que era de US$ 28,39 o barril em 2000, subiu para US$ 50,67 este ano. O volume de produção nacional, de 1,23 milhão de barris por dia há cinco anos, subiu para 1,58 milhão. Se não fosse a queda do dólar este ano, os *royalties* recebidos pelo Rio, que detém 80% da produção nacional, seriam ainda maiores.

Rafael Schechtman, diretor do Centro Brasileiro de Infra-Estrutura (CBIE), destaca que, além de sofrer oscilações de preço, a renda do petróleo é vulnerável a decisões estratégicas de investimento.

O salto dos números

CRESCE A PARTICIPAÇÃO DOS ROYALTIES NA ARRECADAÇÃO ESTADUAL

Percentual da indenização pela extração de petróleo (royalties, participação especial e fundo especial) no total arrecadado pelo governo estadual

Imagem 34 – O Globo 06/11/2005

Resistência de vírus aumenta risco de epidemia

Cientistas dizem que o letal H5N1 já apresenta imunidade à principal droga usada no combate da doença

Valentina Petrova/AFP

• GENEBRA. A confirmação de casos de gripe de aves na Turquia causados pelo H5N1 e a suspeita de que pássaros estejam contaminados pelo mesmo vírus letal na Romênia fez com que a Organização Mundial de Saúde (OMS) renovasse ontem os alertas para a iminência de uma nova pandemia de gripe entre humanos. O alerta se fez ainda mais urgente depois que cientistas sustentaram que o vírus já apresentaria resistência ao único antiviral capaz de combatê-lo.

OPINIÃO

URGÊNCIA

• FACE À possibilidade de uma epidemia da assustadora gripe aviária, o governo anuncia que está preparando um "programa emergencial" de prevenção.

A MEDIDA inicial, informou o ministro da Agri-

Brasil prepara plano

País examina vírus em circulação

Geralda Doca e Luiza Damé

• BRASÍLIA. O ministro da Agricultura, Roberto Rodrigues, anunciou ontem que o governo está preparando um plano de emergência contra a gripe de aves que já matou 63

doença entre humanos e im
pedir que ela se expanda
partir da Ásia. Segundo Ba
bosa, a vantagem do Brasi
no caso de uma pandemia,
que a gripe chegaria ao co
tinente pelos Estados Unido
e pelo Canadá, que receber

Imagem 35 – o Globo 15/10/2005

Imagem 36 – O Globo 02/10/2005

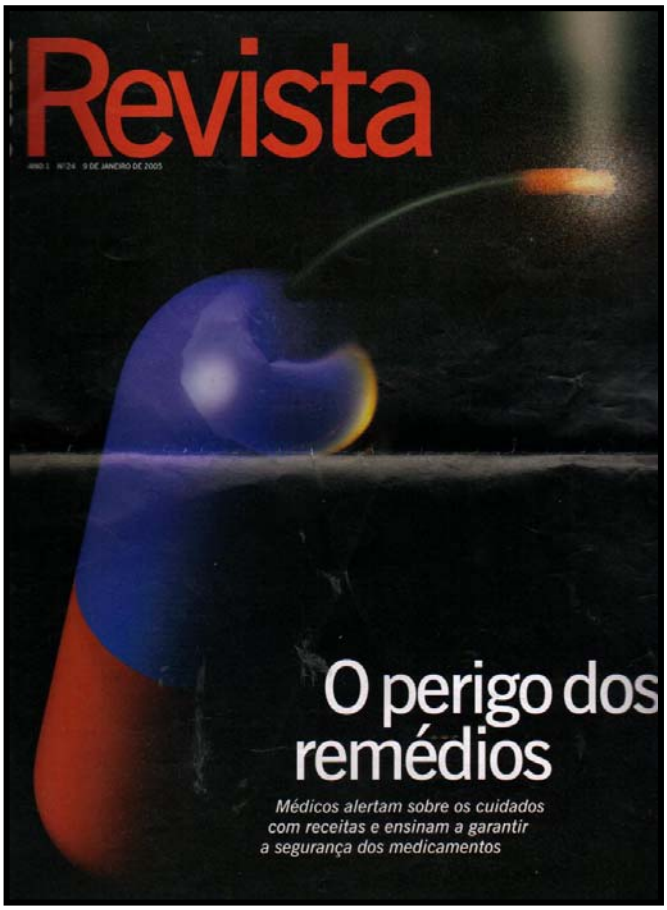


Imagem 37 – O Globo 09/01/2005

O que se observa nas manchetes anteriores é o medo em todas as cores. Medo de praticamente tudo, do conhecido e do desconhecido. Do dito e do não dito. Um cardápio vastíssimo de tudo o que se pode e deve temer. Medo da violência urbana, do terrorismo onipresente, das guerras distantes, dos vírus e outras ameaças microscópicas; do "outro", das forças imprevisíveis da natureza e até de nós mesmos. Afinal, é o próprio indivíduo que carrega seus riscos futuros no presente, como diz a engenharia genética. O gene, assim como tudo o que habita o mundo, parece encerrar um risco, uma ameaça plena em suas possibilidades reais de vir a ser. O amanhã passa a ser vivido hoje. A única certeza do futuro parece ser sua predisposição ao erro e à falha.

Através desta linguagem escatológica, das próprias pautas escolhidas e do amplo destaque dado a elas foi possível, nos últimos anos, criar uma verdadeira "cultura do medo". O mundo em desmoronamento é a notícia, uma sensação que só pôde ser partilhável graças ao imediatismo e alcance que o jornalismo conquistou. A comunicação instantânea potencializou, dentre outros elementos, um mal-estar e desnorteamento do mundo globalizado.

As notícias parecem deixar de lado o caráter informativo que deveriam lhes ser imprescindível e passam a priorizar o tom alarmista do discurso. É claro que o clima de tensão social em nossa época é grande, evidente e real. Existe exclusão econômica e social em larga escala. Mas a opção de encarar a informação de modo extremamente emotivo apenas reforça a sensação de frustração e desânimo diante da realidade. Esta cultura do pânico ou do medo só acaba alimentando a sensação de insegurança e de paranóia dissimulada.

Muitas manchetes transformam o medo, o pânico e o terror em sujeitos das situações, atores da própria ação e protagonistas das notícias. Valorizados como centro da atenção, eles deixam de ser sentimentos ou meras sensações e são antropomorfizados. Os atores reais – indivíduos de carne e osso, demasiado humanos – não possuem nome ou rosto. As notícias trabalham com referências abstratas e aterrorizantes. O sujeito da ação pode ser qualquer um, em todo lugar e a qualquer hora. O medo anda como homem, o pânico fala como homem e o terror faz como homem. Todos esses substantivos estão de mãos dadas com verbos de ação. As manchetes dão a dimensão exata desta forma de noticiar:

"**Medo** de tiroteio **faz** desfile de alunos ser cancelado"

"**Medo contamina** Europa"

"O **medo viaja** na linha Passeio-Irajá"

"**Medo adia** julgamento de Saddam"

"**Medo** de arrastão **tumultua** praias"

"**Medo ameaça** compras de Natal em Ipanema"

"**Pânico faz** mil mortos no Iraque"

"**Terror ameaça** atacar os EUA e Austrália"

"**Terror mata** 25 e fere 100 na ilha de Bali"

"Paris **na mira do terror**"

Quando não tratados sob a condição de sujeitos, atuam como objetos da notícia. E objetos no sentido como se pudessem ser levados no bolso. Mais uma vez deixam de ser puras sensações para assumirem, também, a forma de artefatos manipuláveis.

"**Medo** da gripe aviária **se espalha** pelo Brasil"

"Bando **espalha pânico** por ruas do Méier"

"Tráfico de armas migra e **leva pânico** ao interior"

"**Alerta antiterror leva** 3 à prisão em Nova York"

"Invasão **leva terror** ao Vidigal"

Como comentado, estas manchetes se abstém de priorizar a informação mais objetiva em detrimento de um tom passional, seja uma escolha levada pela busca frenética em vender jornal ou pelo envolvimento emocional do próprio jornalista com o meio em que se encontra. Na notícia, por exemplo, "Atirador **leva medo** a Rua das Laranjeiras" (imagem 19). Trata-se de um homem que atira em pessoas que passam pelas ruas do bairro da Zona Sul. Vários pedestres foram feridos e muitos outros evitam passar pelo local. A manchete poderia ter sido elaborada de muitas maneiras a priorizar a informação de forma mais direta: "Atirador fere pedestres nas Laranjeiras", "Atirador anônimo nas Laranjeiras" ou "Tiros fazem pedestres evitarem rua". Mas o medo foi o destaque da chamada. Por mais que as pessoas tivessem medo de ir àquele lugar, o objetivo do jornalismo deveria ser o fato em si e não um subproduto que dele se

desprende. Falar do medo gerado e sentido *pelas* pessoas poderia muito bem se abordado em um subtítulo ou no próprio corpo da matéria.

Outros tipos de matérias radicalizam na abordagem e tornam o próprio ambiente familiar e próximo do cotidiano em elemento de desestabilização, insegurança e hostilidade. Remédios que antes serviam para curar, comidas que até então eram apenas alimentos e o combustível que apenas enchiam o tanque dos carros tornam-se ameaças à própria sobrevivência dos indivíduos. O caos chega por todos os lados, em todas as frentes. Basta ler "Crianças em risco" (imagem 35), "Os riscos do petróleo" (imagem 34), "Perigo à mesa" (imagem 36) ou "O perigo dos remédios" (imagem 37) para se ter uma noção da paranóia.

Quase todas as editorias possuem seu grau de participação na construção da cultura do medo. A editoria de ciência apresenta com preocupação os novos vírus emergentes, as doenças hereditárias da genética e a probabilidade assombrosa dos desastres naturais aos quais estamos expostos. Após a tragédia das *Tsunami*, em dezembro de 2004, o ritmo de novos alertas, premonições e previsões aumentou a tal ponto que mudanças geológicas e estruturais do planeta, que geralmente levam milhares de ano para acontecer, estão na agenda do dia. Em internacional, lê-se sobre uma multiplicação de células terroristas, aglutinação de países em torno de um "eixo do mal", porte e intenção de usar armas nucleares, biológicas, químicas e de destruição em massa. Na maior parte dos casos apenas boatos, divagações ou desconfianças. Nada documentado, nenhuma prova apresentada por porta vozes ou imprensa. Apenas um clima de denuncismo.

Outra editoria que parece participar ativamente do alastramento do medo e da descrença no futuro é a de economia. Nunca se propagou tanto os graus de vulnerabilidade dos países. Nunca se publicou tantos índices de pobreza, desigualdade social e violência. Cores e fontes garrafais. Palavras ásperas e carregadas emocionalmente. Mesmo que muitas vezes o leitor médio não compreenda certos termos – até mesmo porque muitos deles não são explicados ou "traduzidos" - há certa apreensão natural quando as manchetes de economia falam de oscilação das taxas de câmbio, de juros estratosféricos, de queda de competitividade e crises internacionais que parecem influenciar diretamente a qualidade de vida de cada indivíduo. Nunca o leitor se sentiu tão vulnerável e frágil diante do ambiente externo. O jornalismo leva para dentro da casa de todos os mais variados tipos de insegurança.

Mas não pára por aí. As editorias de política publicam diariamente escândalos, teorias da conspiração, notícias de corrupção e manobras antiéticas. Na parte de cidade ou geral parece só haver espaço para as notícias que dão conta do aumento das taxas de crime, dos perigos do trânsito, do estresse da vida urbana e até mesmo da ameaça que os vizinhos podem representar. Mais uma vez é importante lembrar que grande parte destas notícias se baseia em problemas reais e que merecem destaque. O que se problematiza aqui é o modo como a informação é tratada.

Muito do que é publicado não oferece risco ou perigo algum ao leitor, existindo, portanto, exagero e desproporção naquilo que se informa. Alguns podem justificar o uso das expressões como uma intenção sensacionalista dos veículos. No entanto, é difícil falar em um sensacionalismo *strictu senso*, uma vez que estamos trabalhando com um jornal que se diz ter um compromisso com a objetividade e distanciamento de medidas apelativas no tratamento da informação.

O sociólogo estadunidense Barry Glassner[34] empreendeu uma pesquisa sobre o pavor corriqueiro do mundo contemporâneo. Mesmo que se concentrando no caso dos Estados Unidos, o resultado encontrado serve para ilustrar uma tendência mais ampla, que envolve toda a sociedade ocidental. Glassner chegou à conclusão de que seus compatriotas sofrem cada vez mais por motivos menos reais, uma espécie de síndrome do pânico coletiva. As pesquisas mostram que embora as taxas de criminalidade tenham caído em 20% as notícias sobre violência vêm crescendo no espantoso ritmo de 600%. O impacto do estudo foi tão grande que culminou na publicação, em 1999, de um livro, sucesso de vendas e traduzido para várias línguas.

O trabalho foi ainda fonte de inspiração para outros gêneros de narrativa. Glassner acabou servindo como fio condutor para trabalhos de grande impacto no cinema, como o documentário oscarizado de Michael Moore, “Tiros em Columbine”. Outros diretores também apostaram na temática, como é o caso do indiano M. Night Shyamalan, que dirigiu e escreveu “A Vila”. O filme mostra como o medo irracional pode ter uma lógica muito bem estruturada e servir como elemento de domesticação dos espíritos e controle sociais dos indivíduos.

E se o tom destas falas antes examinadas já deixa claro o clima de desconforto, a sensação é ampliada com uma enxurrada de estimativas, estatísticas e depoimentos de

[34] GLASSNER, Barry. *A Cultura do Medo.* São Paulo, Francis, 2003.

sujeitos peritos e especialistas. Esses recursos jornalísticos funcionam principalmente como legitimadores do medo, autorizando e racionalizando uma fala sobre ele. Por mais que o perigo pareça distante ou improvável, o simples fato de ser noticiado multiplica infinitamente a extensão aparente de qualquer fato temível.

> O apocalipse tornou-se corriqueiro, de tão familiar que é como um contrafactual da vida cotidiana; e como todos os parâmetros de risco, ele pode tornar-se real. [35]

As palavras de Anthony Giddens lembram que a menor possibilidade de algo acontecer é o suficiente para que se tema. Mesmo que algo seja improvável, a sua mínima possibilidade de vir a acontecer já provoca calafrios. Nessa espiral de paranóia, antecipa-se para o presente imediato um futuro nebuloso e nada promissor, como se tudo caminhasse para um fim desastroso e contra o qual nada podemos. Mais uma vez, portanto, o jornalismo possibilita a partilha dos medos. O mundo é colocado à beira do colapso, do caos generalizado. (Ver Anexo II)

Frente a esse caldeirão de ameaças são duas as saídas mais comuns. Uma delas consiste nas saídas equivocadas, de preocupação em excesso. Segurança tornou-se tema prioritário para partidos, ONGS, empresas e instituições públicas. Mas é uma segurança marcada pela previsão, pela antecipação do que pode acontecer. Algumas se destacam por sua insensatez. O próprio jornalismo dá conta delas. É o que se pode perceber nas chamadas das matérias abaixo:

"Imagens para ler mente de terroristas - Um polêmico detector de mentiras" – *OGLOBO 22/09/2005*

"Personal Police – Nova mania da classe média carioca é contratar segurança para adolescentes a R$ 50 por noite" – *OGLOBO 14/10/2005*

[35] GIDDENS, Anthony. *As Conseqüências da Modernidade.* São Paulo, Unesp, 1991. p.72

"Camisinha contra estuprador – Sul-africana inventa objeto que machuca o pênis do agressor. Armadilha só sai com cirurgia" – *ODIA 01/09/2005*

Se o tom destas soluções é quase cômico, outras assustam por sua periculosidade. É o caso das guerras preventivas da gestão do presidente estadunidense, George W. Bush, especialmente no pós-11 de setembro. E nem é preciso ir tão longe. Ante o clima que se dissemina não é de se espantar que no referendo nacional sobre o desarmamento, realizado em outubro de 2005, o "não" (voto contrário à proibição de armas) tenha saído vitorioso em 69 das 71 cidades brasileiras com mais de 200 mil habitantes. Numa cidade como Porto Alegre, por exemplo, 83,66% dos eleitores defendem o seu direito legítimo em poder ter uma arma de fogo.[36]

Já a segunda saída mais usual contra a instalação do clima de medo é o excesso de controle social. A sensação de que todos somos vítimas em potencial mobiliza o desejo em proteção imediata, contra tudo e contra todos. Nunca se viu tantas câmeras de segurança, alarmes, cadeados, segredos, materiais blindados, sistemas de rastreamento e ofertas de condomínios supostamente seguros que tentam recuperar a idéia do paraíso perdido. Não raro, esta vigilância permanente é tomada como objeto comercial, seja por empresas privadas, que comercializam armas e dispositivos de segurança, ou até mesmo pelo Estado, que até hoje é o maior detentor dos meios de violência. Desta forma, o medo está a serviço do poder, fazendo da paranóia base de seu controle social. A sociedade do controle em que vivemos trocou a liberdade pela segurança .

3.2 Excesso e superabundância: catalisadores do presentismo

Não é apenas o modo pessimista de enunciação jornalística que constrói a tônica presentista. O próprio imediatismo e o grande volume informacional deste discurso acaba afirmando o presente como tempo hegemônico sobre os demais.

Informação e notícia são hoje bens de consumo mercadológicos, amplamente valorizados. Expoente desta realidade, o jornalismo ampliou sua capacidade de registro, divulgação e atualização em escalas cada vez mais flexíveis. O que antes era custoso

[36] Jornal *O Globo*, 25/10/2005.

demais, como o envio de correspondentes para vários pontos do mundo, é rapidamente resolvido com o auxílio da tecnologia, que possibilita apurar/cobrir uma quantidade maior de fatos em tempo real, de forma quase ininterrupta e não presencial.

O grande fluxo de informação transpassa ao leitor a sensação patente de que tudo acontece no presente, de que em nossa contemporaneidade ocorrem muitos mais fatos importantes e relevantes para registro do que em outros tempos. A capacidade imediata de apurar, redigir, divulgar e atualizar do jornalismo dos anos 2000 descarrega/produz toneladas de informações diárias nas páginas dos jornais.

Em outras palavras, a capacidade ampliada de narrar do jornalismo faz de nossa época um "lugar" de superabundância de eventos. Não à toa o jornalista, mais do que nunca, se vê como "testemunha ocular da história". Essa mesma história parece "acontecer" diante de nossos olhos, num ritmo veloz, registrada nas manchetes.

O antropólogo francês Marc Augé, ao se debruçar sobre os novos objetos de estudos antropológicos, elege o tempo como um de seus elementos de investigação social. Augé acredita que algo mudou na percepção temporal. Para ele a história parece se acelerar e ser muito mais presente nos últimos anos do que em no passado, provocando uma verdadeira abundância de acontecimentos importantes. Para demonstrar sua teoria, o antropólogo recorre à sua própria biografia e seu lugar no corpo social:

> Apenas temos o tempo de envelhecer um pouco e nosso passado já vira história, nossa história individual pertence à história. As pessoas da minha idade conheceram, na infância e na adolescência, a espécie de nostalgia silenciosa dos ex-combatentes de 14-18: ela parecia dizer-nos que eles haviam vivido a história (e que história!), e que nós nunca compreenderíamos realmente o que isso queria dizer. Hoje, os anos recentes, os 60, os 70, e logo mais os 80, retornam à história tão depressa quanto sobreviveram dela. **Estamos com a história em nossos calcanhares.** (Grifo meu) Ela nos segue como nossa sombra, como a morte.[37]

Augé observa que esta superabundância de fatos só pode ser pensada ao lado de uma superabundância de informação, característica de uma época em que dominam as

[37] AUGÉ, Marc. *Não-lugares – Introdução a uma antropologia da supermodernidade.* São Paulo, Papirus, 2005. p. 29.

tecnologias de comunicação. E deste diagnóstico adviria, continua ele, um problema para os historiadores do futuro, já que a densidade factual das últimas décadas poderia comprometer ou até mesmo suprimir qualquer possibilidade de se significar. Na ânsia de atribuir sentido a este excesso, estaríamos contribuindo para a formação de uma supermodernidade, quando o indivíduo sente sua história cruzando coma História.

A percepção do tempo através do jornalismo produziu um presentismo sem precedentes. O atropelamento dos fatos e a enxurrada diária de informações emprestam ao presente intensidade, dramaticidade e urgência incalculáveis. Cria-se a sensação de que tudo está acontecendo no instante em que se vive. Aliás, esta é uma das vinhetas mais famosas do canal pago de notícias "GLOBO NEWS", "A vida acontece agora".

Em meio a esta realidade excessiva, a vida é mais apreensiva, estressante, cansativa e perigosa. Mesmo que este ritmo não seja uma novidade da última década, foi nela que ele se tornou mais visível.

> A partir dos anos 80 e(sobretudo) 90, instalou-se um presentismo de segunda geração, subjacente à globalização neoliberal e à revolução informática. Essas duas séries de fenômenos se conjugam para "comprimir" o "espaço-tempo", elevando a voltagem da lógica da brevidade. De um lado, a mídia eletrônica e informática possibilita a informação e os intercâmbios em "tempo real", criando uma sensação de simultaneidade e de imediatismo que desvaloriza sempre mais as formas de espera e de lentidão. De outro lado, a ascendência crescente do mercado e do capitalismo financeiro pôs em xeque as visões estatais de longo prazo em favor do desempenho em curto prazo, da circulação acelerada dos capitais em escala globais, das transações econômicas em ciclos cada vez mais rápidos. Por toda a parte, as palavras-chave das organizações são flexibilidade, rentabilidade, jus in time, "concorrência temporal", atraso-zero – tantas orientações que são testemunho de uma modernização exacerbada que contrai o tempo numa lógica urgentista. Se a sociedade neoliberal e informatizada não criou a mania do presente, não há dúvida de que ela contribuiu para a culminância disso ao interferir nas escalas de tempo, intensificando nossa vontade de libertar-nos das limitações do espaço-tempo. [38]

Entretanto, a partir do forte imediatismo e pessimismo da fala jornalística coloca-se um problema de ordem estrutural. O presentismo exacerbado não sai intocado. Este presente de que se fala é diferente dos outros na medida em que ele sofre uma hipertrofia. Incapaz de lidar com tanta coisa e incapaz de bastar a si mesmo, descobre-se que o fardo é pesado demais. Nosso presente acaba se tornando instável, tão

[38] LYPOVESTKY, Gilles**.** *Os tempos hipermodernos*. São Paulo, Barcarolla, 2005. p. 62-63

ou mais ameaçador do que o futuro que ele sugere e antecipa. São tantos focos, acontecimentos e transformações que tudo parece temporário e fugidio. Ainda que tarefa colossal, o jornalismo insiste em tentar dar conta, como mostra a imagem abaixo. Vinte minutos é o tempo para que tudo mude. Como dar conta de tanta coisa?

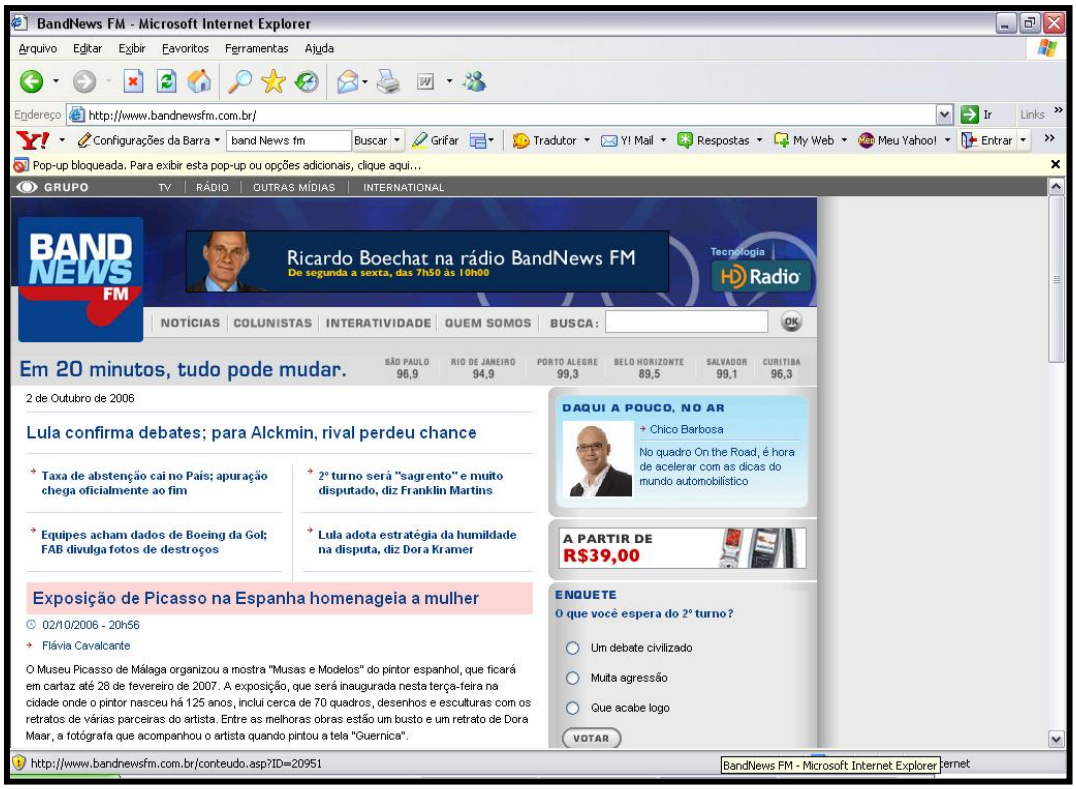


Imagem 38 – www.bandnews.com.br Acessível em 20/10/2006

Mas se o presente é o tempo mais valioso, como protegê-lo da destruição que engendra seu imediatismo e atualização constante? Como fugir da obsolescência sem perdas se o atualizar-se do presente implica em sua própria canabalização? Como evitar que o excesso de fatos importantes do presente seja perdido ou esquecido mediante tamanha velocidade? O capítulo a seguir tentará responder a estas perguntas.

Capítulo IV – A demanda de memória no jornalismo

Ah, memória, inimiga mortal de meu repouso!

(Miguel de Cervantes)

4.1. A sedução pela memória

Foi com um misto de deslumbramento e apreensão que acompanhamos nos últimos vinte anos uma série de mudanças ao redor do mundo. O colapso da bipolarização e o imediatismo dos novos meios de comunicação aceleraram o ritmo de nossas vidas a ponto de transformar o mundo inteiro no rio de Heráclito. Migramos de um futuro messiânico para um presente no qual as coisas acontecem num ritmo e intensidade nunca antes testemunhados. Num piscar de olhos somos abraçados pela obsolescência.

A geração que vive os anos 1990 vê erguer-se diante de si uma nova realidade, sobre qual muito pouco ou quase nada se pode afirmar. Compartilhamos um ambiente de transformação de tudo o que existe dentro e fora de nós, de superabundância de acontecimentos e novas sensações. Dos escombros de um mundo em migalhas herdamos uma extensa lista de incertezas, muitas das quais semeadas pelo estranhamento diante do novo. O futuro em aberto deixa as mentes inquietas, tensas diante o imprevisível.

Estar face a face com o desconhecido evidenciou nossos medos, além de revelar o anacronismo das velhas fórmulas políticas. Que o digam os antigos membros da URSS, que vivem o drama de violentas fragmentações territoriais. Que o digam os povos da América Latina e suas dificuldades após saírem de violentas ditaduras militares. Que o digam ainda os países da Europa e o próprio EUA, que vivem a ressaca neoliberal. A vida mudou tanto para ricos quanto para pobres. Precarização do emprego, aumento da desigualdade social, exigências do mercado, fluxos migratórios e as novas patologias modernas, como o estresse e a depressão. Como se costuma dizer, “os tempos são outros”.

E para a maioria, são tempos de dificuldades. A fragilidade do presente se manifesta em todas as nossas relações. Nos deixa desterritorializados dentro da própria casa, entregues ao acaso e questionando a própria identidade. Como resistir a esses desafios? Existe uma maneira de recuperar uma unidade perdida, um chão seguro para se assentar? Como se sentir mais seguro num mundo em contínuo desmanche?

Talvez seja uma característica do homem sentir-se desprotegido e cercado por ameaças nas viradas de século. Em nosso caso a questão é até mais grave, já que

vivemos uma passagem de milênio. São momentos auto-reflexivos em que a inevitável retrospectiva sempre traz à tona um balanço pouco favorável. Em 1996, mobilizado pelas difíceis questões que o homem prestes a virar o milênio enfrentava, o historiador francês Georges Duby traçou uma comparação entre nós e aqueles que viveram há mil anos. Duby constatou uma inquietação bastante próxima, uma mesma linguagem inspirada pela preocupação. O medo sentido na virada do milênio passado não era assim tão diferente do nosso. Homens e mulheres daquela época, assim como os de hoje, se perguntavam como retomar a confiança no futuro e na própria vida. Mas é exatamente nesta resposta que nos diferenciamos.[39]

Propõem-se recentemente algumas respostas a esta pergunta. Milhares de pessoas encontram alento nas religiões, novas e antigas. Outras fazem da literatura de auto-ajuda um fenômeno de vendas. Isso para não falar no crescimento de seitas, no *boom* de misticismos, na propagação de diferentes formas de "comunidades" e do sucesso de governos assistencialistas. No entanto, existe nas ultimas décadas um fenômeno sócio-cultural e político que vem crescendo a cada ano, seduzindo a todos que procuram por alguma forma de proteção: a memória.

Com uma força arrebatadora, surge nos últimos anos uma surpreendente cultura e política da memória, cuja expansão global se intensifica a partir da queda do Muro de Berlim. Obcecada pela memória, as sociedades ocidentais acompanham uma explosão de comemorações, festividades e expansão de bens simbólicos que encerram a função de reter o tempo.

O discurso mnemônico está em todos os lugares. No chão onde pisamos e na direção em que olhamos. Está no ar que respiramos, como um vírus que espalha livremente o impulso memorialista. Nos centros urbanos, observa-se a restauração de antigos centros arquitetônicos, o levantamento de estátuas, parques e uma gama de homenagens ao passado, através da nomeação de ruas ou de locais públicos. O mesmo se pode dizer dos empreendimentos patrimoniais, da volta de modas retrô, do crescimento de biografias, de revistas de história, romances históricos e do surgimento de novos arquivos, pessoais ou públicos. A difusão desta prática memorialista é tão unânime e sedutora que até mesmo a tecnologia se rendeu a ela. Caso contrário o que poderíamos dizer das câmeras digitais, dos celulares com máquinas fotográficas embutidas e da internet, com sua capacidade praticamente ilimitada de servir como

[39] DUBY, Georges. *Ano 100 ano 2000, na pista de nossos medos*. Editora Unesp, 1998.

suporte para as informações igualmente limitadas? Isso sem falar do aumento do número de "filmes de época", de documentários televisivos e até mesmo o surgimento de um canal voltado justamente para a história: o *History Channel.*[40]

Alguns dizem de brincadeira que a Europa ganha um museu por dia e que já se perdeu a conta das comemorações e dos aniversários dos grandes e nem tão grandes acontecimentos históricos.[41] Do primeiro ao centésimo aniversário, tudo é celebrado. O discurso da memória parece ter sido introjetado por todos nós, o que explicaria o fascínio por cada solenidade, discursos oficias e atos simbólicos dos quais tomamos parte na lembrança de fatos ocorridos há muito ou pouco tempo.

> Nossa sociedade é inquieta. O próprio fato de que ela se volta resolutamente na direção da sua memória é uma prova disso. Os franceses jamais comemoraram tanto. Todas as semanas festejam-se aqui e ali o aniversário de alguma coisa. (...) É por isso que uma inquietação, uma angústia está escondida em nosso íntimo.[42]

Mas engana-se quem pensa que esta realidade está circunscrita aos europeus. O interesse pela memória não é algo tão fora do comum para os brasileiros. Em 2004, por exemplo, os vintes anos do golpe militar e o processo de redemocratização foram objetos de intenso debate público. Além das habituais reportagens sobre este tipo de cobertura, foram produzidos cadernos especiais que procuravam dividir com os historiadores a missão de recuperar e significar a memória deste fato tão emblemático de nossa República. Para completar, uma enxurrada de publicações, colóquios, palestras e conferências que tinham como meta repassar os anos de chumbo. Sintoma semelhante também ocorre em países como Chile e Argentina, que vivem o drama dos presos políticos desaparecidos e dos culpados que ainda aguardam punição.

Dados do Instituto do Patrimônio Artístico e Nacional, o IPHAN, revelam até 2005 o que a organização patrimonializou:

---

[40] HUYSSEN, Andréas. *Seduzidos pela Memória – Arquitetura, Monumentos, Mídia*. Rio de Janeiro,Aeroplano Editora, 2000. p.14
[41] LIPOVESTKY, p. 86
[42] DUBY,1998, p. 13

Nº.	Natureza do patrimônio
79	Conjuntos urbanos – “Cidades-históricas”.
818	Edificações isoladas, sendo 16 ruínas. Além daquelas, milhares, contidas nos 79 sítios urbanos tombados.
18	Paisagens naturais.
10	Parques.
9930	Sítios arqueológicos cadastrados.
7	Sítios arqueológicos tombadas.
7	Coleções arqueológicas tombadas.
15	Coleções Museológicas.
116	Objetos tombados individualmente.
370.000	Objetos pertencentes a bens tombados, em igrejas ou museus, por exemplo.
834.567	Livros e documentos.
195.699	Mapas e outras cartografias incluindo “plantas” arquitetônicas.
711.856	Fotografias
3.400	Documentos textuais

Tabela IPHAN – Imagem 39

Mapeando os lastros de memória que não se deixam esconder, nos perguntamos em que medida este interesse pode nos proteger da fragilidade do mundo. Enfim, quando foi que a busca desenfreada pela lembrança passou a ser uma resposta aos novos desafios contemporâneos. Esta é uma equação difícil. Milan Kundera, através de um de seus personagens, diz que “atravessamos o presente de olhos vendados, mal podemos

pressentir ou adivinhar aquilo que estamos vivendo"[43]. A passagem pode nos ser bastante valiosa, pois é um jogo bastante intricado aquele de compreender uma transformação no momento em que ela ocorre. Com a memória se dá o mesmo, já que estamos vivendo plenamente o fenômeno. No entanto, isso não pode nos eximir de encarar a questão. Apesar de estarmos sempre à beira do abismo, podemos inferir com segurança alguns dos motivos pelos quais a memória se tornou uma espécie de Belsen tropical.

Os discursos de memória que vemos hoje surgiram pela primeira vez no ocidente em torno da década de 1960, quando o campo epistemológico das ciências humanas sofria reformulações de todo os gêneros, de mudanças de modelos explicativos ao questionamento de noções e categorias. Declarava-se o fim da História, a compactação dos tempos, a morte do sujeito, o fim da obra de arte, a derrocada das narrativas literárias e das metanarrativas. Tudo apontava para a necessidade de se recodificar o passado e de buscar histórias alternativas e revisionistas. Em seguida, o impulso memorialista encontrou novos ares no começo da década de 1980, a partir de um debate cada vez mais amplo sobre a Segunda Guerra Mundial e, em especial o Holocausto. Pouco a pouco as codificações destes eventos históricos foram revisitadas, graças a novos acontecimentos, como a queda do muro de Berlim, a reunificação alemã e a desintegração da União Soviética.[44]

A década de 1990 foi o primeiro momento em que a cultura da memória mostrou sua verdadeira força. Diante dos massacres organizados em Ruanda e Bósnia, proliferaram-se as memórias sobre o Holocausto. As imagens dos campos de concentração tornaram-se lugares comuns universais para se falar das novas atrocidades. A memória passava por um processo de Globalização, ainda que a fala fosse tomada para tratar de temas exclusivamente localizados.[45]

A revolução midiática da década passada também foi apontada como fator de espetacularização da memória na contemporaneidade. A capacidade dos meios de comunicação em fazer da realidade uma realidade instantânea fez com eles fossem, com freqüência, apontados como um dos elementos centrais na construção de novas identidades. Dentro deste universo, um campo em especial nos interessa para análise: o

[43] KUNDERA, Milan. *Risíveis Amores*. Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 1985. p.35
[44] HUYSSEN, 2000, p.10
[45] Ibid, p.12

Jornalismo. Dentre todas as instituições que contribuem para a atual demanda social por memória, o Jornalismo é uma das que mais se destaca. E vai além: muito mais do que colaborar para a obsessão memorialista de nossa época, o jornalismo é também expressão desta obsessão.

4.2 O jornalismo como lugar de memória

Antes de seguir adiante e incorrer em um equívoco conceitual, é importante deixar claro que o "lugar de memória" aqui atribuído ao jornalismo é um tanto diferente da expressão de mesmo nome criada pelo historiador francês Pierre Nora, na década de 1980 em sua monumental obra sobre o tema. Na ocasião, Nora cunhou o conceito para se referir à acumulação quase religiosa de testemunhos, documentos, imagens e todos os "sinais visíveis daquilo que foi" à luz do que já não seríamos. Através da busca de uma identidade inencontrável, estaríamos elegendo lugares simbólicos e monumentalizados a fim de servirem como referência em um mundo que se move rápido de mais.

Quando se coloca o jornalismo como um "lugar de memória" algumas qualidades do conceito de Nora continuam valendo. Ninguém duvida que o jornalismo seja testemunho ou uma categoria documental que registra um determinado tempo ou espaço. No entanto, para compreendê-lo plenamente enquanto "lugar de memória" é preciso estudá-lo através de duas perspectivas, a partir de duas dinâmicas de seu funcionamento. Uma delas diz respeito a seu poder se *presentificação*; a outra, de sua capacidade de *historicização.*

A presentificação consiste na capacidade jornalística de problematizar, no presente, fatos passados ou da História. Geralmente são fatos tratados como emblemáticos, caracterizados por uma forte polêmica e envoltos por querelas não resolvidas ou mal explicadas.

É digno de nota o voluptuoso apetite de nosso modelo de jornalismo por temas que escapam ao registro do cotidiano ou, de uma maneira mais ampla, do presente. Afinal, a prática jornalística obedece a um "estatuto" amplamente difundido e aceito que diz que sua matéria prima, por excelência, é o reino do presente, do "aqui-e-agora", do acontecimento ainda quente. A princípio, noticiar disputas pertencentes ao ontem, ao passado, configuraria uma contradição em termos. Mas não o é. Isso, porque quando

“traz de volta” um acontecimento do passado o jornalismo só o faz a partir do presente, que é seu lugar social inalienável. Ou seja, a presentificação do passado reveste este passado de atualidade, esteja-se tratando de uma ferida ainda aberta ou já cicatrizada. Por este simples motivo, o movimento de resgate do passado não cai em anacronismo, como uma análise superficial poderia afirmar.

Mas porque o jornalismo se interessa por esta dinâmica de presentificação, deve estar se perguntando o astuto leitor. É exatamente aqui que entra o fator tempo e sua relação com o evocar de uma memória. O jornalismo, que também é uma forma de refletir anseios e angústias da sociedade, ao presentificar o passado, aposta num paralelo psicológico, para não dizer psicanalítico: saber lidar com eventos traumáticos do passado pode nos ajudar a lidar com os traumas que enfrentamos hoje, se inserindo nesta categoria os traumas que derivam da ruptura entre um mundo conhecido que deixou de existir (pré-1989) e sua transição para um novo e estranho que se coloca à nossa frente (pós-anos 1990).

Tomando como exemplo o jornalismo brasileiro é possível ter noção de vários casos que podem ser incluídos no movimento de presentificação. A maioria deles se liga a temas como a Segunda Guerra Mundial, com destaque para Holocausto, a queda do muro de Berlim, os movimentos de descolonização afro-asiática, o golpe militar de 1964, o processo de redemocratização da Nova República Brasileira, a escravidão colonial ou as ondas de imigração que o país recebeu.

As três manchetes abaixo foram escolhidas apenas com o intuito de ilustrar um pouco do que é uma tendência do jornalismo brasileiro e até mesmo ocidental no mundo contemporâneo. Elas mostram como os principais jornais brasileiros estão empenhados na presentificação do passado. Alguns nem são debates retomados originalmente pelo jornalismo, mas o que está em pauta é o interesse por este passado, além do que, a própria cobertura dos temas escolhidos já demonstra este interesse.

“Comunistas resistem nas ruas alemãs – Dezesseis anos após a reunificação, Marx, Engels e outros ícones ainda são campeões de placas no leste do país”.

O Estado de S.Paulo – 08/10/2006

"Japão se desculpa, mas China exige ações – Koizume expressa 'profundo remorso' por agressões da 2ª Guerra, mas visita de políticos japoneses a santuário desagrada a Pequim".

Folha de S.Paulo – 23/04/2005

"Feridas da 2ª Guerra continuam abertas – Comemorações pelo Dia da Vitória na Europa são motivo de mal-estar para americanos, britânicos e russos".

Folha de S.Paulo 08/05/2005

A estes exemplos ainda se somam uma série de suplementos comemorativos, cadernos especiais que aparecem com freqüência e cujo objetivo é revisar o passado por meio de biografias, fatos, lugares e datas representativas. Esta característica pode ser vista também como parte de uma tendência do jornalismo em optar por uma abordagem mais analítica do fato, uma forma de driblar o anacronismo da notícia em tempos de internet.

Entretanto, tais discursos só puderam ser autorizados mediante uma aproximação e um diálogo entre o Jornalismo e a História. Entre historiadores sedentos de atualidade e jornalistas em busca da legitimidade histórica. Tal encontro, polêmico e produtivo, pode ser observado pela primeira vez no final apoteótico dos anos de 1960, na França. Não gratuitamente, desde então, uma "História do Presente" vem se afirmando como vanguarda da historiografia contemporânea.

Mas voltemos à questão do paralelo proposto pelo jornalismo através da presentificação. Se atualizar o passado traumático realmente garante que saibamos como agir diante dos problemas igualmente graves de nosso presente, é pergunta que não cabe aqui responder. Certamente nossa postura diante dos desafios de hoje dependem muito da forma como a lembrança é encarada. Se levarmos em conta que nada é garantia de nada e que do outro lado da memória existe o esquecimento (inevitável e necessário), talvez consigamos, de fato, lidar da melhor maneira possível com a ferida, seja ela do presente, do passado, do passado no presente ou do presente no passado. Mas se a recordação assume status de redenção ou lamentação melancólica, talvez estejamos nos aventurando por uma trilha dolorosa e cara, no qual a ingenuidade dificilmente passará em vão. Fica nestes termos, ainda que sintetizados, a bifurcação do caminho que a presentificação jornalística do passado tem diante de si.

Passando agora para o segundo aspecto do jornalismo como “lugar de memória”, temos o fenômeno de *historicização* dos acontecimentos presentes. Mas o que seria bem isso? Tomando em termos simples seria o processo inverso da presentificação, ou seja, o movimento de já conjugar no passado aquilo que mal deixou se suceder no presente.

Tratando-se de uma comparação, os casos de historicização são bem mais freqüentes e visíveis do que os de presentificação. Podemos percebê-los na rotina quase diária da imprensa em nomear os acontecimentos do presente como “históricos”. Vem se tornando nos últimos anos uma verdadeira regra cunhar fatos de nosso dia-a-dia com manchetes que usam a adjetivação “histórica”, “histórico” e seus derivados, tais como “entra para história”, “faz história”, “fica para a história” ou “dentro da história”. Por isso são mais freqüentes do que os casos de presentificação, pois podem ser usados nas mais diversas editorias, não precisando de nenhuma ligação com pautas que falem do passado. E por isso também são mais visíveis, pois são manchetes, ou seja, aquilo que mais chama a atenção do leitor, não dependendo da leitura de seu conteúdo para sentir o movimento literal de transposição do tempo.

Dada sua incidência maior nos jornais, optou-se por ir mais fundo neste aspecto do jornalismo como “lugar de memória”. Daqui em diante, nos ocuparemos principalmente do fenômeno da historicização do presente pelo jornalismo, seus significados e implicações.

Abaixo segue material que traduz boa parte da pesquisa orientada por este trabalho. São recortes de jornais que dimensionam um pouco de uma enunciação de matérias, notas e reportagens jornalísticas que virou hábito ultimamente. Elas possibilitam falar em um “fenômeno” não apenas por serem facilmente encontradas nos jornais, mas por aparentarem possuir uma lógica e um sentido que vai além do simples uso da palavra que empregam. Os recortes foram retirados do jornal **O Globo**, entre dois períodos: setembro de 2005 a fevereiro de 2006 e outubro de 2006. Mais uma vez a explicação do jornal reside em sua grande circulação, representatividade e importância. Não custa alertar, porém, que a historicização também é encontrada em outras mídias, como a internet, em sites do mesmo veículo ou não. (ver Anexo I)

M ALTA DEVIDO A REAJUSTE NO ÁLCOOL • PÁGINA 18

GLOBO

guerra do lixo

só de aterro sanitário em Caxias

Exportação cresce 23% e é recorde histórico

Vendas chegaram a US$ 118 bi em 2005; superávit foi de US$ 44,7 bi

Imagem 40 – O Globo 03/01/2006

AÇÕES EM ALTA: *Captação externa do governo leva otimismo ao mercado*

Bolsa atinge novo patamar histórico com forte participação de estrangeiros

Ibovespa sobe 1,53% e fecha aos 29.815 pontos. Risco-país cai 1,63%

Um ano de recordes

Imagem 41 - O Globo 17/09/2005

Sábado, 24 de setembro de 2005 O GLOBO O MUNDO/CIÊNCIA E VIDA

NOVO PESADELO: *Stan, a próxima tempestade da temporada, já começa a se formar no Atlântico Norte*

Fúria histórica de superfuracões, diz OMM

Especialista britânico critica governo americano por refutar elo entre mudanças climáticas e ação humana

FORTES ONDAS causadas pela aproximação de Rita em Galveston,

Imagem 42 - O Globo 24/09/2005

Segunda-feira, 19 de setembro de 2005 • 2ª edição O GLOBO

O PAÍS

DISPUTA NO PT

Uma ausência histórica

Lula ignora apelos e, apesar de estar em São Bernardo, não vota em eleição decisiva

Flávio Freire, Ricardo Galhardo e Soraya Aggege

A escolha da direção petista

APTOS A VOTAR 825.449

MUNICÍPIOS 4.638 (87% dos cidades do Brasil)

COMPARECIMENTO O PT informou que foi atingido o quórum mínimo de 15% dos aptos

Em 2001, José Dirceu foi eleito no primeiro turno, com 113.713 votes (59,55% dos votos válidos)

CANDIDATOS A PRESIDENTE

CAMPO MAJORITÁRIO Candidato: Ricardo Berzoini

MOVIMENTO PT Candidato: Maria do Rosário

AÇÃO POPULAR SOCIALISTA (APS) Candidato: Plínio de Arruda Sampaio

MOVIMENTO POPULAR Candidato: Luiz Gonzaga da Silva, o Gegê

DEMOCRACIA SOCIALISTA (DS)

ARTICULAÇÃO DE ESQUERDA (AE)

O TRABALHO

Ministros petistas vão às urnas

Imagem 43 – O Globo 19/09/2005

O GLOBO Terça-feira, 4 de outubro de 20

O MUNDO

Passo histórico rumo à UE

Turquia abre negociação para integrar bloco após resistência austríaca ser vencida

CIDADE DE LUXEMBURGO e ANCARA

Imagem 44 - O Globo 04/10/2005

ça-feira, 15 de novembro de 2005 23

O GLOBO

ECONOMIA

Real forte, exportação histórica

Vendas ao exterior até novembro ultrapassam US$ 100 bi, apesar do câmbio desfavorável

Martha Beck

BRASÍLIA e NOVA YORK

Mesmo com o câmbio desfavorável, o surto de febre aftosa e a greve da Receita Federal que já dura mais de um mês, as exportações ultrapassaram, pela primeira vez na história do comércio exterior brasileiro, a casa dos US$ 100 bilhões. De janeiro a novembro, até a segunda semana, as vendas externas somaram US$ 101,280 bilhões e as importações, US$ 63,102 bilhões, resultando num superávit de US$ 38,178 bilhões em 2005. Atingir exportações de US$ 100 bilhões era a meta do Ministério do Desenvolvimento para o fim deste ano, mas diante dos bons resultados da balança, esse valor agora está em US$ 117 bilhões.

O vice-presidente da Associação contratos de exportação foi fechada com antecedência, quando o câmbio não estava tão desfavorável.

Já a greve da Receita torna mais lenta a liberação de mercadorias que entram e saem do país. Isso pode ser um dos fatores que explicam a queda registrada tanto nas exportações quanto nas importações na segunda semana de novembro. Semana passada, as vendas externas registraram uma queda de 23,2% em relação à primeira semana. Já do lado das importações, houve queda de 12,8% na mesma comparação.

A consultoria GRC Visão, por exemplo, divulgou ontem documento destacando que a greve da Receita tem feito com que milhares de mercadorias, entre contêineres e pacotes que deveriam ser exportados ou descarregados, fiquem retidas em pátios de portos e aeroportos pelo Brasil.

Os números da balança comercial

A evolução das exportações em 2005 (em US$)

OS PRINCIPAIS PRODUTOS EXPORTADOS ESTE MÊS

Petróleo em bruto, soja em grão, minério de ferro, carnes suína e de frango, gasolina, ônibus, óleos combustíveis, tratores, automóveis, telefones celulares, aviões, óleo de soja, ligas de alumínio, celulose, couros e peles

As importações e o saldo comercial (em US$)

OS PRINCIPAIS PRODUTOS IMPORTADOS ESTE MÊS

Produtos siderúrgicos, automóveis e partes, adubos e fertilizantes, equipamentos mecânicos, combustíveis e lubrificantes.

	IMPORTAÇÕES	SALDO
Janeiro	5,260 bilhões	2,184 bilhões
Fevereiro	4,972 bilhões	2,784 bilhões
Março	5,906 bilhões	3,349 bilhões
Abril	5,331 bilhões	3,871 bilhões
Maio	6,368 bilhões	3,450 bilhões
Junho	6,181 bilhões	4,025 bilhões
Julho	6,055 bilhões	5,007 bilhões
Agosto	7,676 bilhões	3,670 bilhões
Setembro	6,306 bilhões	4,328 bilhões
Outubro	6,218 bilhões	3,686 bilhões
Novembro (até 2ª semana)	2,829 bilhões	1,828 bilhão
No ano (até a 2ª semana de novembro)	63,102 bilhões	38,178 bilhões

O comportamento do dólar no mês (em R$)

Imagem 45 - O Globo 15/11/2005

Japoneses e a Vale, parceria histórica

Ex-ministro, que conta 177 viagens ao Japão, inseriu empresa no exterior

• Eliezer Batista é conhecido como o homem que inseriu a Vale do Rio Doce no mapa do comércio mundial. No início da década de 60, a empresa ainda engatinhava nas exportações e enfrentava dificuldades para ampliar seu mercado frente à queda contínua das compras pelos Estados Unidos. Eliezer e a diretoria da Vale viram nas siderúrgicas do Japão — um país ainda em esforço de reconstrução após a derrota na Segunda Guerra Mundial — o futuro da companhia.

A associação com os japoneses é histórica e mudou a forma de se transportar minério de ferro no mundo. Com os clientes do outro lado do planeta, era preciso criar uma logística suficientemente competitiva. Além da instalação de um porto de grandes dimensões, para ganhar escala, a Vale tinha que buscar apoio para construir navios com capacidade superior a 120 mil toneladas — algo inédito à época.

O porto se tornou realidade no terminal de Tubarão, inaugurado em 1966. Assim como nos contratos de longo prazo para venda do minério de ferro (iniciados em 1961), a empresa encontrou no Japão o interlocutor certo para tornar viável os navios de grande porte, por meio de uma parceria com a armadora Ishikawajima.

Desde os anos 60, Eliezer conta 177 viagens ao Japão. De empresa que abastecia basicamente o mercado americano e siderúrgicas nacionais, a Vale se tornou hoje a maior exportadora do Brasil. *(LR)* ■

Imagem 46- O Globo 11/12/2005

-feira, 30 de dezembro de 2005 19

O GLOBO

ECONOMIA

O menor IGP-M da História

Índice de inflação que corrige tarifa de energia ficou em apenas 1,21% no ano

Imagem 47- O Globo 30/12/2005

INFLAÇÃO FAZ POUPANÇA ATRAIR INVESTIDORES • PÁGINA 18

O GLOBO 80 anos

RIO DE JANEIRO, SEGUNDA-FEIRA, 26 DE SETEMBRO DE 2005 • ANO LXXXI • Nº 26.348 • www.oglobo.com.br ROBERTO MARINHO (1904-2003)

ESPORTES

EFE

FERNANDO ALONSO comemora seu primeiro campeonato nos braços da equipe, após chegar em terceiro lugar no GP do Brasil, em Interlagos

Alonso faz história no GP do Brasil

Espanhol garante o título de campeão em Interlagos

• Fernando Alonso cumpriu perfeitamente sua estratégia e com o terceiro lugar obtido no GP do Brasil, ontem, conquistou antecipadamente o título da temporada, tornando-se, aos 24 anos, o mais jovem campeão da F-1. A McLaren fez a dobradinha, com Montoya em primeiro e Raikkonen em segundo.

Imagem 48- O Globo 26/09/2005

Imagem 49- O Globo 25/09/2005

52 Domingo, 25 de setembro de 200

O GLOBO

ESPORTES

Seis pontos para entrar na história

Fernando Alonso precisa de um terceiro lugar em Interlagos para ser o campeão da F-1

Claudio Nogueira

Enviado especial • SÃO PAULO

Se depender do retrospecto de Fernando Alonso, da Renault, na temporada e da história dos últimos vencedores do GP do Brasil, ele estará muito próximo de assegurar o título em Interlagos, hoje, às 14h, quando precisará apenas do terceiro lugar (seis pontos) para se tornar o primeiro espanhol campeão da F-1, e também o mais

Cezar Loureiro

MILD SEVEN

As possibilidades para o título

- Para ser campeão em Interlagos, o espanhol tem oito possibilidades de resultados:
- Alonso chega em terceiro lugar
- Alonso vence e não depende do resultado de Raikkonen;

Imagem 50- O Globo 25/09/2005

Um Grande Prêmio para a História

Massa vence a prova; Alonso é bicampeão; e Schumacher dá adeus

Kerim Okten/Efe

• A despedida do maior piloto da F-1, o alemão Michael Schumacher; o bicampeonato de seu provável sucessor, o espanhol Fernando Alonso; e a primeira vitória de um brasileiro, Felipe Massa, em Interlagos em 13 anos. O GP do Brasil teve todos os ingredientes para entrar para a história do esporte. "Não mudaria nada do que fiz em minha carreira. Aquela canção do Frank Sinatra ("My way") oferece um bom título para a minha trajetória. O que fiz, fiz do meu jeito", disse Schumacher, que recebeu das mãos de Pelé um troféu especial da FIA (Federação Internacional de Automobilismo). Alonso também festejou: "Minhas melhores lembranças este ano estão em minha primeira vitória no GP da Espanha e hoje, celebrando o título com os mecânicos." Massa não fez por menos: "Ho-

Imagem 51 O Globo 23/10/2006

GP DO BRASIL

Três protagonistas de uma prova histórica em Interlagos

Massa vence, Alonso chega ao bi e Schumacher dá show na despedida

Imagem 52- O Globo 23/10/2006

11 de setembro de 2005 33

O GLOBO

ECONOMIA

US$ 9 bi para entrar na História

Novo pólo petroquímico do Rio receberá R$ 20,7 bi e vai empregar até 75 mil

Ramona Ordoñez

O Estado do Rio de Janeiro vai receber o maior investimento já feito por um único projeto em toda sua histó- A Petrobras, em parceria com esas privadas, vai investir nada os do que cerca de US$ 9 bilhões 20,7 bilhões) na construção de ólo petroquímico, o quinto do e o primeiro a usar o petróleo do produzido na Bacia de Cam- como matéria-prima básica. diretor de Abastecimento da obras, Paulo Roberto Costa, não nde seu entusiasmo ao falar e o projeto. Afinal, segundo ele, suas dimensões, o pólo vai dar mpulso sem precedentes à eco- a fluminense.

Os investimentos equivalem à

Editoria de Arte

Saiba mais sobre o megaprojeto

● Locais em estudo para a instalação do pólo: Norte Fluminense (entre Campos e Macaé) e Itaguaí

O NOVO PÓLO PETROQUÍMICO NO ESTADO

O passo-a-passo da cadeia produtiva

1 - O novo pólo petroquímico terá uma refinaria que vai usar petróleo pesado extraído na Bacia Campos

2 - Esse petróleo será transformado em matérias-primas básicas (eteno, propeno, para-xilenos) para a indústria petroquímica

3 - A indústria petroquímica vai transformar essas matérias-primas em insumos para a indústria de plástico. Entre eles, polipropilenos polietilenos e estirenos

4 - A indústria de plástico, por sua vez, usa essas matérias-primas para setores como automobilístico (estofado de carros etc.), farmacêutico e alimentos (embalagens), tintas e até computadores

Logística ainda é um desafio para o estado

• O projeto do novo pólo petroquímico vai mudar a economia do Rio, que precisa enfrentar um desafio. Com o grande fluxo de produtos previsto, o estado deve preparar uma logística adequada, alertam especialistas. O diretor de Abastecimento da Petrobras, Paulo Roberto Costa, explicou que os estudos em andamento indicam que o escoamento das matérias-primas e produtos do pólo deve ser feito por

Imagem 53- O Globo 11/09/2005

ingo, 29 de janeiro de 2006 O GLOBO SEGUNDO CADERNO • 5

Divulgação/ Lenise Pinheiro

Divulgação/ Rubens Cerqueira

SPETÁCULO "A sombra de Quixote" estreou nessa sexta-feira, somando-se a outras 32 peças novas

PAULO AUTRAN em "Adivinhe quem vem para rezar", uma das cinco peças em cartaz no Teatro do Leblon

Uma temporada teatral para ficar na História

o primeiro mês do ano, mais de um espetáculo inédito por dia foi estreado, entre 94 encenados até agora

Imagem 54- O Globo 29/01/2006

Diego bate um recorde para entrar na história do Flamengo

Goleiro de 21 anos participou de toda a temporada como titular do time

Jorge William

Imagem 55 - O Globo 03/12/2005

Um dia para ficar na História

Aparece o cheque de Buani contra Severino, sacado por sua secretária

Gabriela Kênia descontou para o chefe a ordem de pagamento de R$ 7.500

Imagem 56 - O Globo 15/09/2005

Mais um dia para ficar na História

'Severino empobreceu com a política. O verdadeiro empobrecimento ilícito!'

Imagem 57 - O Globo 22/ 09/2005

STONES 'N' RIO

O maior show de rock da história

Mais de um milhão de pessoas toma as areias da Praia de Copacabana para ver, em paz, os Rolling Stones

Imagem 58 - O Globo 19/02/2006

16 • O PAÍS O GLOBO Segunda-feira, 2 de outubro de 20

Eleições 2006

Aécio tem vitória histórica de olho em 2010

Governador mineiro, reeleito no 1º turno, admite que vai usar capital eleitoral para projeto de nacionalizar PSD

Imagem 59 - O Globo 02/10/2006

Robgol está perto de fazer História

Atacante do Paysandu pode dar ao Norte o primeiro artilheiro do Brasileiro

Ismael Machado

Imagem 60 - O Globo 06/11/2005

Alonso quer fazer história no Brasil

• O piloto espanhol Fernando Alonso, da Renault, pode interromper hoje a seqüência de títulos consecutivos do alemão Michael Schumacher, todos conquistados pela Ferrari, como conta CLAUDIO NOGUEIRA. Oito possibilidades de resultados no Grande Prêmio do Brasil, em Interlagos, em São Paulo, como um simples terceiro lugar, podem tornar o espanhol, aos 24 anos, o mais jovem campeão da Fórmula-1. **Páginas 50 a 52, Celso Itiberê e Suplemento Especial**

Marílson faz história na São Silvestre

• Marílson Gomes dos Santos fez história ao ganhar a Corrida de São Silvestre, em São Paulo. Juntou-se a José João da Silva e Sebastião Monteiro, outros brasileiros bicampeões da prova. Vencedor em 2003, ele completou os 15km ontem em 44m21s. **Página 36**

Mauricio Chelly/Ete

MARÍLSON MOSTRA o prêmio

Imagem 62 - O Globo 01/01/2006

Estados Unidos sofrem derrota histórica na ONU

Na Assembléia Geral, 182 países votam contra embargo a Cuba

Imagem 63 - O Globo 09/11/2005

De tão incorporadas ao vocabulário do jornalismo brasileiro, mal nos mobilizamos para interrogar o sentido dessas expressões. No entanto, aqui reunidas em seqüência, nossa curiosidade é tomada de assalto, nos fazendo refletir sobre o que há por trás deste uso. Seria apenas um lugar-comum do jornalismo contemporâneo, um clichê ou uma forma de sentir e perceber os acontecimentos?

Difícil acreditar que sejam meros modismos. Da mesma forma que o movimento de presentificação é a tentativa de propor algo para além do simples noticiário, a questão da historicização também possui uma razão de ser que extrapola a mera linguagem que encerra. Aliás, uma não, mas algumas razões. Tentaremos dar conta de algumas delas.

4.2.1 Medo do esquecimento

A epidemia de eventos históricos e que podemos dimensionar pelo jornal *O Globo* está intimamente ligada ao pavor que nossa sociedade da informação tem do esquecimento. Na mesma proporção em que aumenta nossa capacidade tecnológica de produzir e armazenar informação aumenta também nosso medo da amnésia. É preciso frear o ritmo dos acontecimentos. É preciso proteger e salvar o presente, impedindo sua destruição. A resposta que o jornalismo oferece é transformar o que lhe parece mais importante em histórico, lembrando que para o senso comum a História é o lugar do eterno, do registro pleno e protegido. Por si mesma essa resposta já aparenta um paradoxo, já que temos uma hiper-valorização da memória justamente quando vivemos uma época de pleno presentismo.

Todos os dias os jornais qualificam como históricos uma enormidade de fatos, quase ao ponto de banalizar o adjetivo. Por extensão, esse modo de enunciação influencia nosso modo de ver os acontecimentos. Quanto mais nos pedem para lembrar mais sentimos o perigo do esquecimento e mais forte é a necessidade de esquecer. Dentro deste círculo vicioso, *museologizamos* o mundo inteiro, inclusive o reino do intangível, como é o caso da informação. Transformado em suporte mnemônico ou lugar de memória, o discurso jornalístico protege o presente da destruição de Chronos.

Vale lembrar que a historicização do século XX e XXI se distingue bastante do historicismo positivista do século XIX. Naquele século, a história valorizava temas restritos, como batalhas, heróis e outros elementos do político. Positivistas famosos como o alemão Leopold Ranke entendiam o passado como uma entidade morta e o monumentalizavam para que fosse um local de adoração.[46] Já o movimento de historicização de hoje monumentaliza o presente para impedir que ele se transforme em ruínas, para atribuir sentido a um bombardeamento de acontecimentos que desorienta e atordoa os sentidos.

A historicização jornalística é uma ênfase em tudo aquilo que supostamente precisa ser lembrado. Mas atribuir aos fatos a condição de históricos produz um excesso de história ou de memória? Para responder esta pergunta precisamos estabelecer as diferenças e semelhanças entre essas duas falas sobre o passado.

A memória é antes de tudo uma forma de organizar o tempo e as experiências, seja através do esquecimento ou da lembrança. Do ponto de vista **político**, a memória é um espaço de negociação do poder, que autoriza discursos e desvaloriza outros, que legitima e inviabiliza ações. Do **cognitivo**, uma evocação valorativa do passado, que se articula com o presente e o futuro. Como percepção humana voltada para o interior do indivíduo – chamada de introspecção – a memória só evoca esse passado como uma representação, mesmo que limitada, parcial e até mesmo ficcional. Pode ser feita de modo objetivo ou subjetivo, de maneira inconsciente ou não. Do mais, é também uma forma de lidar com a perda (do passado) e com os traumas que se escondem em uma fala ou silêncio. Quanto mais a tecnologia avança, mais as antigas teorias cognitivo-sociais sobre a memória são confirmadas pelo conhecimento **biológico**. Hoje os estudos neurológicos já nos dizem que a memória também se fundamenta numa série de processos bioquímicos cerebrais, especialmente nas áreas do hipocampo e do córtex.

[46] BORGES, Vavy Pacheco. *O que é História*. São Paulo, Editora Braziliense, 2001. P.32

Cada tipo de memória, detalhista ou generalista, de curto ou longo prazo, possui localizações específicas em nosso cérebro. Já do ponto de vista da **tradição**, a memória é uma elaboração simbólica do indivíduo com a sociedade em que ele se insere. A partir da memória, é possível estabelecer imaginários e mentalidades, ainda que estas nem sempre sejam homogêneas ou unânimes. Para que seja materializada o homem lança mão de vários suportes. São diferentes formas de lidar com a memória: a poesia, a música, a oralidade, a mitologia, os livros, a internet, os arquivos, museus, coleções, pinturas e artes em geral, a fotografia e a história.

Entretanto, a História como forma de memória cresceu tanto que se transformou em um campo autônomo e com procedimentos diferenciados. Segundo algumas visões é a ciência do passado, o registro puro, objetivo e neutro do que aconteceu[47]. Para outros, uma disciplina que elabora falas sobre o passado a partir de normas, limitações, objetos e subjetividade[48]. Em linhas gerais, a história seria uma narrativa guiada pela razão, ao passo que a memória se deixaria embriagar pela emoção. Hoje em dia sabemos que esta fronteira é muito mais tênue. A História, justamente por envolver diversos níveis de subjetividade também é uma experiência que envolve o emocional, embora quase sempre em níveis mais tácitos. História e memória trocam percepções e compartilham um mesmo universo de desafios e objetivos, embora a primeira obedeça a estatutos mais rígidos e formais de elaboração.

Deste modo, a historicização vista em jornais como *O Globo* é um procedimento que aposta na história como uma forma de fortalecer o discurso de memória. Quando faz de um evento do presente um fato histórico, o discurso jornalístico forja uma operação histórica que é a única maneira que lhe permite funcionar como um lugar de memória. Temos, portanto, excesso de memória e de história, pois ambos são tomados como um mesmo ato: lembrar, proteger e eternizar.

Alguns podem argumentar que essa adjetivação é a forma de se dizer que algo é importante, um furo de reportagem, uma marca inédita e até mesmo uma linguagem sensacional. Isso tudo é válido, mas os termos usados são sempre os mesmos, partindo sempre da palavra *história*. Poderiam ser tomados outros adjetivos, mas usam o que usam porque é assim que os jornalistas percebem os acontecimentos, ou seja, como algo

[47] Referência aos positivistas.
[48] Especialmente a partir da historiografia do movimento dos Annales, iniciado em 1929 pelos historiadores franceses Marc Bloch e Lucien Febvre.

extremamente singular e que não pode ser esquecido, passado em branco. Vamos tomar como exemplo algumas manchetes das editorias de esporte e economia do já referido jornal:

Em novembro de 2005 (imagem 26) devido a uma valorização do Real, as exportações foram bastante favorecidas. Ao invés de optar por uma manchete mais direta como “Real valorizado favorece exportação”, o jornal opta por uma fala mais entusiasmada: “Real forte, exportação histórica”. É claro que foi um fato importante, especialmente para quem se beneficiou ou poderia se beneficiar daquilo. Mas haveria outras formas de registrar esta importância, como por exemplo: “Real forte provoca exportação inédita” ou “Moeda forte e exportação recorde”. Enfim, uma série de outros termos que poderiam dar conta da ocasião.

Pouco tempo depois, em janeiro de 2006 (imagem 21), as vendas aumentaram e novamente as exportações foram altíssimas. Como foi a notícia? Não muito diferente daquela de três meses antes: “Exportação cresce 23% e é recorde histórico”. Quer dizer então que esta é mais histórica que a anterior? Ou tão histórica quanto? Talvez por isso se diga que a História esta em nossos calcanhares.

O uso dessas expressões é muito freqüente na economia, geralmente quando se fala de exportações, acordos, índices e investimentos. Não à toa trata-se um setor de destaque quando falamos de Globalização e mudanças rápidas. Altos e baixos aos quais o jornalismo dá bastante atenção. Diante de tantas informações, como garantir que elas não percam sua importância? Como dotá-las de todo o peso que parecem ter? Ou seja, como impedir que esses acontecimentos não sejam esquecidos em meio a tantos outros? Em última instância, como expressar o tempo em que vivemos? A resposta já sabemos: tudo é histórico. Tudo é dotado de uma excepcionalidade singular.

Da mesma forma, a área de esportes também é um espaço em que frequentemente nos deparamos com fatos que imediatamente após ocorrerem já “entram para a história”, “ficam na história” ou “fazem história”. Esta editoria possui algumas características que justificam o freqüente apelo a estas expressões. Toda categoria esportiva vem ganhando uma série de números especiais, listas, gráficos, índices e marcas cuidadosamente registradas e que são quebradas com certa freqüência. Por isso, quem está dentro desta área sente que tudo muda a cada segundo, que tudo é revestido de um caráter inédito. Muito do acontece parece representar uma ruptura. Parece diferente de tudo o que o procedeu. E, de fato, o é. Mas até quando? Até a semana que

vem, quando o mesmo recorde será batido? E o que acontece com o da semana que o precede? Fica no esquecimento? Torna-se obsoleto? Hoje Ronaldinho assina um contrato de 30 milhões de euros. Um contrato histórico. Mas daqui um ano o mesmo Ronaldinho assina outro maior ainda. Este seria mais valioso ainda? Esquece-se a validade do primeiro? Difícil dizer. Difícil lidar com esta proporcionalidade. Fato é que tudo isso acontece muito rápido, tudo muito supostamente importante para a história de cada modalidade esportiva.

No ano de 2005 o corredor de fórmula 1, o espanhol Fernando Alonso quebrou a hegemonia de anos do alemão Michael Schumacher e consagrou-se campeão pela primeira vez . Para *O Globo* Alonso *fazia história* no Brasil.(imagem 47) Um ano depois, o mesmo Alonso conquistava o bi-campeonato. O Globo: "Um grande prêmio para a História" (imagem 50). Os jornais parecem querer escrever cada capítulo da história.

Outras editorias não estão imunes do hábito da historicização. No caso de ciência/vida, "Fúria histórica de superfuracões, diz OMM" (imagem 23). Nas páginas dedicadas ao noticiário internacional um "Passo histórico rumo à UE" (imagem 25). Em cultura "Uma temporada teatral para ficar na História" (imagem35). A de política reserva muitos aspectos interessantes. Um deles é bastante curioso. Em 2005, o país acompanhou atento e petrificado as denúncias de corrupção contra o folclórico ex-líder do senado, Severino Cavalcante. Certo ponto as provas eram tão irrefutáveis e escandalosas, que Severino não tinha mais como se defender. *O Globo*, ao falar de uma dessas evidências de corrupção, criou um *selo* especial para o caso, que dizia: "Um dia para ficar na História". (imagem 37). O selo era encontrado em todas as páginas da editoria política. Exatos sete dias depois, o jornal voltava ao tema com um selo que visto em perspectiva soa até mesmo anedótico: "Mais um dia para entrar na História" (imagem 38). Nada parece poder ficar fora do grande livro das lembranças que é o jornalismo. As dezenas de provas, indícios, eventos e relações da política brotam de tal forma, a cada dia nos jornais, que nos sentimos testemunhas de mais acontecimentos importantes do que nossos pais e avós e os quais precisamos garantir-lhes a importância.

Não cabe aqui discutir o que é ou o que deveria ser fato histórico. O que nos interessa analisar é o fenômeno que chamamos de historicização e que consiste em categorizar como "histórico" um acontecimento no momento em que ocorre. Se, de fato,

ele é importante ou não, se no futuro será, realmente, histórico ou não pouco importa. Independentemente de quais forem os critérios utilizados para tal, o que importa aqui é abordar o modo como o presente é cada vez mais dotado de uma hiper-historicidade.

Poderia se questionar que sempre houve este tipo de adjetivação, que isso não é uma novidade de nosso tempo. No entanto, uma pesquisa em arquivos de periódicos revela que no passado a palavra história e suas derivações não são usadas como hoje em dia. Não no mesmo sentido e muito menos com a mesma freqüência. Atualmente, basta que um jogador de futebol assine um contrato milionário para que a manchete seja algo do tipo "contrato histórico". No passado, eventos como a chegada do homem a Lua, a criação do estado de Israel ou a Revolução Bolchevique não mereceram tratamento idêntico. A percepção do presente era de outra ordem.

O exemplo abaixo serve como contraponto entre passado e presente no que diz respeito à percepção temporal e a abordagem da notícia. Trata-se de um espaço do jornal *O Globo* por si mesmo já bastante digno de nota para esse trabalho. Todos os dias o jornal carioca publica uma espécie de memorial do próprio veículo. É exibida uma capa do mesmo dia, mas de há 10, 20 ou 30 anos. Ao lado, os jornalistas de hoje reproduzem algumas das principais chamadas daquele dia no passado, mas usando outras palavras.

HÁ 30 ANOS

O GLOBO NOTICIAVA EM 22 DE JULHO DE 1976

Romena faz história na ginástica

• **A PEQUENA GINASTA** romena Nadia Comaneci, de apenas 14 anos, conquistou ontem a medalha de ouro na categoria individual feminina (quatro modalidades) e conseguiu um feito inédito na História dos Jogos Olímpicos: ganhou nota 10 em três provas. Nadia é uma das maiores estrelas das Olimpíadas de Montreal.

• **O CRUZEIRO GOLEOU** o River Plate por 4 a 1, ontem, no Mineirão, na primeira partida pelas finais da Copa Libertadores da América. Palhinha (2), Nelinho, de falta, e Valdo marcaram os gols do time mineiro, que tenta o primeiro título sul-americano. Entre os clubes brasileiros, somente o Santos de Pelé, em 1962 e 1963, ganhou a Libertadores.

• **O GOVERNO VAI PROIBIR** esportes a motor no país. O ministro da Educação, Ney Braga, anunciou em Brasília que está estudando com o Conselho Nacional do Petróleo medidas visando à proibição no território nacional de esportes que utilizem gasolina.

• **O CONSELHO MONETÁRIO NACIONAL** aprovou um conjunto de medidas antiinflacionárias, entre as quais se destaca a instituição de novos limites para crédito direto ao consumidor. Foram fixados prazos máximos para financiamentos: até 24 meses para automóveis; até 12 meses para alguns outros produtos industriais. O CMN também estabeleceu níveis mínimos para as "entradas" obrigatórias: vão de 20% a 30%.

• **TRÊS HOMENS** que, em outubro, assaltaram um banco no Leblon e mataram um policial foram condenados na Primeira Auditoria do Exército à prisão perpétua, após julgamento que durou quatro horas.

• **A VENDA DE CARNE CONGELADA** foi autorizada até dezembro pelo Conselho Nacional de Abastecimento. Em agosto, a Cobal começará a distribuir carne bovina nos mercados do Rio, São Paulo e Brasília. Foi também decidido que o preço do leite tipo C no varejo aumentará para Cr$ 2,60 nas capitais.

EXCLUSIVO *Acaso salva náufragos da morte no Atlântico*

Viking acha elemento da vida em Marte

Confirmada a via especial na Av. Brasil

Governo cria novos limites para crédito direto ao consumidor

O GLOBO

Do esgoto ao cofre

Imagem 64 - O Globo 22/09/2006

O curioso deste "O Globo noticiava" é que em 22 de Julho de 1976 o jornal falava da conquista de uma medalha de ouro por uma menina de 14 anos, nas

Olimpíadas, um fato até então inédito. Os redatores daquela edição usaram a chamada: "Nadia dez três vezes", referindo-se às notas recebidas pela atleta mirim. Porém, ao reproduzir a mesma notícia, o jornal de hoje não titubeou e lançou "Nadia faz história na ginástica", numa simulação do mesmo fato, mas em 22 de Julho de 2006.

4.2.2 Busca de referências num mundo em mudanças constante

O movimento de historicização também funciona como uma espécie de compensação à velocidade do próprio jornalismo contemporâneo. Se a produção de uma superabundância de acontecimentos pode nos deixar desnorteados, a ação de transformá-los em história pode combater nossa profunda ansiedade com a velocidade de mudança e de produção de acontecimentos.[49] Transformar os fatos em históricos pode produzir algum sentido num mundo em que tudo está ameaçado pelo rápido esmorecimento, permitindo também uma valiosa estabilidade e permanência numa época em que encaramos compactação da experiência temporal e de fragmentação espacial.

No entanto, caso a produção de eventos históricos continue de forma tão intensa, a sensação de desnorteamento só corre o risco de se tornar mais intensa e insuportável. Como já foi dito, mais do que promover uma museologização dos fatos do presente, a historicização do jornalismo os monumentaliza, lembrando que a etimologia de "monumento" indica permanência ou/e duração. Mas como bem sabemos, nem tudo é permanente. Na verdade, no fundo, nada o é.

Outra dimensão da busca por novas referências é o esforço do jornalismo em construir denominadores comuns para a sociedade. Se para Benedict Anderson[50] as redes de comunicação são essenciais para a formação de comunidades imaginadas, o mesmo se pode dizer para as redes de memória em comum. Quando promove a historicização, o jornalismo flerta com a possibilidade de estabelecer um universo de referências compartilháveis.

Por vezes, falar de jornalismo como uma entidade "formadora de opinião" pode parecer pouco dialético. Atualmente, os últimos estudos e teorias da recepção mostram

[49] HUYSSEN,2000, p.29
[50] ANDERSON, Benedict. *Imagined Communities*. New York, Verso Press,1983.

que os leitores possuem grande capacidade crítica sobre o conteúdo que lhe é apresentado, mostrando que toda leitura é múltipla, criadora e interpretativa. Ainda assim, seria ingênuo pensar no jornalismo como uma esfera sem qualquer peso na formação de nossas opiniões e pensamentos.

Mesmo que a informação seja processada pelo leitor, há de se ponderar a influência que esta mídia tem sobre os indivíduos. Forma, conteúdo e expressões que às vezes passam por despercebidas. Um tom, uma palavra ou uma idéia implícita na mensagem. Todos estes elementos atravessam nosso entendimento e se misturam a uma série de sensações e conhecimento particulares. Em outras palavras, nossa percepção da realidade é moldada a partir não somente de nosso interior, mas principalmente do mundo externo em que vivemos.

> É comum atribuirmos anos mesmos, como se apenas em nós se originassem, as idéias, reflexões, sentimentos e emoções que nos foram inspiradas pelo nosso grupo. Estamos em tal harmonia os que nos circundam, que vibramos em uníssono e já não sabemos onde está o ponto de partida das vibrações, se em nós ou nos outros. Quantas vezes expressamos, com uma convicção que parece muito pessoal, reflexões tiradas d um jornal, de um livro ou de uma conversa! Elas correspondem tão bem à nossa maneira de ver, que nos surpreenderíamos ao descobrir quem é seu autor e constatar que não são nossas. "Já havíamos pensado nisso" – não percebemos que somos apenas um eco.[51]

O jornalismo atua também neste nível de influência. Não chega a ser responsável por todas nossas escolhas e idéias, mas é elemento fundamental de muitas delas e na formatação que damos a estas. Muito do que está na mídia impressa modela nossas percepções, mesmo que não nos demos conta ou que o próprio emissor se dê conta. Se uma dada forma de se fazer jornalismo se baseia na efemeridade ou no memorialismo, muito de nossa percepção refletirá esta tendência de comportamento. Quantos de nós não utilizamos as palavras "histórico" e similares para designar fatos de nossa vida? A cognição não está livre destas influências externas.

Todo processo ou experiência de recordação atua em nível individual e coletivo, principalmente. O que lembramos ou esquecemos depende de uma série de contextos com os quais construímos nossas relações sociais. Em muitos pontos, nossa memória é

[51] HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. São Paulo, Centauro Editora, 2006. p.64

também a memória de muitos "outros" e vice-versa. Até uma lembrança que se acredita pessoal e única de um indivíduo possui suas raízes numa experiência de grupo. Ela nunca teria vindo à tona não fosse um lugar ou uma sensação incutida pelo meio externo. Nunca estamos sós quando lembramos. Fazemos parte de um conjunto de indivíduos cujas memórias devem ser conjugadas e concordadas coletivamente. Esta conjugação é estabelecida por meio de uma série de negociações.

> Para que nossa memória se aproveite da memória dos outros, não basta que eles nos apresentem os seus testemunhos: também é preciso que ela não tenha deixado de concordar com as memórias deles e que existam muitos pontos de contato entre uma e outras para que a lembrança que nos fazem recordar venha a ser reconstruída sobre uma base comum. Não basta reconstituir pedaço a pedaço a imagem de um acontecimento passado para obter uma lembrança. É preciso que esta reconstrução funcione a partir de dados ou de noções comuns que estejam em nosso espírito e também no dos outros, porque elas estão sempre passando destes para aquele e vice-versa, o que será possível somente se tiverem feito parte e continuarem fazendo parte de uma mesma sociedade, de um mesmo grupo. Somente assim podemos compreender que uma lembrança seja ao mesmo tempo reconhecida e reconstruída. Que importa que os outros estejam ainda dominados por um sentimento que outrora experimentei com eles e já não tenho? Não posso mais desperta-lo em mim porque há muito tempo não há mais nada em comum entre mim e meus antigos companheiros. [52]

Tomando as palavras de Halbawachs como referência, é plausível considerar o jornalismo como uma dessas "bases comuns", que fazem a manutenção da memória coletiva. Através de seu discurso, que congrega virtualmente as mais distintas comunidades nacionais, os indivíduos constituem uma teia de lembranças compartilhadas, aceitas e renovadas em conjunto.

4.2.3 Mudança na função jornalística

[52] HALBWACHS,2006, p.39

Tanto a presentificação como a historiciczação do discurso jornalístico indicam que a concepção deste ofício sofreu uma alteração nas últimas décadas. Há não muito tempo o jornalista escolhia – a partir de critérios subjetivos e objetivos – o que deveria ser informado através da notícia. Atualmente, emerge uma nova forma de construção deste texto. O jornalismo continua lidando com a informação e publicando notícias, mas agora acumula também a função de "produzir memória". Por isso a expressão "lugar de memória" cai tão bem para este tipo de narrativa.

Em termos mais específicos, é claro que o discurso jornalístico é um lugar de memória. Todos reconhecem a importância que os periódicos possuem nas pesquisas históricos, funcionando ora como fonte primária, ora como secundária. Mas o jornalismo como documento histórico vem tendo um uso bastante diferente nos últimos anos. Ele deveria ser visto na condição de fonte mais como uma conseqüência do que como uma obrigação. Uma reportagem da década de 1940 sobre a guerra na Europa, por exemplo, é um documento histórico importantíssimo para os historiadores, não apenas para abordar o tema do conflito, mas para estudar também como a imprensa o noticiou. Essa valorização documental só deveria ser feita a posteriori, já que no momento de sua elaboração não existia uma preocupação obstinada em fazer daquilo um registro histórico. Atualmente, os veículos jornalísticos já valorizam a si mesmos como "aqueles que fazem história". Antes o jornalismo respondia a seu leitor e no máximo, a seus anunciantes. Agora, entra um novo tipo de público. O jornalista parece falar também ao historiador do futuro, querendo mostrar-lhe o que deve ser lembrado ou esquecido de sua época.

A consciência de ser uma "escrita da história" também faz parte de um jornalismo que quer valorizar a própria profissão, justificar sua relevância para a sociedade. Em sentido semelhante, a jornalista e historiadora, professora da Escola de Comunicação da UFRJ, Ana Paula Goulart, mostra em sua dissertação de mestrado como essa dimensão histórica parece, hoje, acoplada ao trabalho de todo jornalista e cujo retorno se percebe também dentro da própria disciplina histórica.

> Os meios de comunicação, neste século, passaram a ocupar uma posição institucional que lhe confere o direito de produzir enunciados em relação à realidade social aceitos pelo consenso da sociedade como verdadeiros. A história passou a ser aquilo que aparece nos meios de comunicação de massa. São eles que detém o poder de elevar os acontecimentos à condição de históricos. O que passa ao largo da mídia é considerado, pelo conjunto da sociedade, como sem importância. (...)

> A referência a imprensa (principalmente à escrita) é constante também no ensino de História. Os livros didáticos quase sempre se referem aos jornais, seja como ilustração, seja como citação ou, ainda, mencionando-os como uma das principais fontes históricas. [53]

A valoração histórica que o jornalismo vem atraindo para si, como se disse, faz parte da tomada de posicionamento frente à sociedade. Se "fazer história" é um capital simbólico, importante para o exercício do poder, os meios de comunicação não podem ser meros intermediadores do presente. Precisam ir além, justificar a si mesmos como um importante entroncamento da história. E a mídia tem consciência dessa necessidade. Basta ver o slogan de comemoração dos 80 anos de O Globo, em 2005: "80 Anos de História nas Páginas de *O Globo*". Seria mesmo a história estampada nas páginas dos jornais ou seria esta uma valoração tardia? O problema da afirmação é que o jornalismo geralmente confunde as referências de espaço e tempo, executando contínuos deslocamentos. Essa natureza ultrapassa, inclusive, o jornalismo impresso, podendo ser observado em outras mídias, principalmente a televisão.

> Agora, a história se reproduz pela mesma máquina de comunicação eletrônica que está socialmente encarregada de registrar os acontecimentos imediatos e de promover o entretenimento; ela se reproduz não segundo os parâmetros da historiografia, mas segundo as leis que ordenam o espetáculo (...) A história é processada e reprocessada a quente na tela da TV. A propósito: o slogan da CNN costumava ser uma pergunta: *Onde você vai estar da próxima vez que a história acontecer?* Resposta "correta": diante da TV. É na TV que a história acontece. É também na TV que ela se reproduz.[54]

A valorização do jornalismo como uma entidade histórica tem sido levada tão a sério pelas empresas de comunicação que o próprio jornalismo virou tema de museu milionário. Fazer com que o visitante experimente o que é ser jornalista. Esta é a proposta do "Newseum" (trocadilho em inglês entre "news", de notícias, e "museum", de museu), um grande museu que será inaugurado em 2007, entre a Casa Branca e o Capitólio, em Washington, EUA. O projeto, que pretende se transformar em uma atração turística, terá um custo total de U$$ 435 milhões, financiados na maior parte pela empresa "Freedom Fórum" e doações conjuntas dos meios de comunicações. Mas o propósito do museu não é apenas mostrar ao visitante o que é um dia na pele do

[53] GOULART, Ana Paula. *A História do seu Tempo – A Imprensa e a Produção do Sentido Histórico*. Rio de Janeiro, UFRJ/ECO, dezembro de 1995. p.24
[54] BUCCI, Eugênio e KEHL, Maria Rita. *Videologias*. Rio de Janeiro, Boitempo editorial, 2004. p.35

jornalista, produzindo minuto-a-minuto, mas também fazê-lo refletir sobre o passado. Parte de sua estrutura é dedicada à parte da história recente. Uma galeria, por exemplo, é dedicada ao Muro de Berlim, onde haverá a antiga torre de vigilância e um grande pedaço do que antes dividia as alemanhas entre comunismo e capitalismo.

4.3 Conseqüências do jornalismo como lugar de memória

Se por um lado, a presentificação do jornalismo aparenta estar próxima de esgotar os fatos da história num frenesi memorialista sem precedentes, a historicização, por outro, parece inflacionar a mesma história com tantos eventos do presente. O jornal como um lugar de memória se fundamenta no movimento desses deslocamentos temporais. Se nosso jornalismo não se encarrega de informar apenas, mas de lembrar também, quais as implicações disso para a profissão e para a sociedade?

Para o jornalista, trabalhar como um produtor de memória pode atrapalhar em sua função prioritária: informar com a maior objetividade possível. Para aqueles que querem transformar a todo custo o presente em história, sempre apelando para o toque emocional, fica o conselho de rever a questão, pois o jornalismo é ainda o lugar da informação e não de salvação. Por mais que o jornalismo se torne, no futuro, uma fonte histórica importante para os homens, isso só será qualificado enquanto tal a partir das próximas gerações. No que diz respeito à questão da presentificação, especificamente, ela é válida desde que não evoque o passado apenas por evocá-lo ou apenas atendendo interesses políticos de terceiros. Esta instrumentalização do passado pode ser extremamente danosa.

Já para a sociedade, a obsessão do jornalismo com a memória pode ser um problema ainda maior. Se ele é a entidade que mais colabora para a demanda de memória sentida pela sociedade contemporânea, a cobrança em lembrar também é a nossa. Seu discurso memorialista nos envolve. Levamos para nosso vocabulário a linguagem dos jornais, estabelecemos relações e referências que ele também estabelece. Enfim, devolvemos a ele uma demanda que ele mesmo havia introjetado em nós, ampliada, re-simbolizada e mais uma vez significada. Esse *feedback* não tem fim. E cada vez mais será maior a obsessão em lembrar. Cada vez mais os eventos serão

históricos. Cada vez mais nossa maior preocupação será impedir a passagem do tempo, este presente que nos assombra e que nos faz rever o medo da perda.

Daí, nossa imensa preocupação atual pela estética que apaga os sinais do tempo, dos experimentos cinéticos da arte contemporânea (não podem envelhecer), pelas tecnologias da informática que nos prometem "memória virtual ilimitada" e pela patrimonização de bens e pessoas cada vez mais freqüente. Passamos a tratar o tempo como um inimigo mortal e quem desejamos evitar o confronto por meio do idílico invólucro protetor e empalhador da memória. Não dará certo o plano de forjar pela memória uma referência segura no meio de um presente instável. Deste modo, o passado seria apenas um adorno, um objeto que de tão artificial só iria aumentar nossa sociedade do risco.

Talvez o maior risco para todos nós seja não nos reservar a experiência do esquecimento em detrimento, sempre, da lembrança a qualquer preço. E por dois motivos: primeiro porque nossa capacidade em lembrar é limitada, depois porque lembrar não é e nunca será condição de redenção dos homens. Nossos problemas do presente estão ligados antes de nada ao nosso próprio presente. Na forma como tratamos uns aos outros, na maneira como conduzimos nossas relações e do jeito que procuramos as respostas. Fossemos dependentes do passado e só o resolveríamos com uma máquina do tempo, talvez um Delorean e a ajuda de Dr.Brown.

Mnemosyne é para a mitologia a mãe de todas as demais. Dava aos poetas e adivinhos o poder de lembrar o passado e compartilhá-los com a coletividade. Dar imortalidade aos mortais.[55] Hoje parecemos hipnotizados pelo canto da memória. Mas seria ela mesma uma sereia do mar das lembranças ou nós que queremos nos esforçar para vê-la assim? No fundo, talvez estejamos hipnotizados pelo nosso próprio reflexo no espelho.

Desde os gregos, escutamos relatos sobre os males do esquecimento. Aliás, para os seguidores de Platão, a filosofia nada mais é do que a capacidade de recordação. Segundo os platônicos, a virtude é algo que não pode ser ensinada, já que é algo que trazemos conosco desde o nascimento, que pertence a toda a natureza. Trata-se da defesa do *inatismo*, concepção segundo a qual já trazemos o conhecimento dentro de nós, mas que fora obscurecido ou esquecido momento em que a alma encarnou no

[55] CHAUÍ, Marilena. *Convite à Filosofia.* São Paulo, Ed. Ática, 2000. Cap. III

corpo. Aquilo que sabemos, dependeria da quantidade de água que nossa alma, quando de passagem por *Hades*, bebemos do rio *Lete*. Se bebemos pouco voltamos a Terra com muita sabedoria. Se bebemos muito do rio do esquecimento, voltamos aprisionados à ignorância. Para salvar estes existem os filósofos, que nunca beberam uma gota sequer do rio e, por isso, são plenos de sabedoria. Sua função, a função dos filósofos e da filosofia, é justamente libertar a todos os aprisionados. Talvez a maior expressão dessa mitologia seja o mito da caverna, de Platão.[56]

Nossa sociedade parece ter pavor de beber da água do rio Lete. Parece obcecada apenas com o exercício da lembrança plena, da memória a todo esforço. Parte dessa obstinação parece advir de uma crença de que lembrar impede que se cometam os mesmos erros e, assim, quem sabe, possamos construir um futuro melhor.

Em novembro de 2005, o psicanalista Adam Phillips publicou um ensaio na revista "Index on Censorship" e que foi traduzido para o caderno Mais! da *Folha de S.Paulo.* Seu título era "A memória forçada" e sua repercussão foi bem polêmica. Phillips criticava a postura daqueles que vêem a lembrança como o último vestígio do mito da redenção, nos planos pessoal e histórico, e defendia a necessidade do esquecimentos nos dias atuais. Para o psicanalista, existira uma crença atual de que tudo deve ser lembrado e se feito da maneira apropriada teremos a vida como sempre a desejamos. Mas ele alerta para o perigo eminente dessa crença:

> Sabemos, por exemplo, que afirmar que aqueles que esquecem o passado provavelmente estão condenados a repeti-lo não equivale a dizer que aqueles que o recordam não o farão.
>
> Na medida em que venham a repeti-lo, em qualquer grau – e nem todos os traumas se repetem, a não ser que definamos trauma como aquilo que se repete –, é provável que o repitam de maneira diferente. Tendemos a pensar, tendo esse quadro em mente, que aqueles que se recordam do passado e o repetem o fazem como ato de renovação, celebração, reconsideração e assim por diante, enquanto aqueles que se esqueceram do passado – ou o reprimiram, como dizemos hoje, em dia com relação aos traumas – provavelmente o fizeram sem saber que era isso o que estavam fazendo.
>
> Nesse mito redentor da memória, lembrar o fato terrível – o pecado original, o trauma cultural ou pessoal –, mantê-lo em mente, supostamente mitigaria ou até impediria uma repetição. Lembrar o trauma é imaginar novamente uma vida que o incorpora assim como lembrar o crime é lembrar a lei que não deveria ter sido violada. (...) A obsessão pela memória nos cega para os abusos que ela pode sofrer e para os abusos do esquecimento. (...)

[56] MARCONDES, Danilo. *Textos Básicos de Filosofia – Dos Pré-socráticos a Wittgenstein*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2000. p.31

> Deveríamos estar nos perguntando não qual é a melhor forma de recordar, mas, sim, qual é a melhor maneira de esquecer. [57]

Precisamos nos reservar o direito de esquecer. E esquecer é um processo tão importante quanto o da lembrança. Caso contrário a memória nunca nos libertará, como previam os filósofos, mas pelo contrário, nos encarcerará para sempre. Pode parecer paradoxal, mas para nos libertarmos através da memória – e que isso não seja confundindo com salvação – é preciso tantas doses de lembrança como de esquecimento. Não há como escapar dessa condição. A memória guarda em si a riqueza irrenunciável e inalienável de ser ambivalente. Pode provocar insegurança ou conforto. Certeza ou total desconhecimento. Enfim, ela surge como um recurso sob o qual temos um controle limitado e que pode, portanto, nos ajudar ou atrapalhar. A memória não serve a um só Deus.

O escritor argentino Jorge Luís Borges – talvez o melhor intérprete de nossas angústias contemporâneas – criou, em um delicioso conto, o personagem "Funes, o Memorioso". Na história, Funes era um jovem como todos os outros. Após um acidente, o personagem torna-se paralítico. Mas além de sua imobilidade Funes ganha um dom. Ou uma maldição, dependendo do ponto de vista: ele passa a lembrar-se de praticamente tudo. "Ao cair, perdeu o conhecimento; quando o recobrou, o presente era quase intolerável de tão rico e tão nítido, e também as memórias mais antigas e mais triviais. Pouco depois averiguou que estava paralítico. O fato pouco o interessou. Pensou (sentiu) que a imobilidade era um preço mínimo. Agora a sua percepção e sua memória eram infalíveis." A partir do acidente Funes era capaz de lembrar de cada segundo de um dia. Mas sua capacidade de reter as coisas era tão grande que ele levava outro dia inteiro para lembrar de tudo, reconstruindo segundo a segundo. Passou a ter mais lembranças do que todos os homens tiveram desde sempre. Funes deixou de dormir, pois era distrair-se do mundo. Deixou de pensar, pois só era capaz de registrar. Sua vida não era mais vida. Foi então que, aos 19 anos e aparentemente mais antigo que o Antigo Egito, morreu de congestão pulmonar.

Às vezes é como se todos nós tivéssemos, assim como Funes, sofrido um acidente. E maravilhados com o presente e com sua retenção estaríamos nos tornando imóveis. Faltava a Funes o dom do esquecimento. Não o esquecimento típico da

[57] Publica em Folha de S.Paulo 20/11/2005.

ignorância, mas aquele que nos permite abandonar o trabalho do luto e seguir adiante, apesar de tudo. Apesar da dor. Apesar da perda. Talvez nos falte o mesmo. Precisamos respirar e evitar uma congestão idêntica. E esta tarefa de sobrevivência não depende apenas uma mudança de postura do jornalismo enquanto discurso da memória, mas de toda a sociedade, que parece sentir certo gosto pelo estado de letargia gerado por uma arrebatadora paixão pela memória. Olhemos para nós mesmos enquanto ainda há *tempo*.

CONCLUSÃO

Qualquer trabalho de natureza conclusiva logo acaba se revelando tarefa de difícil execução. Sintetizar experiências ou extrair impressões de um longo trabalho pressupõe atenção e escolhas que nem sempre correspondem a nossos anseios iniciais. No entanto, esta dificuldade é fruto da complexidade dos trabalhos que desenvolvemos e aprendemos a tornar parte de nossas vidas. Esta monografia proporcionou-me esse grau de envolvimento. Através dos caminhos que tomei e dos objetos que tive contato, aprendi os meandros da pesquisa, a importância da teoria e da responsabilidade de se produzir conhecimento. Ao longo de quatro capítulos procurei problematizar o modo pelo qual o jornalismo é uma das instituições sociais mais presentes na formação de nossas percepções mais tradicionais como o tempo e a memória. Aprendi ainda que embora este estudo se limite a um espaço e tempo localizados, sua existência está relacionada a outros fatores e encontra-se inserido em uma dimensão social ainda maior que o jornalismo. É neste último momento que espero lançar esta última impressão, tão provocante como os temas que nos tornamos familiares nas últimas páginas.

A maior parte dos temas abordados neste trabalho faz parte do que alguns autores, nos últimos anos, convencionaram chamar de “pós-modernidade”. Conceito polêmico, ele tenta dar conta das transformações ocorridas nas últimas duas décadas e que constituiriam uma nova experiência temporal e espacial, um período que inauguraria novas formas de relações, percepções, orientações e referências. O conceito é discutido principalmente na área da comunicação social. Mas não se restringe a ela. Outras ciências humanas, como a história, a filosofia, a sociologia e a antropologia, também se vêem em volta com esta nova categoria de entendimento do mundo.

A pós-modernidade não possui um conjunto coeso de prerrogativas. Na verdade, não chega a constituir uma escola ou tampouco um movimento integrado e homogêneo de pensadores. Surge com força no início dos anos 1980 e projeta-se para a década seguinte, dentro e fora da universidade.

O conceito torna-se rapidamente um lugar-comum para se referir a uma contemporaneidade que parece ter rompido com o projeto moderno. Os chamados pós-modernos, ainda relacionam esta nova era à quebra das grandes narrativas e ao fim das antigas utopias. A uma nova forma de intengibilidade do mundo e às novas formas de manifestação e protesto social. À ampliação dos fundamentalismos e das

ações terroristas. A uma nova sistematização do capitalismo e a um período de reconstrução de identidades pelo indivíduo. Além disso, a pós-modernidade é caracterizada por uma volta ao passado, uma época de plena instabilidade e incerteza, de manifestação de um presente efêmero e de busca intensa da memória. [58]

Então, tanto a questão do tempo como da memória seriam conjugadas por uma pós-modernidade?

Minha resposta é não. Após dois anos estudando estes temas, chego à conclusão que ainda vivemos plenamente o projeto de modernidade, uma outra etapa, uma outra fase, com novas questões e problemas, mas ainda assim uma modernidade. Vários autores, como se disse, parecem discordar. Acham que vivemos uma nova era. David Harvey, Jean François Loytard, Frederic Jameson, Stuart Hall e Jean Baudrillhard são constantemente associados a este tipo de pensamento. Todos parecem concordar que a pós-modernidade assinala uma época de plena ruptura, da arquitetura de um novo tempo, com nova hierarquia de valores e novas sensações, muito mais ligado ao dinâmico. Esse novo tempo seria fragmentado, confuso e aterrorizante.

No entanto, coloco uma questão: até que ponto esse mundo caótico, efêmero e descontínuo é uma novidade? Ao que me parece, todos estes apontamentos me parecem reafirmar a experiência moderna, que é levada às ultimas conseqüências nas últimas décadas. Os defensores da pós-modernidade apostam em um profundo caos da vida social, muito parecido com aquilo que a sociologia de Max Weber e a filosofia de Friedrich Nietzsche havia preconizado. Suspeitam das narrativas, do sujeito, falam da morte de antigos discursos e da desconfiança perante os novos. Problematizam simulacros, mundos de controle, plenamente normatizados e vigiados. Mas fiquemos atentos às linhas que seguem abaixo:

> Justamente, agora, nos últimos dias de 1903, dois físicos franceses, Gaumont e Decaux, acabam de achar uma engenhosa combinação do phonographo e do cinematographo - o chronophono -, que talvez ainda venha a revolucionar a indústria da imprensa diária e periódica. Diante do aparelho, uma pessoa pronuncia um discurso: o chronophono recebe e guarda esse discurso, e, daí a pouco, não somente repete todas as suas frases, como reproduz, sobre uma tela branca, a figura do orador, a sua fisionomia, os seus gestos, a expressão de sua face, a mobilidade dos seus olhos e dos seus lábios.

[58] Harvey, David. *A condição pós-moderna*. Rio de Janeiro, Edições Loyola. 1989.

> Talvez o jornal futuro seja uma aplicação desta descoberta... A atividade humana aumenta, numa progressão pasmosa. Já os homens de hoje são forçados a pensar e a executar, em um minuto, o que os seus avós pensavam e executavam em uma hora. A vida moderna é feita de relâmpagos no cérebro, e de rufos de febre no sangue. O livro está morrendo, justamente porque já pouca gente pode consagrar um dia todo, ou ainda uma hora toda, à leitura de cem páginas impressas sobre o mesmo assunto. Talvez o jornal futuro - para atender à pressa, à ansiedade, à exigência furiosa de informações completas, instantâneas e multiplicadas - seja um jornal falado, e ilustrado com projeções animatográficas, dando, a um só tempo, a impressão auditiva e visual dos acontecimentos, dos desastres, das catástrofes, das festas, de todas as cenas alegres ou tristes, sérias ou fúteis, desta interminável e complicada comédia, que vivemos a representar no imenso tablado do planeta.[59]

As palavras acima são de uma crônica do poeta Olavo Bilac, publicada na revista *Kronos*. Bilac se mostra temeroso diante das novas tecnologias e do ritmo que a vida assumiu. Fala de pressa, ansiedade e de simultaneidade. Se trocássemos o ano de 1903 para 2003 o texto pouco cairia em anacronismo. Parece que muito do que vivemos atualmente não constitui fundamentalmente uma novidade. Então porque falar em uma pós-modernidade enfatizando seu caráter de rompimento?

Acredito que nomenclatura pós-moderna foi criada com a intenção de tentar nomear uma época em que velhos paradigmas caíram por terra, justamente quando também uma série de novas tecnologias despontaram no cenário da comunicação. Estou me referindo às mudanças da década de 1980, momento em que encontramos os primeiros usos da palavra "pós-modernidade'. Naquele momento, as novidades e o novo causavam medo, ansiedade e tensão. Nomear este mundo como pós-moderno, podemos pensar, foi uma tentativa de vestir tudo aquilo com uma roupagem familiar, dizer para nós mesmo que já sabíamos do que se tratava. Desta forma, parecia muito mais palatável encarar as transformações que nos deixavam desnorteados. Mas o mundo em plena metamorfose, de constante inauguração seria algo tipicamente pós-moderno? Mais uma vez fico com a negação.

Como dizia Berman[60], o mundo moderno é, por excelência, o mundo da transformação, de alargamentos espaciais, do contato com o novo, da desintegração permanente. De lutas e contradições, de um turbilhão que ameaça e provoca a curiosidade. Enfim, a modernidade é marcada pelo efêmero e, principalmente, pelos paradoxos. E se há algo que varia dentro da experiência moderna são justamente os

[59] BILAC, Olavo. a*pud* BUCCI, 2004, p. 27
[60] BERMAN, 2005, p.16

paradoxos. Não me parece plausível dizer que nossa época se distingue do ponto de vista de rupturas somente, já que a própria modernidade é o próprio lugar da ruptura. O homem do século XV e XVI tinha tantas preocupações e ansiedades como o de hoje. Em sua época, muitas fontes alimentavam esse turbilhão no qual ele se sentia jogado:

> (...) grandes descobertas nas ciências físicas, com a mudança da nossa imagem do universo e do lugar que ocupamos nele; a industrialização da produção, que transforma conhecimento científico em tecnologia, cria novos ambientes humanos e destrói os antigos, acelera o próprio ritmo da vida, gera novas formas de poder corporativo e de luta de classes; descomunal explosão demográfica, que penaliza milhões de pessoas arrancadas de seu *habitat* ancestral, empurrando-as pelos caminhos do mundo em direção a novas vidas; rápido e muitas vezes catastrófico crescimento urbano. Sistemas de comunicação de massa, dinâmicos em seu desenvolvimento, que embrulham e amarra, no mesmo pacote, os mais variados indivíduos e sociedades. Estados nacionais cada vez mais poderosos, burocraticamente estruturados e geridos, que lutam com obstinação para expandir seu poder; movimentos sociais de massa e de nações, desafiando algum controle sobre suas vidas; enfim, dirigindo e manipulando todas as pessoas e instituições, um mercado capitalista mundial, drasticamente flutuante, em permanente expansão.[61]

Obviamente, que atualmente as transformações são de outra ordem e envolvem fatores dos mais diversos, mas o sentimento de deslocamento e medo são de mesma envergadura. A contemporaneidade viu sim foi um alargamento desta experiência de finitude; houve mais compactação do tempo e do espaço. Se antes as coisas já ocorriam em grande velocidade, agora essa velocidade foi multiplicada por x.

Reconheço que hoje em dia vivemos uma época plenamente moderna, que se apóia muito mais em continuidades do projeto moderno do que em rupturas com o mesmo. Concordo em muitos pontos abordados pelos "pós-modernos", mas, para mim, são, em última análise, pontos da própria era moderna. Será que a desconfiança em relação à tecnologia é um medo inédito? Bilac mostrou que não. E o terrorismo, uma ameaça típica da pós-modernidade? Bom, a Primeira Guerra Mundial teve início muito em função de atos terroristas de organizações como a Mão Negra e a Mão Branca, da Sérvia. E a busca por identidades? Certamente uma quimera que os homens buscam desde sempre, quando na verdade a busca frenética por elas só mostra aquilo que já deixamos de ser. Da mesma forma, a suposta quebra com as "grandes narrativas" já constitui um paradoxo, já que falar em "pós-modernidade", por si mesmo já pressupõe uma grande narrativa de continuidade.

[61] BERMAN, loc.cit.

Sobre a ânsia dos últimos anos em querer estabelecer um modelo de pensamento que sacramente a ruptura com a modernidade, Berman responde na mesma medida e energia:

> Outros adotaram a mística do pós-modernismo, que se esforça para cultivar a ignorância da história e da cultura modernas e se manifesta como se todos os sentimentos humanos, toda a expressividade, atividade, sexualidade e senso de comunidade acabassem de ser inventados – pelos pós-modernistas – e fossem desconhecidos, ou mesmo inconcebíveis, até a semana passada. Enquanto isso, cientistas sócias, constrangidos pelos ataques a seus modelos tecnopastorais, abdicaram de sua tentativa de construir um modelo eventualmente mais verdadeiro para a vida moderna. Em vez disso, retalharam a modernidade em uma série de componentes isolados – industrialização, construção, urbanização, desenvolvimento de mercados, formação de elites – e resistem a qualquer tentativa de integrá-los em um todo. Isso liberou-os de generalizações extravagantes e vagas totalidades – mas também do pensamento que poderia conduzir ao engajamento de seu trabalho e suas vidas e à determinação do seu lugar da história.

Neste trabalho, fico com autor. Defendo a vigência plena de uma modernidade. Sem dúvidas que muitas características de outrora foram esgotadas, dadas como vencidas. Mas muitas outras continuam vigorando, fazendo do mundo um caldeirão de modernidade. Nada mais moderno do que sentir-se desnorteado. Se não sabemos mais como lidar com isso sem que sejamos enfraquecidos é um problema de nossa própria modernidade contemporânea, que parece ter perdido as raízes com sua própria origem e crítica. Precisamos recuperar esta capacidade de crítica ao mundo moderno, mas uma crítica que nos deixa à vontade.

Se são os paradoxos que constituem a modernidade, vivemos plenamente um mundo moderno. A tecnologia é um exemplo. Nos correspondemos tanto via internet e cada vez mais o contato físico parece renegado a uma segunda categoria. E o que dizer de nosso tema, o tempo? Vivemos cada vez mais envoltos com a memória justamente na era do presentismo, do efêmero. Mas são justamente estes paradoxos que enriquecem nosso entendimento do mundo, sob o qual construímos nossas referências e as substituímos também.

A visão de um mundo moderno não se restringe a obra de Berman. Anthony Giddens prefere falar em uma "alta modernidade"[62]. Marc Auge em uma "supermodernidade". Gilles Lipovestky em "hipomodernidade"[63] e Zygmunt Bauman

[62] GUIDDENS, 1991.
[63] LIPOVESTKY, 2005.

em uma "modernidade líquida"[64]. Enfim, pouco importa o termo, mas a afirmação que vale e que defendo é a de que ainda somos modernos, embora diferentemente do homem moderno do século XVII ou XIX. A ciência continua avançando, as instituições sociais continuam fortes, o Estado e seus aparelhos nunca foram tão utilizados. Se em termos de arte e estética pode-se falar em um "pós-modernismo", em termos de visão marco continuamos a viver no espaço moderno, em que a história, a memória e o tempo são vividos plenamente. Noções de nacionalismo, identidade e progresso continuam a existir, mas deslocadas para outros lugares.

> Falar de uma pós-modernidade como suplantando a modernidade parece invocar aquilo que parece invocar aquilo mesmo que é (agora) impossível: dar alguma coerência à história e situar nosso lugar nela. Além disso, se Nietzsche foi o principal autor a desvincular a pós-modernidade da modernidade, um fenômeno que se supões estar ocorrendo atualmente, como é possível que ele tenha visto isto há quase um século atrás? (...) Nós não nos deslocamos para além da modernidade, porém estamos vivendo precisamente através de uma fase de sua radicalização. [65]

Efemeridade, confiança, passados, memória, história, identidade e risco. Todos temas costurados com o fio da modernidade. É deste modo que proponho que sejam analisados a nossa atual percepção do tempo e demanda por memória: como elementos que correspondem a uma modernidade contemporânea que parece disposta a suplantar a si mesmo na pressa por repostas. Portanto, o que precisamos é de calma ao formular críticas e propor saídas. O medo diante de novas situações e radicalizações não pode nos paralisar. É preciso recuperar a crítica à modernidade para que possamos nos sentir mais uma vez à vontade nesse mundo, nem que seja para apontar suas incongruências. Se o jornalismo é um alavancador destas sensações é porque a própria comunicação se encontra no olho desse furacão contemporâneo. Neste sentido, voltar-se para trás, para os antigos modernos, como disse Berman, pode nos ajudar a reconciliarmos com nós mesmos. Tempo e memória através do jornalismo contemporâneo: talvez uma auto-reflexão e um ponto de partida para nos situarmos dentro num museu de velhas e inéditas novidades. Com todo o pleonasmo e com todo o paradoxo.

---

[64] BAUMAN, Zygmunt. *A Modernidade Líquida.* Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2001.

[65] BERMAN, 2005, p. 36

BIBLIOGRAFIA

AGOSTINHO, Santo. ***Confissões*.** Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

ANDERSON, Benedict. **Imagined Communities**. New York: Verso Press,1983.

ARBEX JR, José. **Showrnalismo - a Notícia como Espetáculo**. 1º ed. São Paulo: Casa Amarela, 2001.

ARENDT, Hannah. **Entre o Passado e o Futuro**. 5º ed. São Paulo: Perspectiva, 2000.

AUGÉ, Marc. **Não-lugares – Introdução a uma antropologia da supermodernidade.** São Paulo: 5ª Edição – Papirus, 2005

BAUMAN, Zygmunt. **A Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade e Ambivalência**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar - a aventura da Modernidade**. 19º reimpressão ed. São Paulo: Companhia Das Letras, 2003.

BORGES, Jorge Luís. **Funes, o memorioso**. Prosa completa. Barcelona: Bruguera, 1979.

BUCCI, Eugênio, and Maria Rita Kehl. **Videologias**. 1º ed. São Paulo: Boitempo, 2004.

BURKE, Peter, and Asa Briggs. **Uma História Social da Mídia - de Gutemberg À Internet**. 1º ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à Filosofia.** São Paulo: Ed. Ática, 2000. Cap. III

CONTERA, Malena Segura**. Mídia e Pânico: Saturação da Informação, Violência e Crise Cultural Na Mídia**. São Paulo: Annablume, 2002.

DIZARD JR., Wilson. **A Nova Mídia - a Comunicação de Massa na era da Informação**. 2º ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

DOCTORS, Marcio (Org). **Tempo dos Tempos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

DUBY, Georges. **Ano 100 ano 2000, na pista de nossos medos**. São Paulo: Editora Unesp, 1998.

ELIAS, Norbert. **Sobre o Tempo**. 1º ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

FREUD, Sigmund. **O Mal-Estar na Civilização**. 1º ed. Rio de Janeiro: Imago, 2002.

GIDDENS, Anthony. **As Consequências da Modernidade**. 1º ed. São Paulo: Unesp, 1991.

GLASSNER, Barry. **A Cultura do Medo**. São Paulo: Francis, 2003.

GOULART, Ana Paula. **A História do seu Tempo – A Imprensa e a Produção do Sentido Histórico**. Rio de Janeiro: UFRJ/ECO, dezembro de 1995.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Ed. Centauro, 2004.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**, Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

HARTOG, François. **Time, History and the Writing of History: the Order of Time.** Disponível na Internet em 2 de outubro de 2006

HARVEY, David. **A Condição Pós-Moderna**, São Paulo: Loyola, 1993.

HAWKING, Stephen. **O Universo numa casa de noz**. 1ª ed. São Paulo: Mandarim, 2001.

HUYSSEN, Andreas. **Seduzidos Pela Memória - Arrquitetura, Monumentos, Mídia**. 2º ed. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2004.

IZQUIERDO, Ivan. **A arte de esquecer – Cérebro, memória e esquecimento.** Rio de Janeiro: Vieira & Lent, 2004

KAPUSCINSKI, Rysard. **Ébano, Minha vida na África**. São Paulo: Companhia Das Letras, 2002.

KOSELLECK, Reinhart. **Crítica e Crise**. 1º ed. Rio de Janeiro: Contraponto & EdUerj, 1999.

----------. **Futuro Passado – Contribuição à semântica dos tempos históricos**. Rio de Janeiro: Contraponto e Editora PUC Rio, 2006.

KUNDERA, Milan. **Risíveis Amores**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1985.

LÉVY, Pierre. **As Tecnologias da Inteligência**. Rio de Janeiro: Editora 34, 2001.

LE GOFF, Jacques**. Na Idade Média: o tempo da igreja e o tempo do mercador**. Lisboa: Editorial Estampa, 1980.

---------- **História e Memória.** Editora Unicamp: Campinas, 2003

LYPOVESTKY, Gilles. **Os tempos hipermodernos.** São Paulo: Barcarolla, 2005.

MARCONDES, Danilo. **Textos Básicos de Filosofia – Dos Pré-socráticos a Wittgenstein**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

MATTELART, Armand, and Michèle Mattelart. **História das teorias da Comunicação**. 6º ed. São Paulo: Edições Loyola, 2003.

MORETZSOHN, Sylvia. Jornalismo **Em "Tempo Real": O Fetiche da Velocidade**. 1º ed. São Paulo: Revan, 2002.

PANOFSKY, Erwin. **Estudos de Iconologia – Temas Humanísticos na Arte do Renascimento.** Lisboa: Estampa, 1995.

POLLAK, Michael. **Memória, Esquecimento, Silêncio**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol.2, nº 3, 1989.

PUGLIESI, Márcio. **Mitologia Greco-Romana – Arquétipos dos deuses e heróis.** 1ª Edição São Paulo: Editora Madras, 2003.

RAMONET, I. **La Tyrannie de La Comunnicacion**, Paris: Galilée, 1999.

SANTOS, Myrian Sepúlvida dos. **Memória Coletiva e Teoria Social**. São Paulo: Annablume, 2003.

SONTAG, Susan. **Diante da dor dos Outros**. 1º ed. São Paulo: Comapnhia Das Letras, 2003.

THOMPSON, John B. **Mídia e Modernidade.** Petrópolis (RJ) 7ª edição: Editora Vozes, 2005

TRINTA, Aluizio Ramos, and Ilana Polistchuk. **Teorias da Comunicação - O Pensamento e a prática da comunicação social.** 1º ed. Rio de Janeiro: Campus, 2003.

WEINRICH, Harald. **Lete - Arte e crítica do esquecimento**. 1º ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

WHITROW, G.J. **O que é o tempo?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001

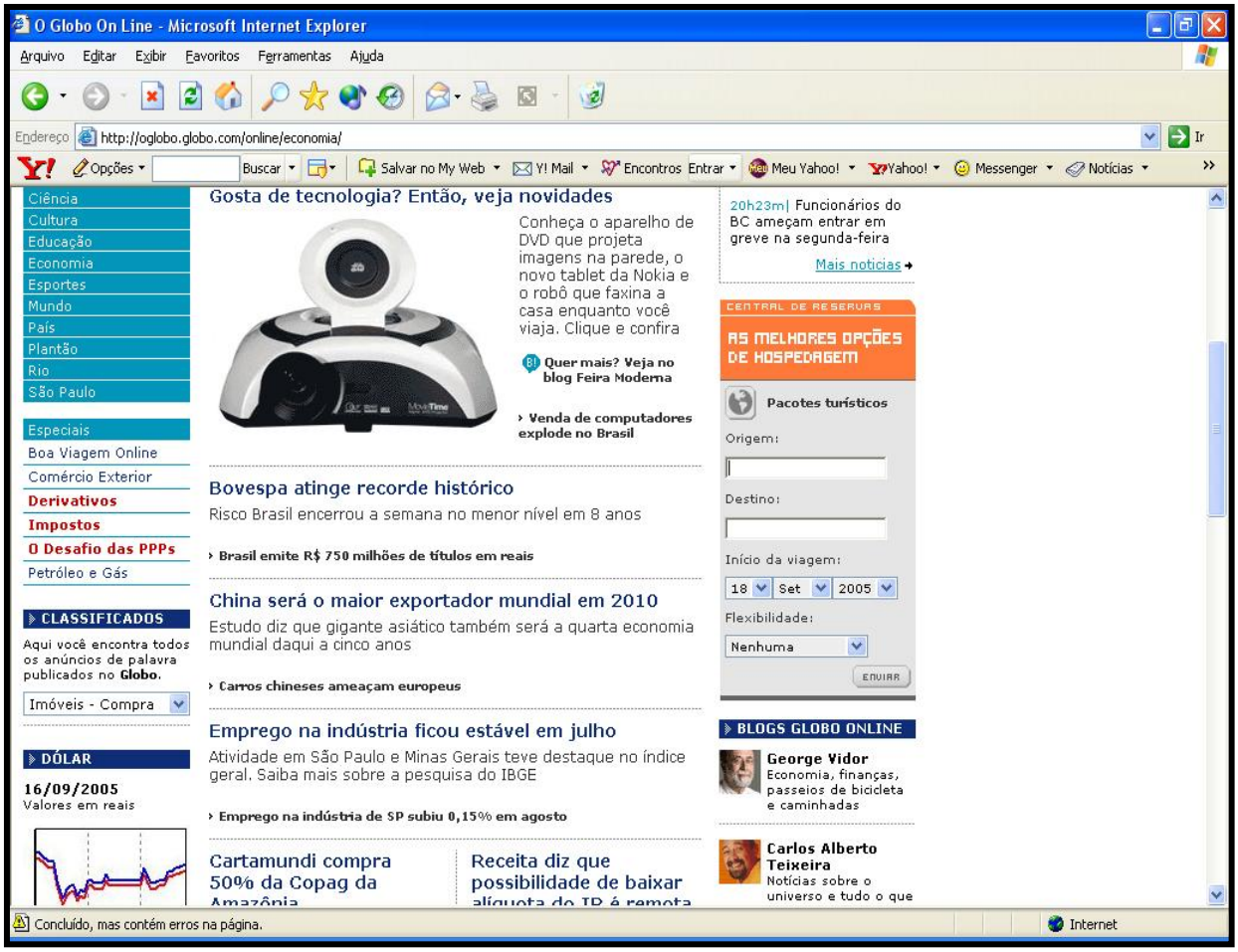
ZIZEK, Slavoj. **Bem-Vindo ao deserto do real**. Estado De Sítio. 1º ed. São Paulo: Boitempo, 2003.

ANEXO I

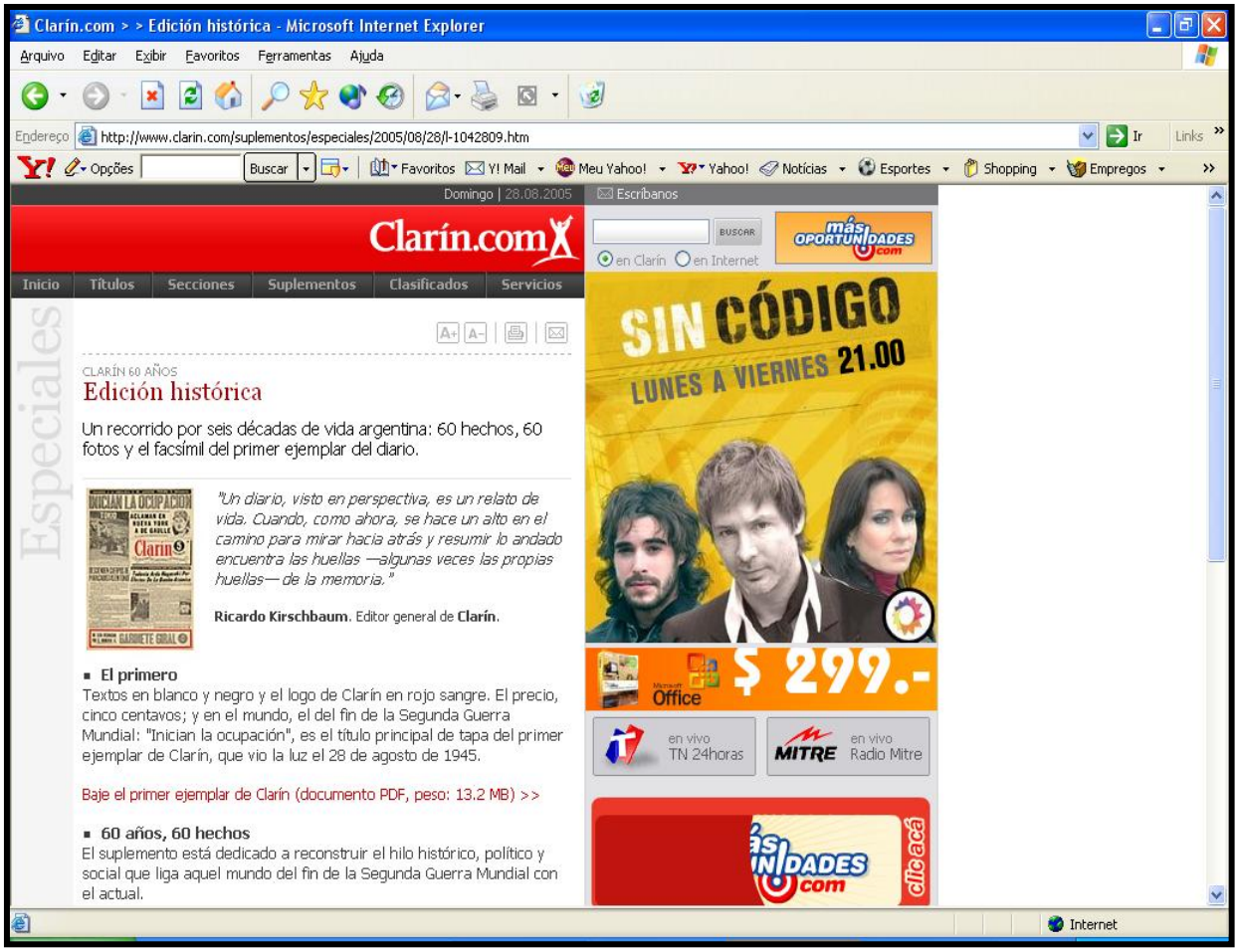
(Exemplos de *Historicização* na internet, em sites brasileiros ou estrangeiros)

Fontes: www.oglobo.com.br ; www.noolhar.com.br, www.clarin.com, www.yahoo.com.br, www.folha.com.br, www.reuters.com.br e www.terra.com.br

(Período: Janeiro a Dezembro de 2005)

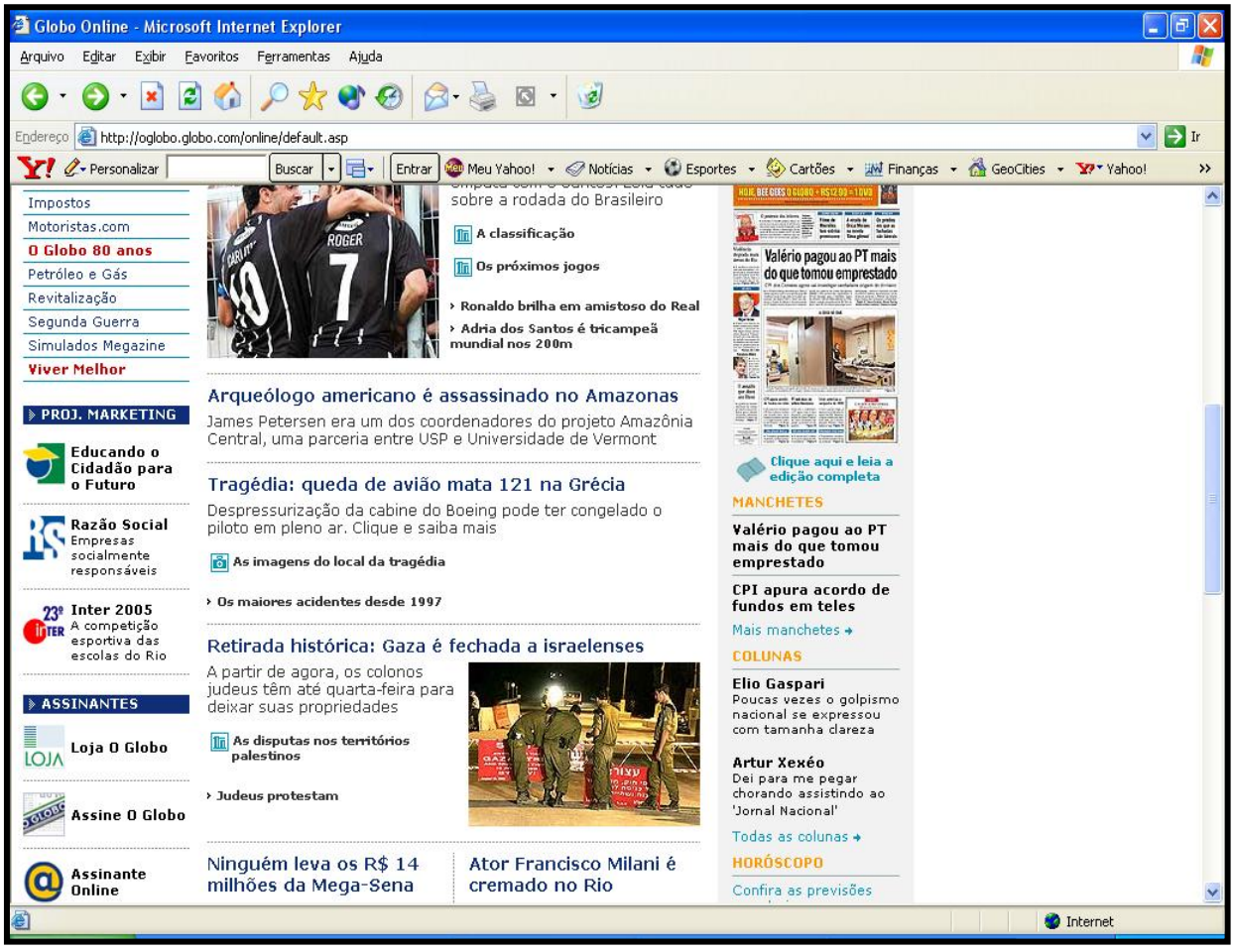

O Globo On Line - Microsoft Internet Explorer
Arquivo Editar Exibir Favoritos Ferramentas Ajuda
Endereço http://oglobo.globo.com/online/economia/
Ciência
Cultura
Educação
Economia
Esportes
Mundo
País
Plantão
Rio
São Paulo
Especiais
Boa Viagem Online
Comércio Exterior
Derivativos
Impostos
O Desafio das PPPs
Petróleo e Gás
CLASSIFICADOS
Aqui você encontra todos os anúncios de palavra publicados no Globo.
Imóveis - Compra
DÓLAR
16/09/2005
Valores em reais
Gosta de tecnologia? Então, veja novidades
Conheça o aparelho de DVD que projeta imagens na parede, o novo tablet da Nokia e o robô que faxina a casa enquanto você viaja. Clique e confira
Quer mais? Veja no blog Feira Moderna
Venda de computadores explode no Brasil
Bovespa atinge recorde histórico
Risco Brasil encerrou a semana no menor nível em 8 anos
Brasil emite R$ 750 milhões de títulos em reais
China será o maior exportador mundial em 2010
Estudo diz que gigante asiático também será a quarta economia mundial daqui a cinco anos
Carros chineses ameaçam europeus
Emprego na indústria ficou estável em julho
Atividade em São Paulo e Minas Gerais teve destaque no índice geral. Saiba mais sobre a pesquisa do IBGE
Emprego na indústria de SP subiu 0,15% em agosto
Cartamundi compra 50% da Copag da Amazônia
Receita diz que possibilidade de baixar alíquota do IR é remota
20h23m| Funcionários do BC ameçam entrar em greve na segunda-feira
Mais notícias
AS MELHORES OPÇÕES DE HOSPEDAGEM
Pacotes turísticos
Origem:
Destino:
Início da viagem:
18 Set 2005
Flexibilidade:
Nenhuma
ENVIAR
BLOGS GLOBO ONLINE
George Vidor
Economia, finanças, passeios de bicicleta e caminhadas
Carlos Alberto Teixeira
Notícias sobre o universo e tudo o que
Concluído, mas contém erros na página.
Internet

NoOlhar.com :: Internacional - Microsoft Internet Explorer
Arquivo Editar Exibir Favoritos Ferramentas Ajuda
Endereço http://www.noolhar.com/internacional/507062.html
ncolhar
fórum
populares
últimas
webmail
pesquisa
Últimas
ÚLTIMAS
Clique Aqui!
home do canal
Internacional
Fortaleza, 30 de Agosto de 2005
últimas
Cenaceara
Colunas
Culinária
Diversão e Arte
Esoterismo
Especiais
Esportes
Festival Vida&Arte
Fortal 2005
Horóscopo
Humor
Papel de Parede
Para ler O Povo
Tecnologia
Universitário
Últimas
canais noolhar
ESTADOS UNIDOS
Bush diz que retirada de Israel é "passo histórico" para a paz
[22 Agosto 17h17min 2005]
A retirada israelense de Gaza "é um passo histórico" que torna mais próxima a paz no Oriente Médio, afirmou nesta segunda-feira o presidente dos Estados Unidos, George W. Bush.
"Após décadas de promessas quebradas e vidas perdidas, a paz está ao alcance na Terra Santa", disse Bush num discurso, minutos depois de Israel anunciar oficialmente o fim da evacuação dos 21 assentamentos judaicos na Faixa de Gaza.
O presidente, que desde o princípio apoiou a decisão do Governo de Israel de colocar fim aos 38 anos de ocupação de Gaza, destacou que a retirada israelense é "um passo histórico que reflete a liderança audaz" do primeiro-ministro israelense, Ariel Sharon.
Neste sentido, Bush disse que Sharon e o povo israelense "deram um passo corajoso e doloroso" ao desocuparem totalmente Gaza e alguns assentamentos na Cisjordânia.
Após este passo, destacou Bush, o caminho "fica muito claro": "Estamos trabalhando para um retorno ao Mapa de Caminho, o plano de paz apoiado por EUA, ONU, União Européia e Rússia".
Ao mesmo tempo, o presidente americano ressaltou o apoio de Washington às autoridades palestinas.
Futebol
19:31 Ex-ídolo no Brasil, Figueroa elogia Vergara, do Vasco
Futebol
19:29 Cruzeiro enfrenta Juventude novamente com time misto
Brasil
19:25 Severino é acusado de traficar influência em PE
Internacional
19:06 EUA são maior vendedor de armas para países em desenvolvimento
Futebol
18:52 Parreira escala Seleção e confirma Robinho como titular
http://banner.noolhar.com/servlet/banner?event=ClicarBanner&code=0.0562361077972515
Internet


Clarín.com > > Edición histórica - Microsoft Internet Explorer
Arquivo Editar Exibir Favoritos Ferramentas Ajuda
Endereço http://www.clarin.com/suplementos/especiales/2005/08/28/l-1042809.htm
Domingo | 28.08.2005
Escribanos
Clarín.com
Inicio Títulos Secciones Suplementos Clasificados Servicios
Especiales
CLARÍN 60 AÑOS
Edición histórica
Un recorrido por seis décadas de vida argentina: 60 hechos, 60 fotos y el facsímil del primer ejemplar del diario.
"Un diario, visto en perspectiva, es un relato de vida. Cuando, como ahora, se hace un alto en el camino para mirar hacia atrás y resumir lo andado encuentra las huellas —algunas veces las propias huellas— de la memoria."
Ricardo Kirschbaum. Editor general de Clarín.
El primero
Textos en blanco y negro y el logo de Clarín en rojo sangre. El precio, cinco centavos; y en el mundo, el del fin de la Segunda Guerra Mundial: "Inician la ocupación", es el título principal de tapa del primer ejemplar de Clarín, que vio la luz el 28 de agosto de 1945.
Baje el primer ejemplar de Clarín (documento PDF, peso: 13.2 MB) >>
60 años, 60 hechos
El suplemento está dedicado a reconstruir el hilo histórico, político y social que liga aquel mundo del fin de la Segunda Guerra Mundial con el actual.
SIN CÓDIGO
LUNES A VIERNES 21.00
$ 299.-
Office
en vivo TN 24horas
en vivo Radio Mitre
Internet

Un cierre a puro récord y con un doblete histórico - Microsoft Internet Explorer
Arquivo Editar Exibir Favoritos Ferramentas Ajuda
Endereço http://www.clarin.com/diario/2005/08/15/deportes/d-03101.htm
Lunes | 15.08.2005
Escribanos
Clarín.com
Inicio Títulos Secciones Suplementos Clasificados Servicios
Deportes
ATLETISMO : ESTADOS UNIDOS DOMINO EL MUNDIAL DE HELSINKI
Un cierre a puro récord y con un doblete histórico
La cubana Osleidys Menéndez logró una plusmarca mundial en jabalina, y Rashid Ramzy, de Bahrein, es el nuevo rey del mediofondo.
HELSINKI, FINLANDIA . EFE y ESPECIAL
Rashid Ramzi, el nuevo rey del medio fondo, logró para Bahrein un doblete inédito en los Mundiales al ganar la final de 800 metros cuatro días después de imponerse en la de 1.500. Y la cubana Osleidys Menéndez puso el tercer récord mundial del torneo que finalizó ayer con un lanzamiento de 71,70 metros en jabalina. Estados Unidos recuperó su liderazgo mundial y fue el cómodo líder del medallero general.
Menéndez se llevó, con el título, los 100.000 dólares que premian a cada récord mundial conseguido en los campeonatos del mundo. La cubana logró su marca en su primer intento, batiendo por 16 centímetros su propio récord, conseguido el 1 de julio de 2001.
Rashid Ramzi, en tanto, le dio a su país de adopción, Bahrein, la segunda medalla dorada al superar al campeón olímpico, el ruso Yuri Borzakovsky, en la final de los 800 metros, alcanzado un doblete histórico. Marroquí de nacimiento, Ramzi venció con una marca de 1m44s24, la mejor de su vida. Borzakovsky fue segundo con 1m44s51
SÚPER OFERTAS DE LA SEMANA
Clarín 60 años
CLICKEA AQUI PARA VER EL COMERCIAL DE TV
Lo hace posible
en vivo TN 24horas
en vivo Radio Mitre
AMPLIAR
Concluído
Internet

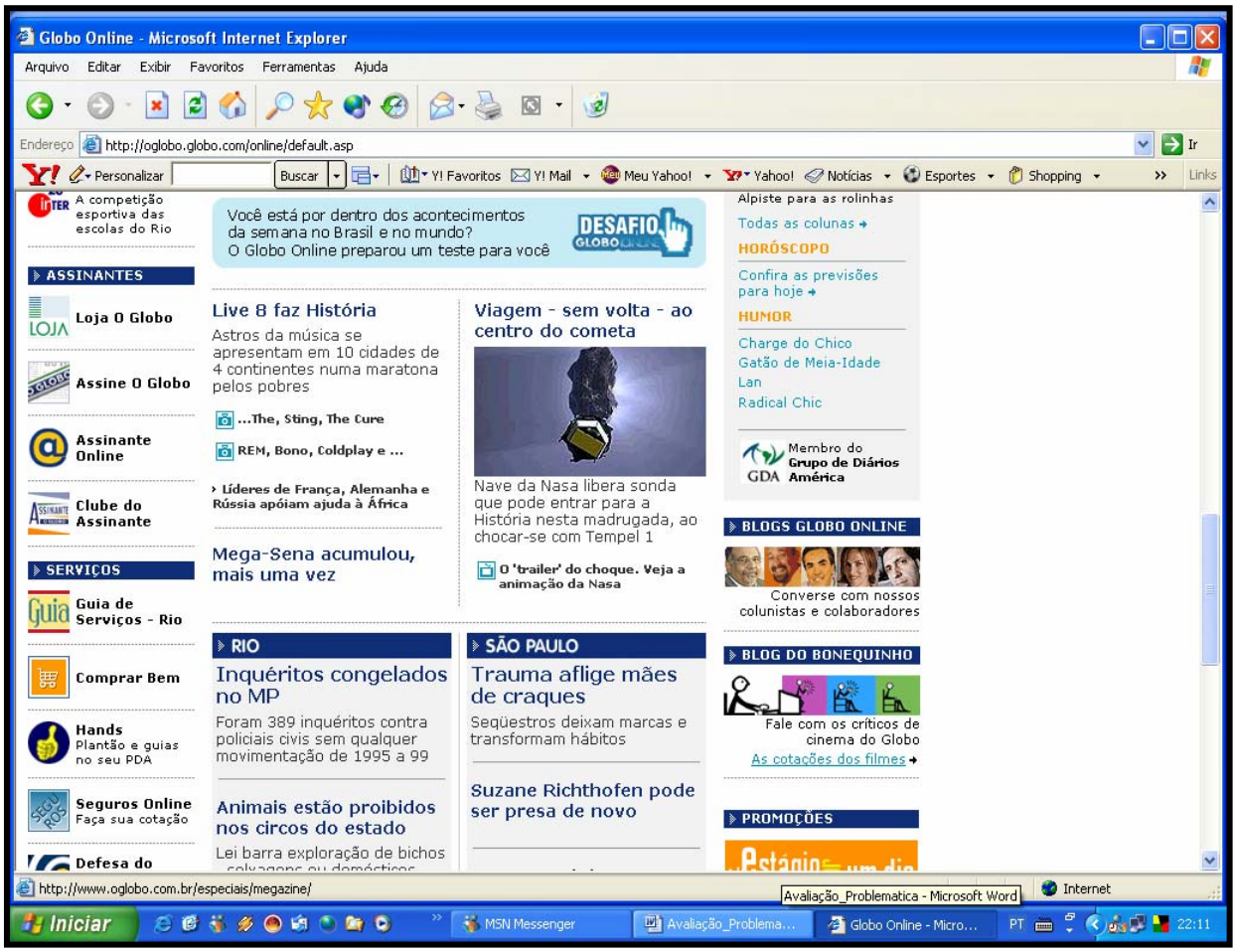
Yahoo! Notícias - Preço do petróleo bate novo recorde histórico em Nova York - Microsoft Internet Explorer
Arquivo Editar Exibir Favoritos Ferramentas Ajuda
http://br.news.yahoo.com/050830/40/x0a5.html
YAHOO! BRASIL Notícias
Início - Yahoo!
Acesse o site que seleciona os melhores seminovos do mercado.
www.Usados Rede Chevrolet.com.br
REDE CHEVROLET CONTE COMIGO
Notícias Imagens do dia
Yahoo! Notícias
Procurar notícias contendo:
Buscar
Primeira página
Manchetes
Especiais
Mundo
Economia
Política
Ciência & saúde
Tecnologia
Esportes
Entretenimento
Atualidades
Mais notícias
Manchetes
CPIs farão relatório conjunto sobre denúncias
Para Lula, atacaram sua ética quando ele parecia "imbatível"
Economia
Ter, 30 Ago - 13h32
Preço do petróleo bate novo recorde histórico em Nova York
EFE
Nova York, 30 ago (EFE).- O petróleo bateu novo recorde histórico nesta terça-feira em Nova York, negociado a US$ 70,90, devido ao temor de desabastecimento em decorrência da passagem do furacão Katrina.
O recorde anterior era de US$ 70,80 nas negociações do mercado eletrônico no domingo passado, depois da divulgação da notícia de que as principais empresas petrolíferas estavam evacuando as plataformas marinhas de extração no Golfo do México Às 11h50 (12h50 de Brasília), o contrato de futuros do petróleo para entrega em outubro era
PUBLICIDADE
Yahoo! Credicard no parque:
YAHOO! CREDICARD
VISA
SNR
Internet

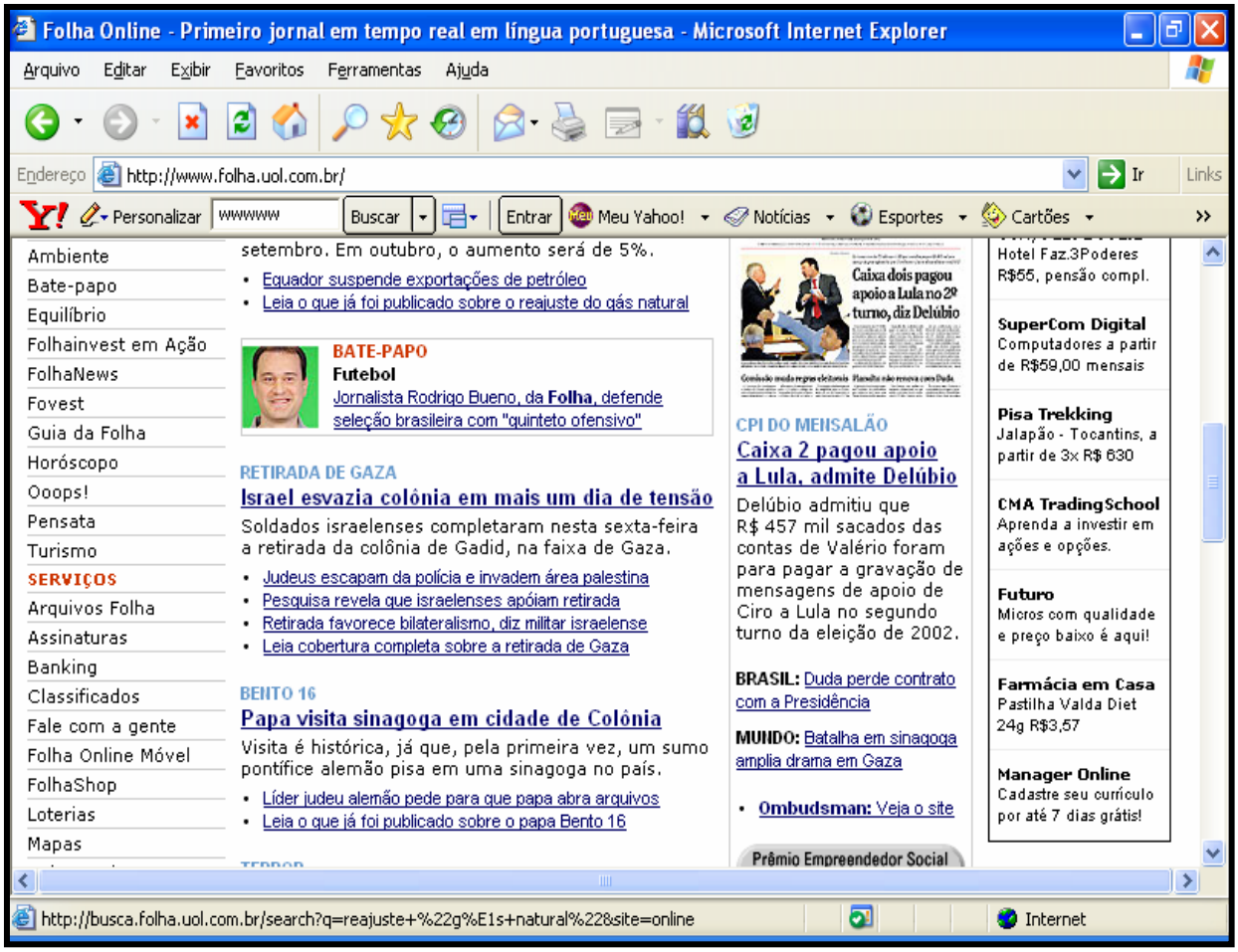

Globo Online - Microsoft Internet Explorer
Arquivo Editar Exibir Favoritos Ferramentas Ajuda
http://oglobo.globo.com/online/default.asp
Impostos
Motoristas.com
O Globo 80 anos
Petróleo e Gás
Revitalização
Segunda Guerra
Simulados Megazine
Viver Melhor
PROJ. MARKETING
Educando o Cidadão para o Futuro
Razão Social Empresas socialmente responsáveis
Inter 2005 A competição esportiva das escolas do Rio
ASSINANTES
Loja O Globo
Assine O Globo
Assinante Online
sobre a rodada do Brasileiro
A classificação
Os próximos jogos
Ronaldo brilha em amistoso do Real
Adria dos Santos é tricampeã mundial nos 200m
Arqueólogo americano é assassinado no Amazonas
James Petersen era um dos coordenadores do projeto Amazônia Central, uma parceria entre USP e Universidade de Vermont
Tragédia: queda de avião mata 121 na Grécia
Despressurização da cabine do Boeing pode ter congelado o piloto em pleno ar. Clique e saiba mais
As imagens do local da tragédia
Os maiores acidentes desde 1997
Retirada histórica: Gaza é fechada a israelenses
A partir de agora, os colonos judeus têm até quarta-feira para deixar suas propriedades
As disputas nos territórios palestinos
Judeus protestam
Ninguém leva os R$ 14 milhões da Mega-Sena
Ator Francisco Milani é cremado no Rio
Valério pagou ao PT mais do que tomou emprestado
Clique aqui e leia a edição completa
MANCHETES
Valério pagou ao PT mais do que tomou emprestado
CPI apura acordo de fundos em teles
Mais manchetes
COLUNAS
Elio Gaspari
Poucas vezes o golpismo nacional se expressou com tamanha clareza
Artur Xexéo
Dei para me pegar chorando assistindo ao 'Jornal Nacional'
Todas as colunas
HORÓSCOPO
Confira as previsões
Internet

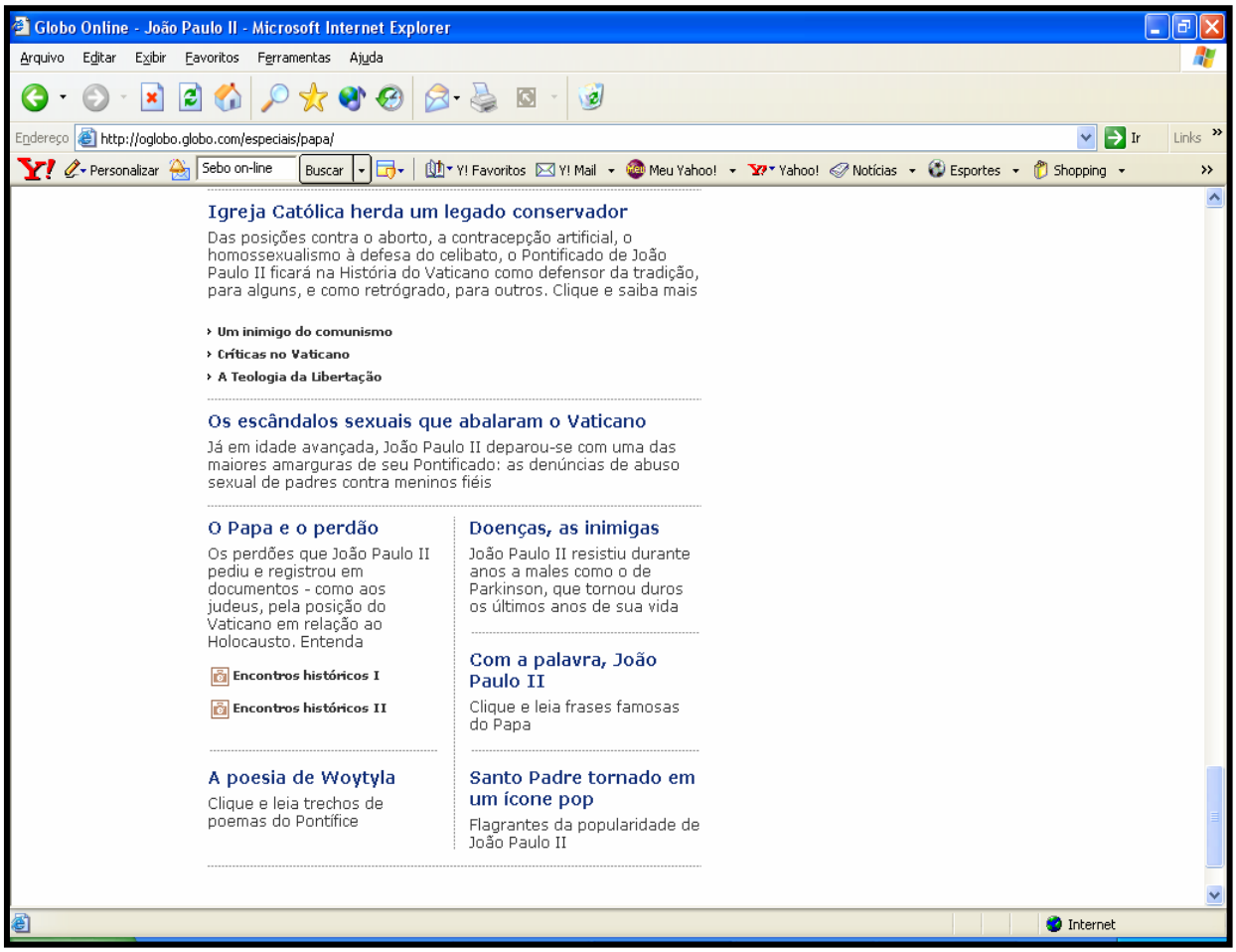
Jornal O Globo - Microsoft Internet Explorer
Arquivo Editar Exibir Favoritos Ferramentas Ajuda
Endereço http://oglobo.globo.com/jornal/especiais/80anos/ed04/169607658.asp
Central do Leitor
LEIA MAIS
O MUNDO
O PAÍS
RIO
ESPORTES
ECONOMIA
CULTURA
80 ANOS
O GLOBO 80 - ESPORTES
Rio, 28 de agosto de 2005
Versão impressa
Vitórias históricas
Em 23 de agosto de 1987, os Estados Unidos tiveram de engolir: o Brasil derrotou pela primeira vez uma seleção americana de basquete em casa, na final masculina do Pan-Americano em Indianápolis. "Na hora de entregar as medalhas, os americanos tiveram de procurar a fita com o hino brasileiro, pois à mão só tinham o hino americano", contou O GLOBO na cobertura sobre a vitória.
Foi um marco na carreira de Oscar Schmidt, o Mão Santa, o maior jogador de basquete do Brasil. Maior cestinha das Olimpíadas, Oscar foi um ídolo da torcida que tinha a paixão do torcedor.
O basquete feminino também venceu um Pan-Americano contra o time da casa, derrotando Cuba em 1991. Com talentos como Paula e Hortência, as mulheres ganharam mais títulos do que os homens: o campeonato mundial em 1994, a prata nas Olimpíadas de 1996 e o bronze em 2000. Conquistas valiosas para um esporte que chegou a ser considerado coisa de mulher, quando foi introduzido no Brasil no século XIX, por um professor americano em São Paulo.
LEIA MAIS
Recorte
Enviar por email
Versão para impressão
Voltar
Topo
O GLOBO
Veja a imagem ampliada da capa
VER ESPECIAL MULTIMÍDIA
BrasilTelecom
SISTEMA FECOMÉRCIORJ
Concluído
Internet

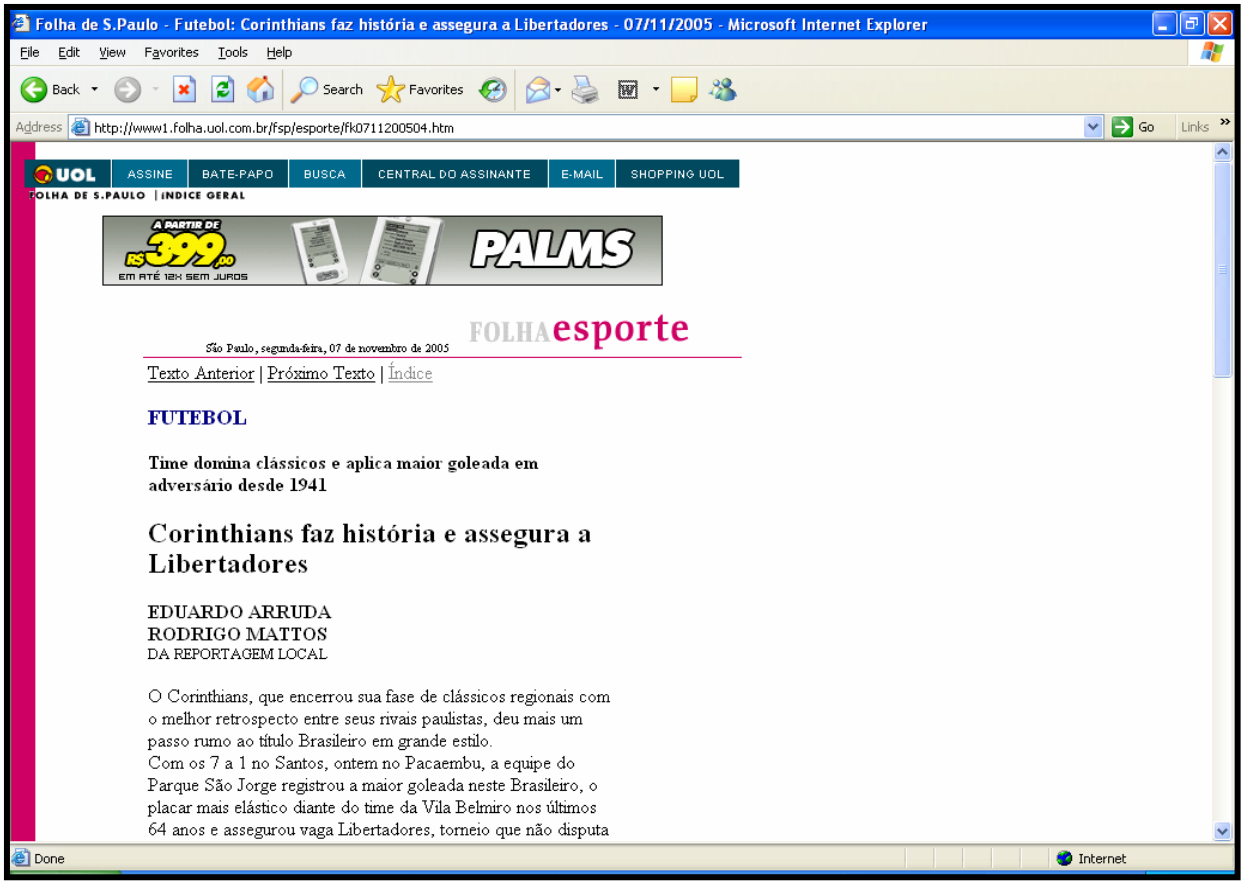
Yahoo! Notícias - Técnico do Villarreal pede prudência após vitória histórica - Microsoft Internet Explorer
Arquivo Editar Exibir Favoritos Ferramentas Ajuda
Endereço http://br.news.yahoo.com/050825/5/ww0u.html
YAHOO! BRASIL Notícias
Início - Yahoo!
As notícias do Brasil e do mundo. 5x mais rápidas.
Notícias
Imagens do dia
Yahoo! Notícias
Procurar notícias contendo:
Buscar
Primeira página
Manchetes
Especiais
Mundo
Economia
Política
Ciência & saúde
Tecnologia
Esportes
Entretenimento
Atualidades
Mais notícias
Manchetes
CPIs farão relatório conjunto sobre denúncias
Para Lula, atacaram sua ética quando ele parecia "imbatível"
Revivendo melhores momentos, Guga estréia com vitória nos EUA
Esportes
Qui, 25 Ago - 14h07
Técnico do Villarreal pede prudência após vitória histórica
Clique para aumentar a foto
VILLARREAL (Reuters) - O técnico do Villarreal, Manuel Pellegrini, alertou seus jogadores para que mantenham a motivação em alta após a classificação da equipe para a fase de grupos da Copa dos Campeões com a vitória sobre o Everton, da Inglaterra.
"Nós fizemos história, mas temos que manter a cabeça no lugar, porque estamos apenas no começo", disse Pellegrini após a partida.
O Villarreal derrotou o Everton por 2 x 1, na quarta-feira, e conseguiu 4 x 2 na soma dos resultados
Fundos, CDB e Poupança Bradesco.
Investimentos
Clique para investir.
Bradescompleto
Bradesco
SNR
Internet

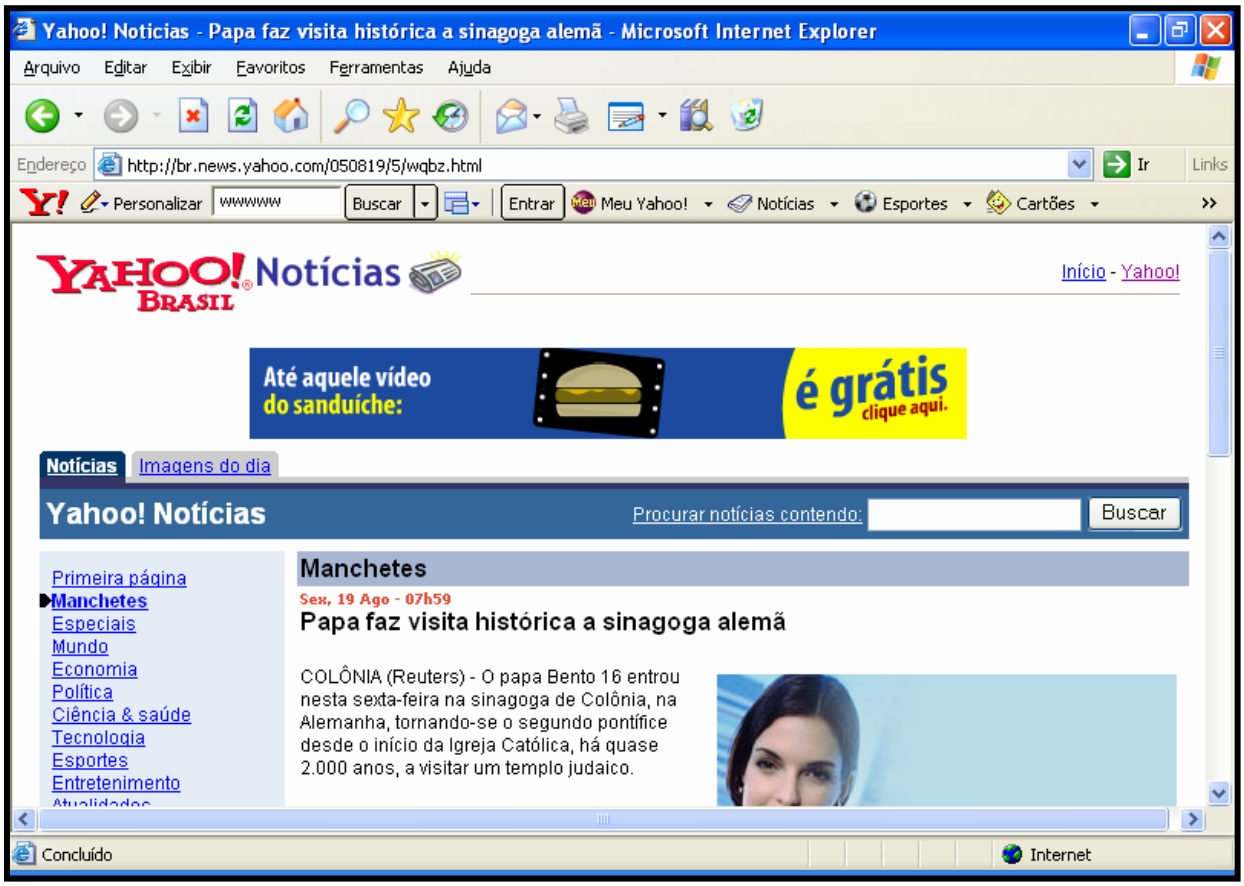
Jornal O Globo - Microsoft Internet Explorer
Arquivo Editar Exibir Favoritos Ferramentas Ajuda
Endereço http://oglobo.globo.com/jornal/
País
Plantão
Rio
São Paulo
Especiais
Boa Viagem Online
Bomba Atômica
Brasileirão 2005
Comércio Exterior
Fórmula-1
Impostos
Motoristas.com
O Globo 80 anos
Petróleo e Gás
Revitalização
Segunda Guerra
Simulados Megazine
Viver Melhor
PROJ. MARKETING
Educando o Cidadão para o Futuro
Cirurgia de Malu Mader dura quatro horas
Atriz extraiu um cisto benigno da parte frontal da cabeça
Romário terá que explicar ligação com traficantes
Citado em grampo, atacante do Vasco é chamado a explicar na polícia suposta relação com Bem-Te-Vi e Bola
Celebridades podem ser chamariz do tráfico
Gênios da bola fazem tabelinha histórica
Em sua estréia comandando programa de TV, Maradona recebe Pelé em clima de amizade e descontração. Teve até troca de passes de cabeça, para alegria da platéia e dos telespectadores por todo o mundo
Barrichello é confirmado na BAR
Seleção é recebida com festa na Croácia
Celso Roth é demitido pelo Flamengo
Fluminense: Petkovic queria a dez, mas vai usar camisa oito
Avião cai na Venezuela com 160 a bordo
Aeronave ia do Panamá para a Martinica e teve uma pane nas
Professores da rede estadual de Pernambuco decidem manter greve
15h47m| O Mundo
Soldados entram no maior assentamento da Faixa de Gaza
Mais notícias
EDIÇÃO DE HOJE
O GLOBO
A maior tabelinha da História
PF pede o bloqueio de conta de Duda em Miami
Clique aqui e leia a edição completa
MANCHETES
Fazendo o download de dados http://oglobo.globo.com/jornal/inc/jornal.css...
Internet

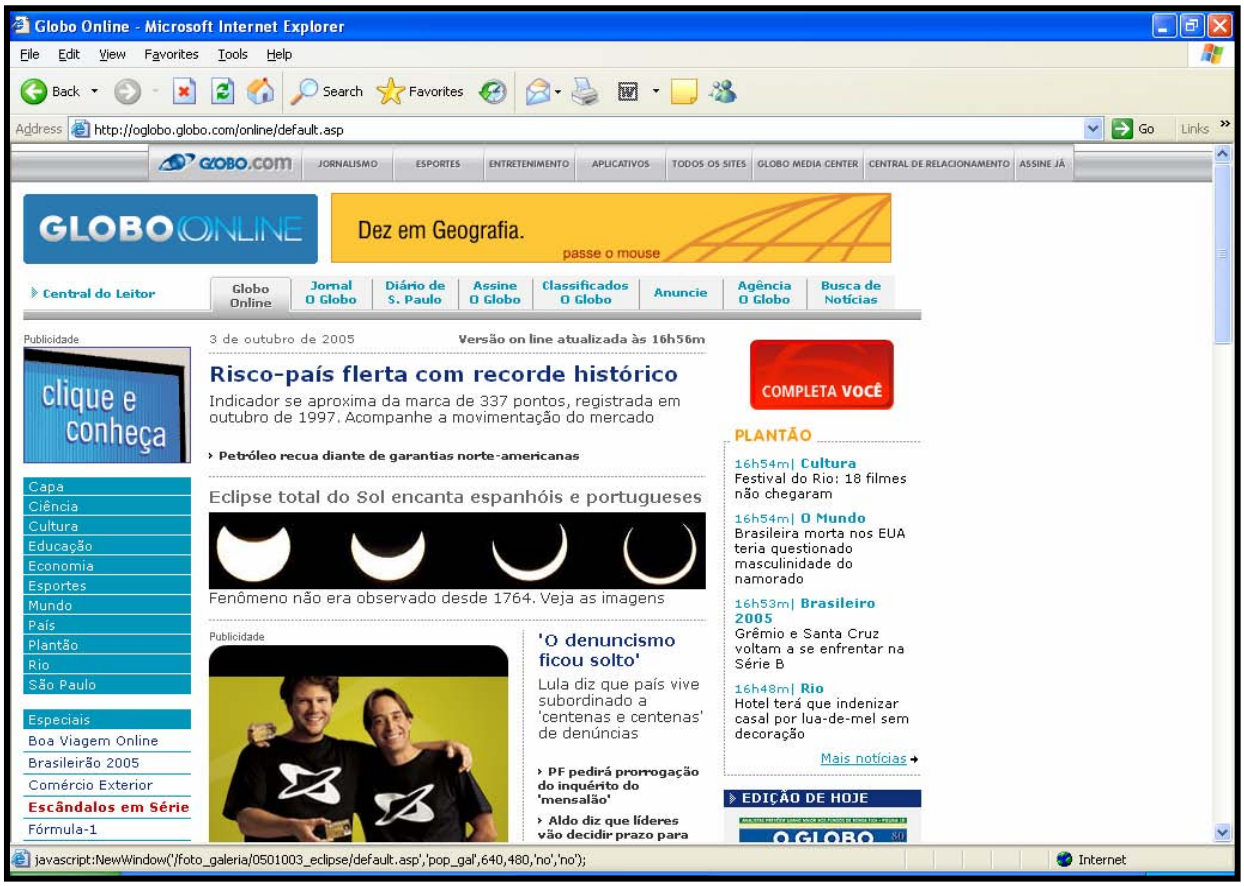

Globo Online - Microsoft Internet Explorer
Arquivo Editar Exibir Favoritos Ferramentas Ajuda
Endereço http://oglobo.globo.com/online/default.asp
A competição esportiva das escolas do Rio
ASSINANTES
Loja O Globo
Assine O Globo
Assinante Online
Clube do Assinante
SERVIÇOS
Guia de Serviços - Rio
Comprar Bem
Hands Plantão e guias no seu PDA
Seguros Online Faça sua cotação
Defesa do
Você está por dentro dos acontecimentos da semana no Brasil e no mundo? O Globo Online preparou um teste para você
DESAFIO GLOBO
Live 8 faz História
Astros da música se apresentam em 10 cidades de 4 continentes numa maratona pelos pobres
...The, Sting, The Cure
REM, Bono, Coldplay e ...
Líderes de França, Alemanha e Rússia apóiam ajuda à África
Mega-Sena acumulou, mais uma vez
Viagem - sem volta - ao centro do cometa
Nave da Nasa libera sonda que pode entrar para a História nesta madrugada, ao chocar-se com Tempel 1
O 'trailer' do choque. Veja a animação da Nasa
RIO
Inquéritos congelados no MP
Foram 389 inquéritos contra policiais civis sem qualquer movimentação de 1995 a 99
Animais estão proibidos nos circos do estado
Lei barra exploração de bichos
SÃO PAULO
Trauma aflige mães de craques
Seqüestros deixam marcas e transformam hábitos
Suzane Richthofen pode ser presa de novo
Alpiste para as rolinhas
Todas as colunas
HORÓSCOPO
Confira as previsões para hoje
HUMOR
Charge do Chico
Gatão de Meia-Idade
Lan
Radical Chic
Membro do Grupo de Diários América
BLOGS GLOBO ONLINE
Converse com nossos colunistas e colaboradores
BLOG DO BONEQUINHO
Fale com os críticos de cinema do Globo
As cotações dos filmes
PROMOÇÕES
http://www.oglobo.com.br/especiais/megazine/
Internet
Iniciar
MSN Messenger
Avaliação_Problema...
Globo Online - Micro...
22:11

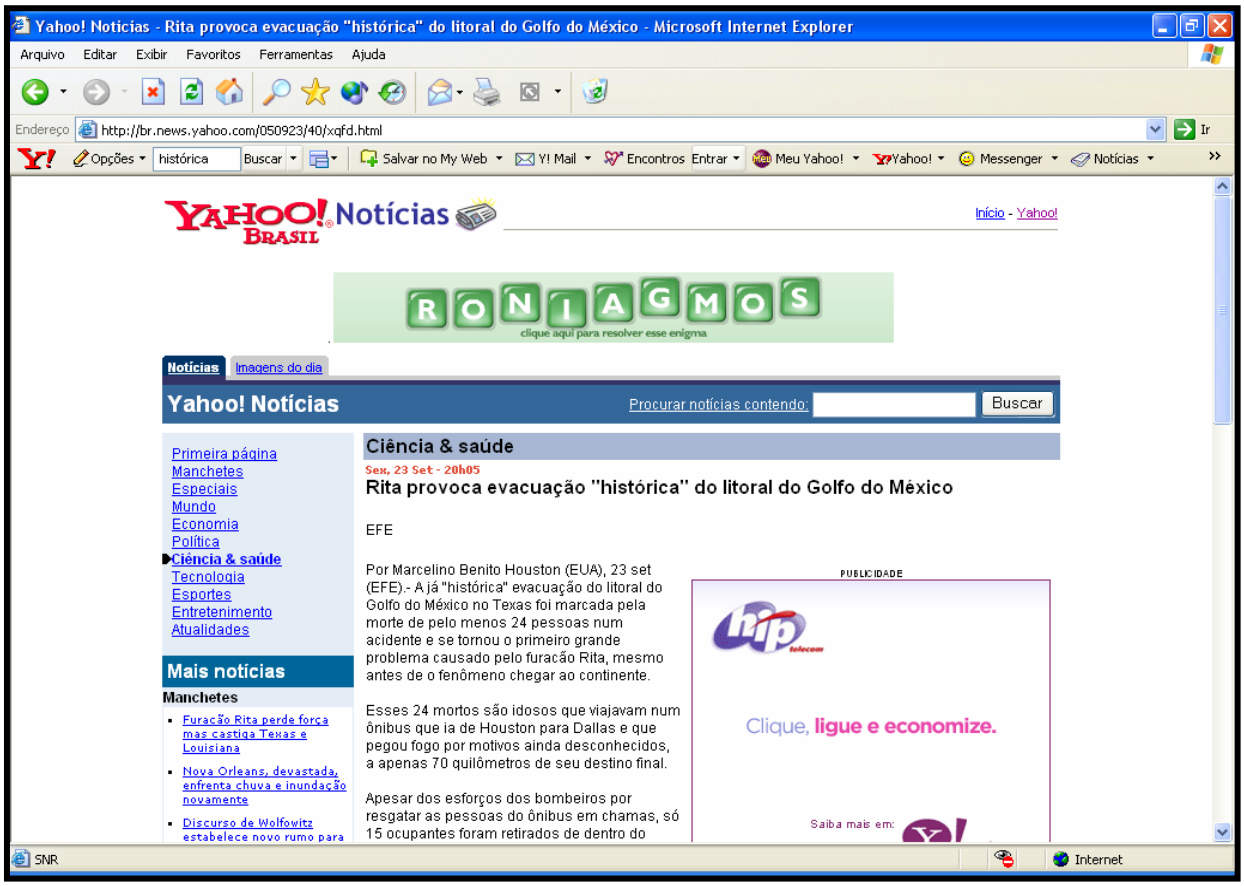

Folha Online - Primeiro jornal em tempo real em língua portuguesa - Microsoft Internet Explorer
Arquivo Editar Exibir Favoritos Ferramentas Ajuda
Endereço http://www.folha.uol.com.br/
Ir Links
Personalizar wwwww Buscar Entrar Meu Yahoo! Notícias Esportes Cartões
Ambiente
Bate-papo
Equilíbrio
Folhainvest em Ação
FolhaNews
Fovest
Guia da Folha
Horóscopo
Ooops!
Pensata
Turismo
SERVIÇOS
Arquivos Folha
Assinaturas
Banking
Classificados
Fale com a gente
Folha Online Móvel
FolhaShop
Loterias
Mapas
setembro. Em outubro, o aumento será de 5%.
Equador suspende exportações de petróleo
Leia o que já foi publicado sobre o reajuste do gás natural
BATE-PAPO
Futebol
Jornalista Rodrigo Bueno, da Folha, defende seleção brasileira com "quinteto ofensivo"
RETIRADA DE GAZA
Israel esvazia colônia em mais um dia de tensão
Soldados israelenses completaram nesta sexta-feira a retirada da colônia de Gadid, na faixa de Gaza.
Judeus escapam da polícia e invadem área palestina
Pesquisa revela que israelenses apóiam retirada
Retirada favorece bilateralismo, diz militar israelense
Leia cobertura completa sobre a retirada de Gaza
BENTO 16
Papa visita sinagoga em cidade de Colônia
Visita é histórica, já que, pela primeira vez, um sumo pontífice alemão pisa em uma sinagoga no país.
Líder judeu alemão pede para que papa abra arquivos
Leia o que já foi publicado sobre o papa Bento 16
Caixa dois pagou apoio a Lula no 2º turno, diz Delúbio
CPI DO MENSALÃO
Caixa 2 pagou apoio a Lula, admite Delúbio
Delúbio admitiu que R$ 457 mil sacados das contas de Valério foram para pagar a gravação de mensagens de apoio de Ciro a Lula no segundo turno da eleição de 2002.
BRASIL: Duda perde contrato com a Presidência
MUNDO: Batalha em sinagoga amplia drama em Gaza
Ombudsman: Veja o site
Prêmio Empreendedor Social
Hotel Faz.3Poderes R$55, pensão compl.
SuperCom Digital
Computadores a partir de R$59,00 mensais
Pisa Trekking
Jalapão - Tocantins, a partir de 3x R$ 630
CMA TradingSchool
Aprenda a investir em ações e opções.
Futuro
Micros com qualidade e preço baixo é aqui!
Farmácia em Casa
Pastilha Valda Diet 24g R$3,57
Manager Online
Cadastre seu currículo por até 7 dias grátis!
http://busca.folha.uol.com.br/search?q=reajuste+%22g%E1s+natural%22&site=online
Internet


Globo Online - João Paulo II - Microsoft Internet Explorer
Arquivo Editar Exibir Favoritos Ferramentas Ajuda
Endereço http://oglobo.globo.com/especiais/papa/
Ir Links
Personalizar Sebo on-line Buscar Y! Favoritos Y! Mail Meu Yahoo! Yahoo! Notícias Esportes Shopping
Igreja Católica herda um legado conservador
Das posições contra o aborto, a contracepção artificial, o homossexualismo à defesa do celibato, o Pontificado de João Paulo II ficará na História do Vaticano como defensor da tradição, para alguns, e como retrógrado, para outros. Clique e saiba mais
Um inimigo do comunismo
Críticas no Vaticano
A Teologia da Libertação
Os escândalos sexuais que abalaram o Vaticano
Já em idade avançada, João Paulo II deparou-se com uma das maiores amarguras de seu Pontificado: as denúncias de abuso sexual de padres contra meninos fiéis
O Papa e o perdão
Os perdões que João Paulo II pediu e registrou em documentos - como aos judeus, pela posição do Vaticano em relação ao Holocausto. Entenda
Encontros históricos I
Encontros históricos II
Doenças, as inimigas
João Paulo II resistiu durante anos a males como o de Parkinson, que tornou duros os últimos anos de sua vida
Com a palavra, João Paulo II
Clique e leia frases famosas do Papa
A poesia de Woytyla
Clique e leia trechos de poemas do Pontífice
Santo Padre tornado em um ícone pop
Flagrantes da popularidade de João Paulo II
Internet

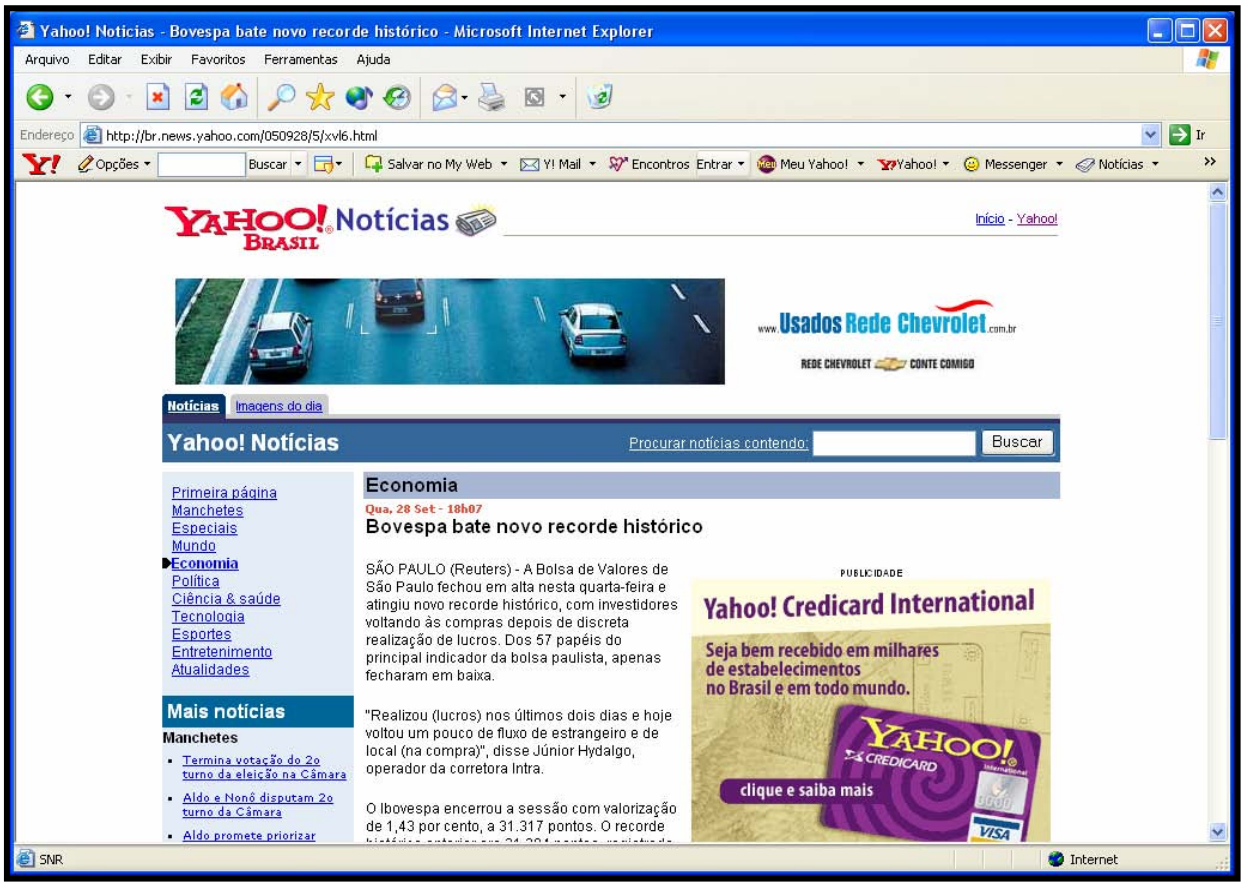

Folha de S.Paulo - Futebol: Corinthians faz história e assegura a Libertadores - 07/11/2005 - Microsoft Internet Explorer
File Edit View Favorites Tools Help
Back Search Favorites
Address http://www1.folha.uol.com.br/fsp/esporte/fk0711200504.htm
Go Links
UOL ASSINE BATE-PAPO BUSCA CENTRAL DO ASSINANTE E-MAIL SHOPPING UOL
FOLHA DE S.PAULO | INDICE GERAL
A PARTIR DE R$ 399,00 EM ATÉ 12X SEM JUROS
PALMS
FOLHA esporte
São Paulo, segunda-feira, 07 de novembro de 2005
Texto Anterior | Próximo Texto | Índice
FUTEBOL
Time domina clássicos e aplica maior goleada em adversário desde 1941
Corinthians faz história e assegura a Libertadores
EDUARDO ARRUDA
RODRIGO MATTOS
DA REPORTAGEM LOCAL
O Corinthians, que encerrou sua fase de clássicos regionais com o melhor retrospecto entre seus rivais paulistas, deu mais um passo rumo ao título Brasileiro em grande estilo.
Com os 7 a 1 no Santos, ontem no Pacaembu, a equipe do Parque São Jorge registrou a maior goleada neste Brasileiro, o placar mais elástico diante do time da Vila Belmiro nos últimos 64 anos e assegurou vaga Libertadores, torneio que não disputa
Done
Internet

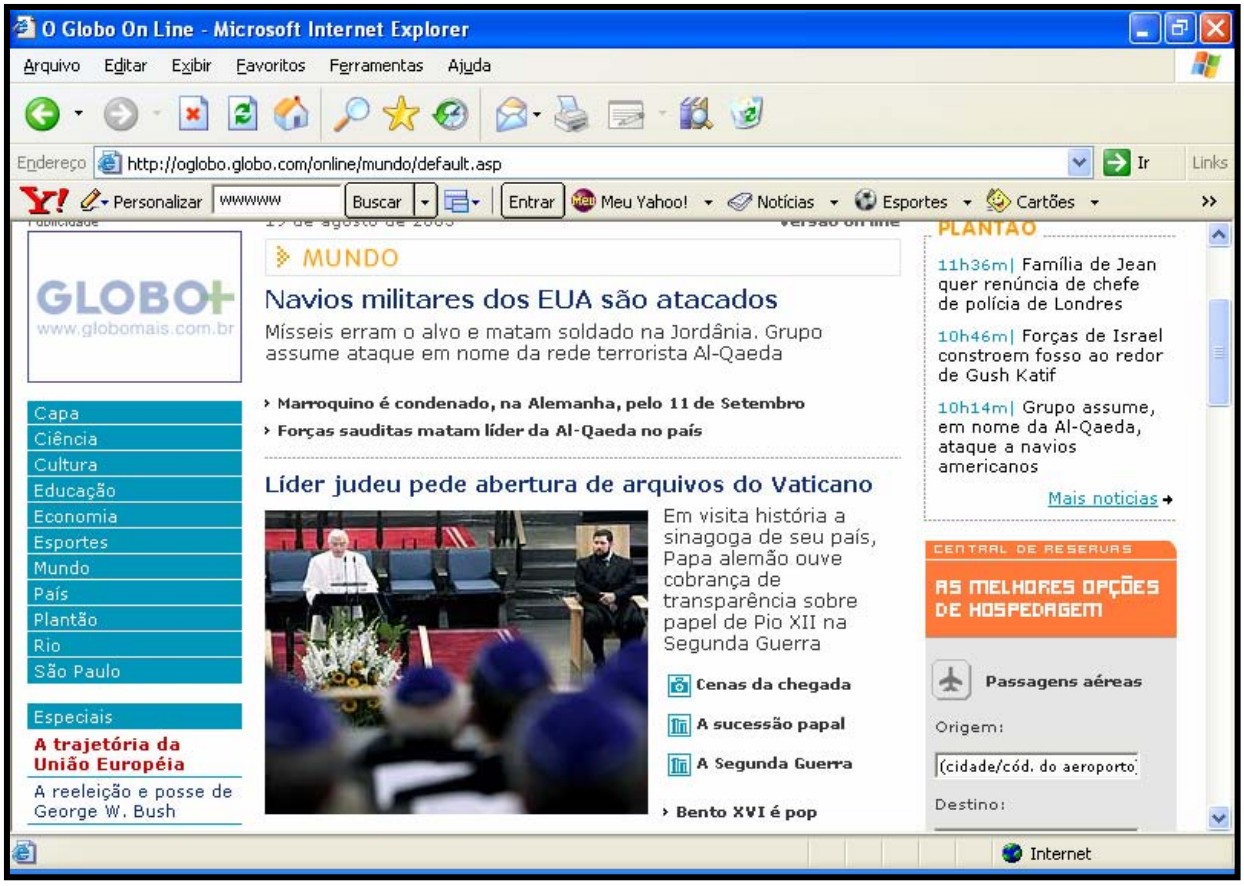

Yahoo! Noticias - Papa faz visita histórica a sinagoga alemã - Microsoft Internet Explorer
Arquivo Editar Exibir Favoritos Ferramentas Ajuda
Endereço http://br.news.yahoo.com/050819/5/wqbz.html
Ir Links
Personalizar wwwww Buscar Entrar Meu Yahoo! Notícias Esportes Cartões
YAHOO! BRASIL Notícias
Início - Yahoo!
Até aquele vídeo do sanduíche: é grátis clique aqui.
Notícias Imagens do dia
Yahoo! Notícias
Procurar notícias contendo: Buscar
Primeira página
Manchetes
Especiais
Mundo
Economia
Política
Ciência & saúde
Tecnologia
Esportes
Entretenimento
Manchetes
Sex, 19 Ago - 07h59
Papa faz visita histórica a sinagoga alemã
COLÔNIA (Reuters) - O papa Bento 16 entrou nesta sexta-feira na sinagoga de Colônia, na Alemanha, tornando-se o segundo pontífice desde o início da Igreja Católica, há quase 2.000 anos, a visitar um templo judaico.
Concluído
Internet

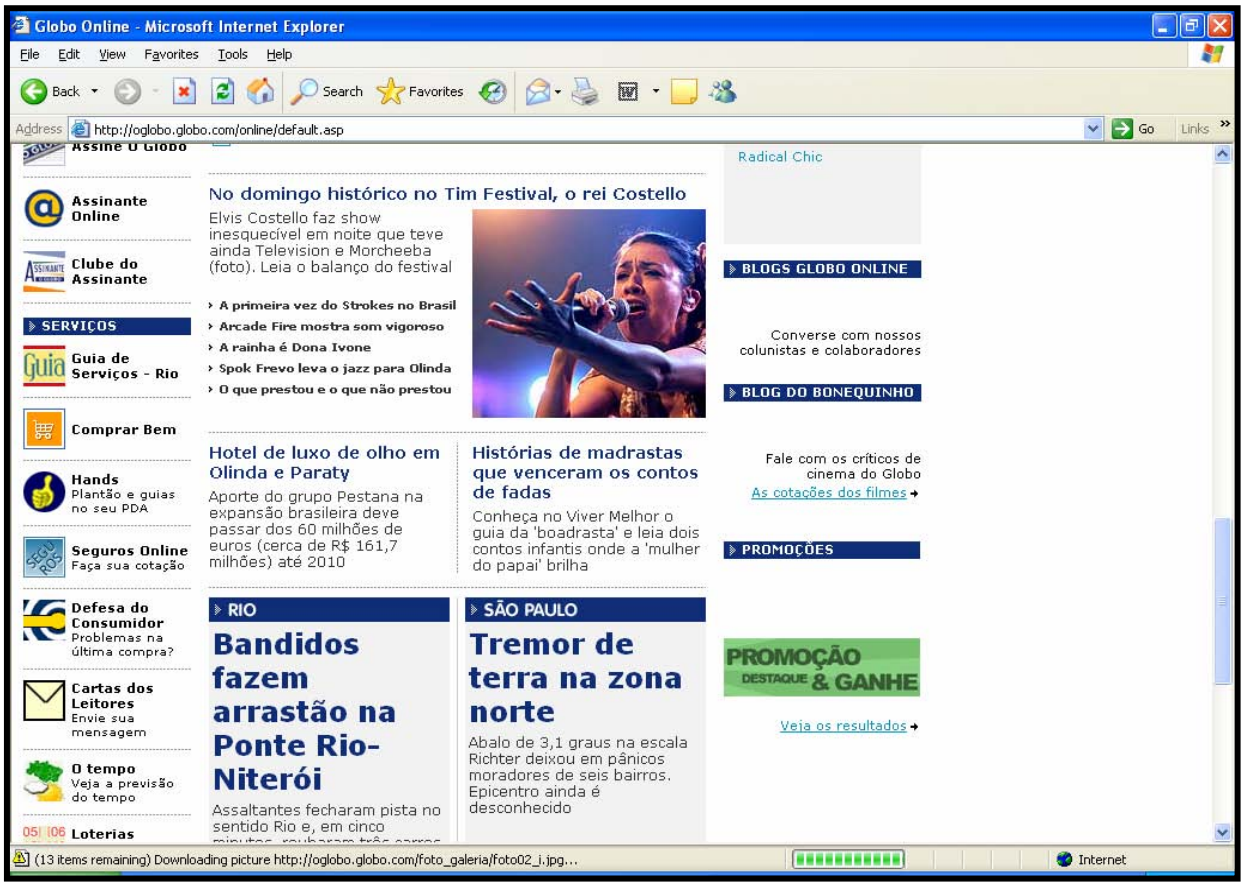

Globo Online - Microsoft Internet Explorer
File Edit View Favorites Tools Help
Back Search Favorites
Address http://oglobo.globo.com/online/default.asp
Go Links
GLOBO.com JORNALISMO ESPORTES ENTRETENIMENTO APLICATIVOS TODOS OS SITES GLOBO MEDIA CENTER CENTRAL DE RELACIONAMENTO ASSINE JÁ
GLOBO ONLINE
Dez em Geografia.
passe o mouse
Central do Leitor
Globo Online
Jornal O Globo
Diário de S. Paulo
Assine O Globo
Classificados O Globo
Anuncie
Agência O Globo
Busca de Notícias
Publicidade
clique e conheça
3 de outubro de 2005
Versão on line atualizada às 16h56m
Risco-país flerta com recorde histórico
Indicador se aproxima da marca de 337 pontos, registrada em outubro de 1997. Acompanhe a movimentação do mercado
Petróleo recua diante de garantias norte-americanas
Eclipse total do Sol encanta espanhóis e portugueses
Fenômeno não era observado desde 1764. Veja as imagens
Publicidade
'O denuncismo ficou solto'
Lula diz que país vive subordinado a 'centenas e centenas' de denúncias
PF pedirá prorrogação do inquérito do 'mensalão'
Aldo diz que líderes vão decidir prazo para
COMPLETA VOCÊ
PLANTÃO
16h54m| Cultura
Festival do Rio: 18 filmes não chegaram
16h54m| O Mundo
Brasileira morta nos EUA teria questionado masculinidade do namorado
16h53m| Brasileiro 2005
Grêmio e Santa Cruz voltam a se enfrentar na Série B
16h48m| Rio
Hotel terá que indenizar casal por lua-de-mel sem decoração
Mais notícias
EDIÇÃO DE HOJE
O GLOBO
Capa
Ciência
Cultura
Educação
Economia
Esportes
Mundo
País
Plantão
Rio
São Paulo
Especiais
Boa Viagem Online
Brasileirão 2005
Comércio Exterior
Escândalos em Série
Fórmula-1
javascript:NewWindow('/foto_galeria/0501003_eclipse/default.asp','pop_gal',640,480,'no','no');
Internet

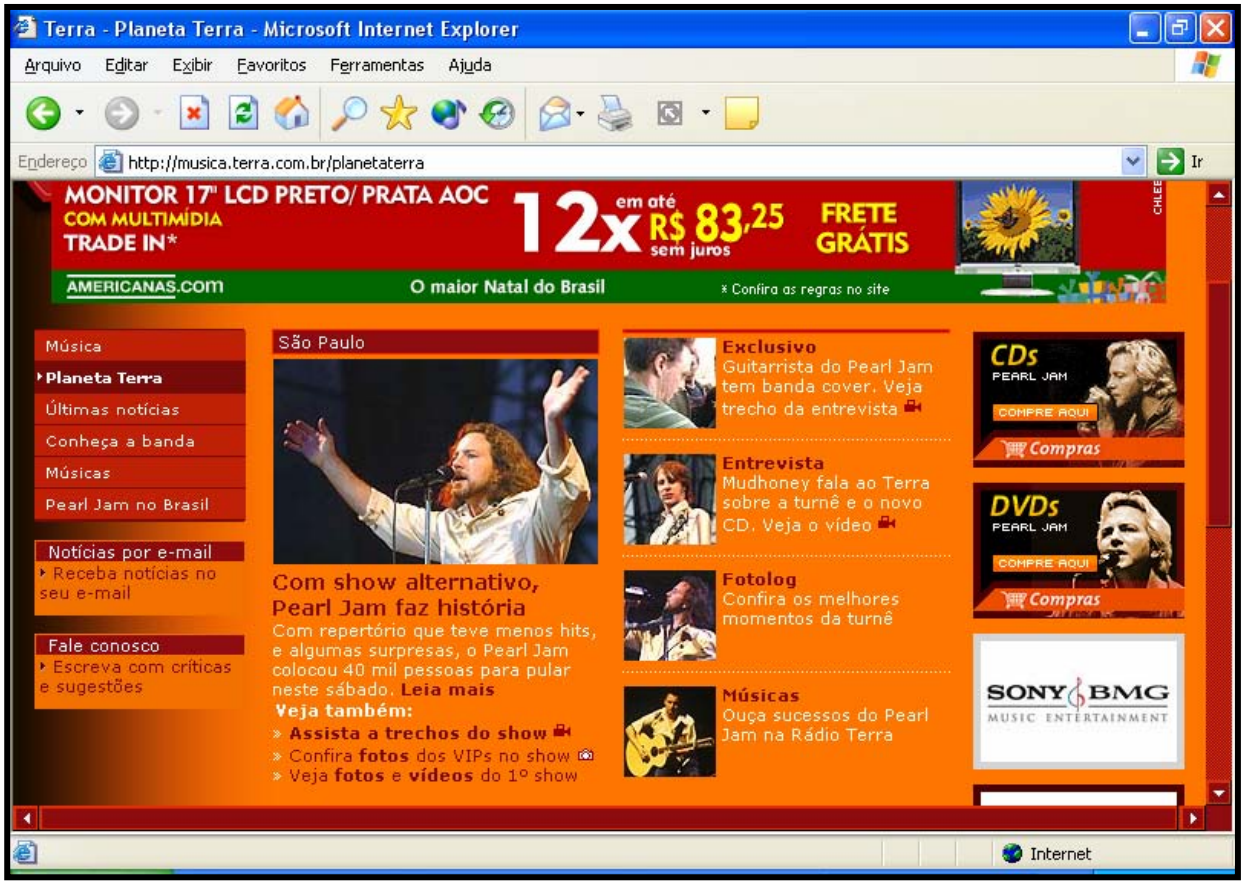

Yahoo! Notícias - Rita provoca evacuação "histórica" do litoral do Golfo do México - Microsoft Internet Explorer
Arquivo Editar Exibir Favoritos Ferramentas Ajuda
Endereço http://br.news.yahoo.com/050923/40/xqfd.html
Ir
Opções histórica Buscar Salvar no My Web Y! Mail Encontros Entrar Meu Yahoo! Yahoo! Messenger Notícias
YAHOO! BRASIL Notícias
Início - Yahoo!
RONIAGMOS
clique aqui para resolver esse enigma
Notícias
Imagens do dia
Yahoo! Notícias
Procurar notícias contendo:
Buscar
Primeira página
Manchetes
Especiais
Mundo
Economia
Política
Ciência & saúde
Tecnologia
Esportes
Entretenimento
Atualidades
Mais notícias
Manchetes
Furacão Rita perde força mas castiga Texas e Louisiana
Nova Orleans, devastada, enfrenta chuva e inundação novamente
Discurso de Wolfowitz estabelece novo rumo para
Ciência & saúde
Sex, 23 Set - 20h05
Rita provoca evacuação "histórica" do litoral do Golfo do México
EFE
Por Marcelino Benito Houston (EUA), 23 set (EFE).- A já "histórica" evacuação do litoral do Golfo do México no Texas foi marcada pela morte de pelo menos 24 pessoas num acidente e se tornou o primeiro grande problema causado pelo furacão Rita, mesmo antes de o fenômeno chegar ao continente.
Esses 24 mortos são idosos que viajavam num ônibus que ia de Houston para Dallas e que pegou fogo por motivos ainda desconhecidos, a apenas 70 quilômetros de seu destino final.
Apesar dos esforços dos bombeiros por resgatar as pessoas do ônibus em chamas, só 15 ocupantes foram retirados de dentro do
PUBLICIDADE
hip telecom
Clique, ligue e economize.
Saiba mais em:
SNR
Internet

News: BOVESPA-Índice sobe e bate novo recorde histórico - Microsoft Internet Explorer
Arquivo Editar Exibir Favoritos Ferramentas Ajuda
Endereço http://about.reuters.com/dynamic/countrypages/brazil/1127505894nN23488645.ASP
REUTERS .COM.BR
Reuters.com | Reuters América Latina
The Business of Information
Home | Quem Somos | Produtos | Notícias | Fale Conosco | Envio de Currículos
Notícias do Brasil
Notícias do Mundo
BOVESPA-Índice sobe e bate novo recorde histórico
23 Sep 2005 16:04
SÃO PAULO, 23 de setembro (Reuters) - Especulações em torno do fim do imbróglio societário da Brasil Telecom <BRTO4.SA> ajudaram a Bolsa de Valores de São Paulo a subir nesta sexta-feira e renovar seu recorde histórico.
Segundo dados preliminares, o Ibovespa <.BVSP> avançou 1,86 por cento e fechou a 31.249 pontos, elevando para 4,81 por cento o ganho na semana.
A maior alta do indicador foi registrada nas ações da operadora Brasil Telecom, que subiram 11,55 por cento e figuraram entre as mais negociadas.
COPYRIGHT © 2000 Reuters Limited. All rights reserved.
HEADLINES
24 Sep 2005
Furacão Rita perde força mas castiga Texas e Louisiana
23 Sep 2005
Annan dá ares de importância para cúpula com resultados modestos
Trichet alerta para impacto "muito significativo" do petróleo
Apolônio de Carvalho, um dos fundadores do PT, morre aos 93 anos
G7 diz que petróleo ameaça crescimento mundial
CONSOLIDA-Rita ameaça catástrofe no Texas; Nova Orleans alaga
Emissoras se afinam em torno de padrão para TV digital
Alguns texanos teimam em ficar apesar da ameaça do Rita
Bush cancela viagem ao Texas para não atrapalhar resgates
Reclamações contra celulares diminuem, segundo Anatel
ATUALIZA2-Governo revê Orçamento,acena com verba a parlamentares
PT quer investigar privatização das teles na CPI
PL decide retirar pedido de cassação de Romeu Queiroz
ATUALIZA-Fogo em ônibus com refugiados do Rita mata 24 idosos
ATUALIZA2-Cade multa siderúrgicas por cartel, empresas reclamam
Peru protesta contra apoio de governador japonês a Fujimori
Concluído
Internet


Yahoo! Notícias - Bovespa bate novo recorde histórico - Microsoft Internet Explorer
Arquivo Editar Exibir Favoritos Ferramentas Ajuda
Endereço http://br.news.yahoo.com/050928/5/xvl6.html
YAHOO! BRASIL Notícias
Início - Yahoo!
www.Usados Rede Chevrolet.com.br
REDE CHEVROLET CONTE COMIGO
Notícias
Imagens do dia
Yahoo! Notícias
Procurar notícias contendo:
Buscar
Primeira página
Manchetes
Especiais
Mundo
Economia
Política
Ciência & saúde
Tecnologia
Esportes
Entretenimento
Atualidades
Mais notícias
Manchetes
Termina votação do 2o turno da eleição na Câmara
Aldo e Nonô disputam 2o turno da Câmara
Aldo promete priorizar
Economia
Qua, 28 Set - 18h07
Bovespa bate novo recorde histórico
SÃO PAULO (Reuters) - A Bolsa de Valores de São Paulo fechou em alta nesta quarta-feira e atingiu novo recorde histórico, com investidores voltando às compras depois de discreta realização de lucros. Dos 57 papéis do principal indicador da bolsa paulista, apenas fecharam em baixa.
"Realizou (lucros) nos últimos dois dias e hoje voltou um pouco de fluxo de estrangeiro e de local (na compra)", disse Júnior Hydalgo, operador da corretora Intra.
O Ibovespa encerrou a sessão com valorização de 1,43 por cento, a 31.317 pontos. O recorde
PUBLICIDADE
Yahoo! Credicard International
Seja bem recebido em milhares de estabelecimentos no Brasil e em todo mundo.
clique e saiba mais
SNR
Internet


O Globo On Line - Microsoft Internet Explorer
Arquivo Editar Exibir Favoritos Ferramentas Ajuda
Endereço http://oglobo.globo.com/online/mundo/default.asp
Ir Links
Personalizar wwwww Buscar Entrar Meu Yahoo! Notícias Esportes Cartões
GLOBO+
www.globomais.com.br
MUNDO
Navios militares dos EUA são atacados
Mísseis erram o alvo e matam soldado na Jordânia. Grupo assume ataque em nome da rede terrorista Al-Qaeda
Marroquino é condenado, na Alemanha, pelo 11 de Setembro
Forças sauditas matam líder da Al-Qaeda no país
Líder judeu pede abertura de arquivos do Vaticano
Em visita história a sinagoga de seu país, Papa alemão ouve cobrança de transparência sobre papel de Pio XII na Segunda Guerra
Cenas da chegada
A sucessão papal
A Segunda Guerra
Bento XVI é pop
Capa
Ciência
Cultura
Educação
Economia
Esportes
Mundo
País
Plantão
Rio
São Paulo
Especiais
A trajetória da União Européia
A reeleição e posse de George W. Bush
PLANTÃO
11h36m| Família de Jean quer renúncia de chefe de polícia de Londres
10h46m| Forças de Israel constroem fosso ao redor de Gush Katif
10h14m| Grupo assume, em nome da Al-Qaeda, ataque a navios americanos
Mais notícias
CENTRAL DE RESERVAS
AS MELHORES OPÇÕES DE HOSPEDAGEM
Passagens aéreas
Origem:
(cidade/cód. do aeroporto)
Destino:
Internet


Globo Online - Microsoft Internet Explorer
File Edit View Favorites Tools Help
Back Search Favorites
Address http://oglobo.globo.com/online/default.asp
Go Links
Assine O Globo
Assinante Online
Clube do Assinante
SERVIÇOS
Guia de Serviços - Rio
Comprar Bem
Hands Plantão e guias no seu PDA
Seguros Online Faça sua cotação
Defesa do Consumidor Problemas na última compra?
Cartas dos Leitores Envie sua mensagem
O tempo Veja a previsão do tempo
Loterias
No domingo histórico no Tim Festival, o rei Costello
Elvis Costello faz show inesquecível em noite que teve ainda Television e Morcheeba (foto). Leia o balanço do festival
A primeira vez do Strokes no Brasil
Arcade Fire mostra som vigoroso
A rainha é Dona Ivone
Spok Frevo leva o jazz para Olinda
O que prestou e o que não prestou
Hotel de luxo de olho em Olinda e Paraty
Aporte do grupo Pestana na expansão brasileira deve passar dos 60 milhões de euros (cerca de R$ 161,7 milhões) até 2010
Histórias de madrastas que venceram os contos de fadas
Conheça no Viver Melhor o guia da 'boadrasta' e leia dois contos infantis onde a 'mulher do papai' brilha
RIO
Bandidos fazem arrastão na Ponte Rio-Niterói
Assaltantes fecharam pista no sentido Rio e, em cinco
SÃO PAULO
Tremor de terra na zona norte
Abalo de 3,1 graus na escala Richter deixou em pânicos moradores de seis bairros. Epicentro ainda é desconhecido
Radical Chic
BLOGS GLOBO ONLINE
Converse com nossos colunistas e colaboradores
BLOG DO BONEQUINHO
Fale com os críticos de cinema do Globo
As cotações dos filmes
PROMOÇÕES
PROMOÇÃO DESTAQUE & GANHE
Veja os resultados
(13 items remaining) Downloading picture http://oglobo.globo.com/foto_galeria/foto02_j.jpg...
Internet


Terra - Planeta Terra - Microsoft Internet Explorer
Arquivo Editar Exibir Favoritos Ferramentas Ajuda
Endereço http://musica.terra.com.br/planetaterra
Ir
MONITOR 17" LCD PRETO/ PRATA AOC
COM MULTIMÍDIA
TRADE IN*
12x em até R$ 83,25 sem juros
FRETE GRÁTIS
AMERICANAS.com
O maior Natal do Brasil
* Confira as regras no site
Música
Planeta Terra
Últimas notícias
Conheça a banda
Músicas
Pearl Jam no Brasil
Notícias por e-mail
Receba notícias no seu e-mail
Fale conosco
Escreva com críticas e sugestões
São Paulo
Com show alternativo, Pearl Jam faz história
Com repertório que teve menos hits, e algumas surpresas, o Pearl Jam colocou 40 mil pessoas para pular neste sábado. Leia mais
Veja também:
» Assista a trechos do show
» Confira fotos dos VIPs no show
» Veja fotos e vídeos do 1º show
Exclusivo
Guitarrista do Pearl Jam tem banda cover. Veja trecho da entrevista
Entrevista
Mudhoney fala ao Terra sobre a turnê e o novo CD. Veja o vídeo
Fotolog
Confira os melhores momentos da turnê
Músicas
Ouça sucessos do Pearl Jam na Rádio Terra
CDs
PEARL JAM
COMPRE AQUI
Compras
DVDs
PEARL JAM
COMPRE AQUI
Compras
SONY BMG
MUSIC ENTERTAINMENT
Internet

O Globo On Line - Microsoft Internet Explorer
File Edit View Favorites Tools Help
Address http://oglobo.globo.com/online/economia/
GLOBO.com JORNALISMO ESPORTES ENTRETENIMENTO APLICATIVOS TODOS OS SITES GLOBO MEDIA CENTER CENTRAL DE RELACIONAMENTO ASSINE JÁ
GLOBO ONLINE
Four Points Sheraton
Reserve sua estadia.
Central do Leitor
Globo Online
Jornal O Globo
Diário de S. Paulo
Assine O Globo
Classificados O Globo
Anuncie
Agência O Globo
Busca de Notícias
Mude para a Barra da Tijuca ou Botafogo
Publicidade
passe o mouse para abrir
Você tem uma nova mensagem
3 de outubro de 2005
Versão on line
ECONOMIA
Risco encosta na mínima histórica
Indicador está 2 pontos acima do recorde. Bovespa avança e testa novo patamar. Dólar opera estável
› Mercado mantém projeção para o IPCA
› IPC-S tem inflação de 0,09%
Balança tem superávit de US$ 4,329 bi em setembro
Exportações e importações foram recorde no período
› Nova meta de exportação pode chegar a US$ 116 bi
PLANTÃO
16h51m| Financiamento à indústria naval será discutido em fórum nesta terça-feira no Rio
16h34m| Juros futuros fecham em leve baixa na BM&F
16h29m| Coster conclui nova montadora na Venezuela
Mais notícias
Capa
Ciência
Cultura
Educação
Economia
Esportes
Mundo
País
Plantão
Rio
São Paulo
Bondfaro.com
NOTEBOOKS
http://oglobo.globo.com/especiais/exterior/170101650.asp
Internet

Yahoo! Notícias - Sonda japonesa faz história ao recolher amostras de asteróide - Microsoft Internet Explorer
Arquivo Editar Exibir Favoritos Ferramentas Ajuda
Endereço http://br.news.yahoo.com/051126/5/zoxz.html
YAHOO! BRASIL Notícias
Início - Yahoo!
Assine Speedy e ganhe MP3 Player ou Câmera Digital.
Notícias Imagens do dia
Yahoo! Notícias
Procurar notícias contendo: Buscar
Primeira página
Manchetes
Especiais
Mundo
Economia
Política
Ciência & saúde
Tecnologia
Esportes
Entretenimento
Atualidades
Mais notícias
Manchetes
Polícia prende mais de 270 opositores em eleição no Egito
Sonda japonesa faz história ao recolher
Manchetes
Sáb, 26 Nov - 11h02
Sonda japonesa faz história ao recolher amostras de asteróide
Por George Nishiyama
TÓQUIO (Reuters) - Uma sonda espacial japonesa fez história no sábado ao aterrissar na superfície de um asteróide e recolher amostras de rochas que podem trazer pistas sobre a origem do sistema solar.
A sonda Hayabusa ("falcão" em japonês) conseguiu uma proeza delicada comparada por cientistas a fazer um avião jumbo aterrissar num Grand Canyon em movimento. Foi sua segunda e última tentativa.
Depois de analisar dados enviados desde a sonda, a Agência de Exploração Aeroespacial do Japão (Jaxa) disse que a Hayabusa
PUBLICIDADE
HOT POCKET
LANCHE PARA MICROONDAS
Sadia
Concluído
Internet

O Globo On Line - Microsoft Internet Explorer
File Edit View Favorites Tools Help
Address http://oglobo.globo.com/online/economia/
GLOBO.com JORNALISMO ESPORTES ENTRETENIMENTO APLICATIVOS TODOS OS SITES GLOBO MEDIA CENTER CENTRAL DE RELACIONAMENTO ASSINE JÁ
GLOBO ONLINE
Descubra qual é a gasolina com maior octanagem do mundo.
Passe o mouse
Central do Leitor
Globo Online
Jornal O Globo
Diário de S. Paulo
Assine O Globo
Classificados O Globo
Anuncie
Agência O Globo
Busca de Notícias
Publicidade
+ conteúdo para você e sua empresa
Capa
Ciência
Cultura
Economia
Educação
Esportes
Mundo
País
Plantão
Rio
São Paulo
Especiais
Boa Viagem Online
Comércio Exterior
Derivativos
Impostos
7 de novembro de 2005
Versão on line
ECONOMIA
Lucro do Bradesco é o maior da História
Maior banco privado do país supera marca do Itaú. Presidente do Bradesco aposta em crescimento do crédito e diz não acreditar em aumento da inadimplência
Ações do Bradesco se valorizaram três vezes mais que o Ibovespa
Submarino tem seu maior lucro trimestral
Site de vendas chega a 1,2 milhão de clientes
Amazon.com venderá conteúdo de livros pela web
É proibido vender pedaços da Lua, alerta Pequim
Uma empresa americana, aproveitando a euforia que as viagens de astronautas chineses
PLANTÃO
15h41m| Dólar cai 0,54%, apesar de leilão do Banco Central
15h37m| Auto-suficiência em petróleo vai gerar US$ 2 bilhões em divisas para o país
15h34m| Credores trabalhistas da Varig desaprovam proposta e pedem adiamento de assembléia
Mais notícias
GUIA 10+ DE LAZER DO RIO.
É TANTA DICA BOA QUE VOCÊ NÃO VAI MAIS PARAR EM
Done
Adobe Reader - [LINHADOTEMPO.pdf]
Internet

ANEXO II

(Exemplos de pessimismo)

Entrevista Jared Diamond

“A decisão do governo Bush de não ratificar Kioto é

O mundo à beira de um colapso

Reuters

JACQUES CHIRAC: mão de ferro para conter rebelião

França entra em estado de emergência

Lei extrema não foi aplicada nem em maio de 68

• Incapaz de pôr fim à rebelião de jovens em periferias, o presidente Jacques Chirac decretou ontem estado de emergência na França durante 12 dias, recorrendo a uma lei de 1955 nunca antes aplicada em seu território. A medida extrema foi adotada na guerra da Argélia, mas não chegou a ser usada durante os protestos de maio de 1968. Além de permitir o toque de recolher em cidades, a lei dá à polícia autoridade para revistar casas. Mas, apesar de duramente criticada pela oposição, surtiu pouco efeito. Ontem, no início da 13ª noite, a polícia informou que 76 veículos já haviam sido incendiados e que 57 pessoas tinham sido presas em várias partes do país. Desde o início da rebelião nos subúrbios, quase seis mil veículos foram incendiados. "A França enfrenta um momento de verdade e está ferida. Ela não se reconhece em suas ruas e áreas devastadas, nessa explosão de ódio e violência que destrói e mata", disse o primeiro-ministro Dominique de Villepin. **Páginas 30 e 31**

• RIO O GLOBO Domingo, 2 de outubro de 2005

ILEGAL. E DAÍ?

ENTREVISTA Lélia Fraga

‘Vai ser um caos se nada for feito’

quiteta defende remoção de favelas em áreas de risco de deslizamento ou de segurança para motoristas

Período, de cima para baixo: 11/09/2005; 07/11/2005; 02/10/2005 (O GLOBO).